This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

A 466958

ONDESSA

PROPERTY OF
The University of Michigan Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS

O SEGREDO DA VISCONDESSA

A propriedade d'este romance pertence á BIBLIOTHECA LUSO-BRAZILEIRA do Rio de Janeiro.

BIBLIOTHECA LUSO-BRAZILEIRA

O SEGREDO

DA

VISCONDESSA

POR

PINHEIRO CHAGAS

1871

LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA

6, Rua do Thesouro Velho, 6

869.8
P654 ac

13 — 253933

I

O MASSO COR DE ROSA

Amelia de Castro a Sophia Leite

Minha querida Sophia.

Faze um sacrificio á amizade! Deixa de escutar por um instante os lamentos do velho Oceano, que beija preguiçosamente os areiaes da garrida Leça (vou bem?), e attende ás doudices, que te vai narrar a tua velha amiga de ha quinze annos.

Quinze annos! Tres lustros, como diz o papá! Ha tres lustros que nos conhecemos! Tinha eu então cinco annos, e cinco bonecas! Agora tenho vinte annos, e bonecas nem uma! Bem diz o papá que o progresso é uma illusão.

Asseveram todos que não sou amoravel, que não possuo a minima dose de sentimento, que n'este coração pedregoso não brota a roxa flôr da saudade, e que só vegetam ruins abrolhos e detestaveis cardos! Protesto contra semelhante systema de cultura, e declaro alto e bom som que tenho saudades do tempo, em que podia correr e saltar á minha vontade, sem ouvir a mamã dizer constantemente «Amelia, tu não tens juizo! Isso não se faz, Amelia! Amelia, isso não são maneiras de uma senhora!

Amelia! Amelia! Amelia! Julgam talvez que, por eu ter a desgraça de já não andar de fato curto, hei-de renunciar completamente aos folguedos, que me agradam, e acceitar submissa esses divertimentos de convenção, com que se devem entreter as meninas da minha idade! extasiar-me n'um camarote do theatro lyrico perante as volatas dos cantores! tocar ao piano uma *rêverie* com os olhos em alvo, e physionomia de carpideira! córar, e baixar os olhos timidamente, quando um rapaz fitar em mim vistas apaixonadas!

Pois não! quando alguem se lembra de fazer isso, desfecho-lhe uma gargalhada tal, que o faço córar a elle e fugir immediatamente! Depois é ouvir os sermões da mamã: «O que hão-de dizer da minha educação?» Ora esta! eu não me eximo a córar, faço o que fazem os soldados, dou um homem por mim! Fica pago da mesma maneira o tributo de sange... nas faces.

Sophia, minha querida Sophia, isto vem a terminar n'uma grande desgraça! Se não me deixam socegada, vou para um convento, faço-me freira, quebro os oculos á abbadessa, faço andar as sórores n'um corropio, mettem-me n'um *in-pace* muito escuro, e passo os dias da minha mocidade a pão e agua. Pão sem manteiga, e agua da cisterna! Que horror, Sophia, que horror!

Mas, se eu principio a contar-te os meus infortunios, não acabo tão cedo!

Hei-de um dia escrever as minhas memorias, e n'ellas aprenderão as gerações futuras a não ambicionarem o vestido comprido, causa das minhas desgraças, e a considerarem

a boneca, o arco, e o volante como a trindade symbolica da verdadeira e solida ventura.

Dir-te-hei pois que estamos em Cintra! Tão fervorosamente anhelei a minha partida para o campo, julgando que me veria livre, por uns bons dois mezes, das tolas exigencias da etiqueta, e que poderia folgar desconstrangida n'esses fraguedos que eu julgava serem o Eden terreal sem fructo prohibido!

Não me enganei em parte, mas tive tambem amargas desillusões! Sim, é o paraizo, minha querida Sophia, são todas as pittorescas formosuras do teu Minho, conglobadas em viçoso ramalhete, condensadas n'um oasis delicioso que se depara de subito ao viajante fatigado da monotona charneca, arida e nua, que a separa de Lisboa.

Lembras-te d'aquellas lindas princezas dos nossos contos de fadas, que jaziam no fundo da selva ignota, defendida por terriveis dragões, que a occultavam zelosamente a todas as vistas? Quem podia domar as ferozes

sentinellas era amplamente recompensado pela esplendida belleza, que se lhe deparava. Ahi tens tu o que é Cintra; é a mais deliciosa princeza d'este mundo, escondida no seu alcantilado serralho, guardado por esses feios dragões, que se chamam Cacem, Papel, e não sei que mais, aldeotas horrendas, disseminadas n'um abominavel Saharà.

Mas n'este paraizo todas as arvores são prohibidas. A etiqueta metteu-se na carruagem comnosco, e veio impôr as suas leis enfadonhas n'estas ridentes paizagens! A etiqueta em Cintra! É o caracol no calice da rosa, nem mais nem menos.

Eu te conto a nossa vida. Todos os dias pela manhã damos um passeio á Pena, eu, o papá, a mamã, o conselheiro Barata, e um rapazote de Lisboa, que suppõe fazer-me a côrte, e que todos os dias presenteia a atmosphera com tamanha doze de suspiros, que estou intimamente convencido que é elle quem mais contribue para dissipar os nevoeiros, que todas as manhãs toucam a serra.

Eu por isso oiço-o suspirar com toda a pa-

ciencia, e espero que Deus me leve em conta este sacrificio feito á salubridade publica.

Chegamos á Pena, apeiamo-nos, visitamos invariavelmente as curiosidades do palacio, e depois subimos ao eirado da torre.

Extasi geral!

Conselheiro Barata encarrega-se da symphonia. Saca da caixa de rapé e offerece uma pitada *à la ronde*. O papá acceita, a mamã faz ceremonia, o meu joven enamorado recusa, e eu digo ao conselheiro que prefiro uma cigarrilha se elle as traz comsigo.

Tempestade na orchestra!

O rabecão do conselheiro grunhe um riso constrangido, a trompa do papá tosse irritada, a mamã faz uma pausa cheia de ameaças, o violoncello do rapaz solta ao vento um suspiro primeiro.

Depois sobe o panno e começa o canto.

O papá falla na Aurora de roseos dedos, a mamã queixa-se das constipações, e faz uma interpellação á nebrina, o conselheiro Barata lembra que na Cruz-Alta rezam as tradições que se ia collocar um fiel servidor do

senhor D. Affonso VI, e que d'ahi telegraphava com o infeliz rei preso n'um dos quartos dos paços de Cintra, o rapaz murmura: «Oh! se eu tivesse a lyra de Bernardim Ribeiro!» Eu contenho-me alguns instantes, e a final desato a rir.

Conselheiro Barata — Mocidade! mocidade!

Mamã — A menina não tem juizo.

Papá — Amelia! Lucrecia, matrona romana, que fiava o alvo linho no tecto conjugal, não consta que soltasse irreverentes gargalhadas perante os grandes espectaculos da natureza! A mythologia pagã, sensata como todas as locubrações dos povos antigos, deificava todos os phenomenos da creação, para ensinar aos homens o respeito e o acatamento para com todas as manifestações do poder divino. *Risum teneatis*, minha senhora! Seja cordata e séria, para que um dia se possa inscrever na sua loisa o tocante epitaphio que se lê no tumulo de Cecilia Metella: *Casta vixit! Domum mansit! Lanam fecit!* Disse.

O rapaz suspira, descemos as escadas, vamos beber agua á fonte dos Passarinhos, tor-

namos a cavalgar nos pacificos jumentos, e vimos almoçar a casa.

Passadas as horas do calor, desfilamos para Seteais; forma a vanguarda esta tua pobre amiga, escoltada pelo Bernardim Ribeiro em formato trinta e dois de quem eu tenho a desgraça de ser a Beatriz, por um viscondesito de velha raça que asseveram ser tambem meu pretendente, o que me parece o maior aleive que lhe teem assacado! Calumnias dos liberaes, minha Sophia, que não perdem occasião de deprimir estas viçosas vergonteas do tronco aristocratico portuguez, e que fingem suppôl-os capazes de olvidarem as nobres tradições dos seus antepassados, pensando n'outra coisa que não seja em toiros ou em cavallos!

Ergo-me para defender a innocencia calumniada, Sophia, e assevero *urbi et orbi*, como diria o papá, que o pobre visconde ainda me não fallou n'outra coisa que não fosse na belleza do seu alazão, e no apuramento de raça do seu baio, e, a respeito de segredos, só me tem confiado o modo de distinguir á primeira vista um toiro, que já foi á praça,

d'um toiro que ainda não foi, descoberta importante feita por elle, e que seria ainda hoje ignorada pelo mundo sabio, se o digno visconde me não revelasse, por obsequio particular, este fructo opimo das suas noites laboriosas.

É o sr. Amadeu Cibrão o terceiro *cavalier sirvente* da muito alta e muito poderosa senhora D. Amelia de Castro. Este Amadeu, apesar de não ser principe da Saboya, inspira serios receios ao meu Bernardim Ribeiro, que teme que se repitam as scenas historicas de ha tres seculos, e que esta nova infanta ingrata olvide as suas trovas, enlevada nos montes d'oiro em que Amadeu se offerece a enterrar-me viva. Creio que o pobre Ernesto d'Almeida já anda procurando casa com escriptos por estas brenhas de Cintra, afim de se metter a ermitão, quando se realisar o successo fatal. Não invejo a sorte das arvores, que lhe ouvem os queixumes, porque elle produz versos ainda com mais prodigalidade do que suspiros, vocação accessoria, que me obriga a desejar que elle suspi-

re sempre, porque, emquanto suspira, não recita versos.

Parece-me que te descrevi minuciosamente o nosso corpo de exercito; não fallo no centro, composto da mamã e duas amigas suas, nem na rectaguarda, onde nem por isso reina a melhor união, porque é formada pelo papá e pelo conselheiro Barata, que vêm em perpetua escaramuça por causa dos gregos e dos romanos, e onde se cruzam as citações com uma rapidez capaz de pôr em debandada o mais aguerrido exercito de archeologos.

Devo dizer-te que os tres cavalheiros, que me escoltam, são todos tres pretendentes mais ou menos acceitos pelo papá e a mamã, que me apresentam, para eu escolher, a riqueza, a nobreza, e a elegancia. Representa o tauromachico visconde a classe nobre, o elegiaco Ernesto a elegancia; a opulencia e a sapiencia foram de mãos dadas bafejar o berço do ditoso Amadeu. Amadeu é um profundo philosopho, cumpre-me dizer-t'o, que explica tudo quanto ha, principalmente as coisas de que ninguem se lembra de pedir a

explicação. Conheceu por exemplo este meu sestro de rir a proposito de tudo. Julgava eu até agora que me ria tanto pelos muitos ridiculos que via emtorno de mim, a mamã pelo muito mimo que me tinha dado, o papá pela degeneração dos costumes; pois todos nós nos enganavamos, e o illustre Amadeu illucidou-me a esse respeito. Eu rio-me, tu ris-te, elle ri-se (elle não! elle não se ri nunca) nós rimo-nos emfim, porque o contraste entre o finito e o infinito deixa de existir sómente na polaridade da fórma material e do sentimento intimo que representa, e esse sentimento passa a deprimir-se ante si, resultando d'isso um contraste abrupto e immediato. Entendeste? Não; pois eu entendi, e logo expliquei a uma amiga minha, de modo que elle me ouviu, que o contraste abrupto e immediato do finito dos seus olhos e do infinito do seu nariz era effectivamente uma das causas do meu riso, coisa que o escandalisou, segundo parece, porque se foi logo embora muito córado, e nunca mais tornou a fallar em casamento.

Ora aqui está o que é a gente comprehender as coisas de relance!

Gorou este primeiro projecto matrimonial, o que excitou de um modo incrivel as iras de meus paes. Appareceu depois o visconde, enviado pelo seu tutor para o mesmo fim. Imagino que deseja doirar o seu brazão por um processo mais seguro do que o systema galvanico. Infelizmente para as suas experiencias chymicas, não me sinto com disposições de fazer concorrencia aos discipulos de Ruolz, e declarei terminantemente a meus paes que entenderia fazer um desserviço á humanidade, se distrahisse das suas uteis locubrações o espirito de um moço, que póde talvez fazer uma revolução no futuro das coudelarias, e escrever um codigo tauromachico, onde os Carmonas do porvir irão beber, como em Castália bovina, as sabias lições que os hão de fazer grandes.

Ouvindo esta sentenciosa resposta, a mamã abanou a cabeça, e o papá respondeu que Silio Italico escrevêra a phrase: *Sudatus labor*, de proposito para ser applicada ao tra-

balho improbo que elle tinha para ver se conseguia dar-me um noivo, que os meus caprichos não repellissem, e vêr se eu, casada, assentava e tomava juizo.

Resta pois Ernesto d'Almeida, que todos os dias me promette a immortalidade, e que não descoroçoa facilmente por mais que eu o repilla com motejos capazes de excitarem a indignação do proprio Sancho Pança, o mais pacifico de todos os mortaes.

Aqui tens tu a aborrecida vida, que levo em Cintra, não conseguindo divertir-me senão á custa da reprovação dos assistentes, e das iras paternas. Mas ainda assim tenho liberdade, e uso d'ella que me regalo!

Quem me prender na gaiola do matrimonio, póde-se gabar de ser esperto; mas não ha perigo que tal succeda. Não sei que general dizia, creio que foi Napoleão: A bala, que me ha-de matar, ainda não se fundiu. Pois eu digo tambem, em fórma de madrigal da Arcadia: «A setta, que me ha-de ferir o coração, ainda não existe na aljava de Cupido.» Liberdade, liberdade e folgança! For-

memos uma cruzada, Sophia, uma cruzada contra o matrimonio! Préguemos a guerra santa. Derrubemos a Bastilha das conveniencias sociaes! Abaixo os suspiros, as *rêveries* ao piano, e a etiqueta! Abaixo o sentimentalismo!

Liberdade! igualdade! jovialidede!

Cintra, 30 de julho de 186.

Tua velha amiga

Amelia.

2.ª CARTA

Amelia de Castro a Sophia Leite

Severas contas tens a dar-me! O que! falta de franqueza comigo! Eras noiva e nada me dizias! E deixavas-me prégar á vontade contra o casamento, emquanto ias pondo em pratica os preceitos exactamente oppostos.

Pois apanhei-te em flagrante delicto! Sabe que o teu noivo está em Cintra, que a tua amiga tem a honra de o conhecer, e de

te dizer ao mesmo tempo que é o teu futuro esposo o mortal mais antipathico e insipido que tem vindo a este mundo, desde que morreu o padre Theodoro d'Almeida, homem a quem o conselheiro Barata consagra a maior veneração, e que ficou por conseguinte sendo considerado por mim como a creatura mais semsaborona d'este globo terraqueo, attendendo á soporifica semsaboria e outros merecimentos, que concorrem na pessoa do seu admirador.

Não nos percâmos em digressões, minha boa Sophia, e vamos desde já a narrar-te como foi que eu encontrei Mr. Edward, que ha de arrulhar comtigo toda a vida um epithalamio eterno como o conselheiro Barata, piegas como o poeta Ernesto d'Almeida, fastidioso como o philosopho Amadeu Cibrão.

Esta carta já eu sei que vai destinada aos flagicios d'um auto de fé. Que me importa a mim! Para isso mesmo a escrevo. Se vivesse no tempo de censura, e tivesse a desastrosa mania de ser escriptora, não havia de fazer um livro só que não fosse queimado pelo

Santo-Officio. Então que queres? Se eu tenho uma indole essencialmente opposicionista! Fez-me Deus assim! Aura-me, Sophia, e, quando queimares a carta, só te recommendo que deites as cinzas ao vento, e que digas: *Sic transit gloria mundi!* Isso contado ao papá ha-de fazer com que elle te vote ainda maior consideração; pois olha que meu pai venera-te profundamente, muito menos do que Lucrecia, mas quasi tanto como Virginia. Aponta-te sempre como bom modelo que eu devia ter diante dos olhos, e termina fazendo a tua apotheose, e dizendo que os romanos das eras primitivas te ergueriam altares! *Amen!*

Vamos ao assumpto:

Fomos um dia d'estes passeiar á quinta da Penha-Verde. Iam comnosco as Malafayas e o irmão. As Malafayas são as unicas meninas com quem me entendo, e o irmão é um bello rapaz, desconstrangido e folgasão. A Adelaide e a Julia teem ambas quinze annos, e o Frederico, o irmão, vinte e dois. Ah! mas não imaginas quanto brincamos; não

sei se o Frederico tem idéa de me fazer a côrte, ainda não reparei em tal; o que sei é que nem é massador como o Amadeu, nem pateta como o visconde, nem suspira como o Ernesto. Sóbe ás arvores quando nós queremos algum ninho, e cede emfim a todos os nossos caprichos. Se não fossem ellas e elle, morria de aborrecimento.

Fomos pois dar um passeio á quinta da Penha-Verde; tinhamos andado muito n'esse dia, vinhamos já de volta de Monserrate, e o conselheiro Barata e o conselheiro Castro, meu pai, depois de se terem reunido em sessão secreta, e de terem declarado que havia na sala o numero sufficiente, decidiram na sua alta sabedoria descançar á sombra das arvores copadas da quinta, e enviar Frederico á busca de provisões, a fim de se fazer uma merenda campestre. A mamã apoiou a decisão com suspiros plangentes, que revelavam que sentida elegia não entoava o estomago lá dentro! Frederico pôz-se a caminho, lançando-me, a mim e ás irmãs, um olhar doloroso, a que nós correspondemos

com despiedosas gargalhadas. Barata sentou-se, ou antes deixou-se cair ao pé de uma arvore, o que foi motivo para o papá lhe dirigir n'uma apostrophe, entre-cortada pelas gargalhadas com que a si proprio se applaudia, o *Tytire, tu patulæ recubans*... que o digno admirador do padre Theodoro d'Almeida acolheu com frouxos de riso, cujo som o proprio Verdi, que escreveu o côro final da segundo acto do *Baile de mascaras*, não seria capaz de metter na escala musical.

Emquanto não voltava Frederico, resolvemos, eu, Julia e Adelaide, ir jogar o jogo das escondidas; competiu-me ser a primeira a procurar abrigo onde me occultasse, e aqui parto eu, correndo a bom correr pelo meio do arvoredo, a buscar no mais cerrado d'elle um sitio onde me podesse esquivar ás vistas das minhas amigas.

Com o vestido um tanto arregaçado para correr mais ligeira, com o rosto affogueado de prazer e contentamento, respirando a plenos pulmões essa aragem balsamica de Cintra, ahi me embrenho eu na selva emmara-

nhada, olhando para um lado e para outro, procurando alguma d'essas grutas escusas, que tanto abundam na antiga quinta de D. João de Castro.

A ponto m'a deparou o acaso, e talhada de molde para as circumstancias. Uma cortina verdejante de castanheiros escondia uma pequena gruta, de cujo tapete relvoso entreví uma nesga pelos intersticios das folhas. Divisei tambem vagamente um vulto de nayade marmorea, de cuja urna invadida pelo musgo e quasi secca se escoava gota a gota um fio de agua cristallino, que produzia um ternissimo ruido caíndo na beira do tanque pequenino, que naturalmente havia de estar por baixo. Um passarinho, que saltava de ramo em ramo, desentranhava-se em cantares festivos, e parecia querer consolar a pobre nayade do seu isolamento e tristeza. Começavam já a aninhar-se n'aquelle verde recanto as sombras do crepusculo, e apenas um debil raio do sol moribundo vinha curioso espreitar a estatua mythologica, e como que lhe fazia desabrochar nos labios um sorriso melancholico.

Bravo! bravo! Então não comecei a fazer divagações poeticas, tal qual como se me chamasse Sophia Leite em vez de me chamar Amelia de Castro! Eu tenho ás vezes d'estes accessos: o que vale é que duram pouco, mas o que te peço que acredites é que n'essa tarde em nada d'isso pensei, lembrei-me só que era o sitio azado para me esconder, e, em vez de fazer as reflexões antecedentes, soltei um grito de alegria e corri para lá.

O que eu não esperava era a differença de nivel que havia entre a grutasinha, que me sorria ao longe, e o chão que eu ia pisando, de fórma que, em vez de tactear o terreno e de avançar com toda a cautella, fui correndo como uma estouvada que sou, affastei a ramaria dos castanheiros, e zás, falta-me o chão, vou escorregando por um escarpadosinho que estabelecia a communicação da selva com a Thebaida da nayade, e, equilibrando-me durante a descida que foi pequena, mas, desprendendo com o pé torrões e pedras, vou finalmente cair, sentada na relva mesmo ao pé da beira do tanque.

Mas oh! surpreza! oh! maravilha! oh! ignotos incantamentos da selva! imagina que, em vez de me achar a sós com a nympha, que se sorria travessa, acho-me tambem com um Fauno, a cujo lado fui exactamente cair sentada, um Fauno de casaco alvadio, ainda assim, um Fauno loiro e pallido, que estava lendo muito tranquillamente recostado na relva, com o chapéu collocado, para infelicidade sua, exactamente no meu caminho, e com o livro nas mãos exactamente ao alcance do meu braço, o que fez com que livro e chapéu fossem rebolando, impellidos pela minha queda, até ao tanquesito onde principiaram a aparar as gotas d'agua, que a nayade, com uma imparcialidade digna de especial menção, começou a deixar cair, ora n'um ora n'outro.

Imagina a sonora gargalhada com que eu saúdaria este acontecimento, gargalhada que fez redobrar os gorgeios do passarinho satisfeito de encontrar um echo, imagina a perturbação e enleio do pobre moço, que lhe vê caír das nuvens este aerolitho feminino, que

demais a mais se deixa ficar sentado muito tranquillamente ao pé d'elle, e lhe diz com ar magestoso:

—Salve, joven desconhecido! Por acaso é o senhor o ermitão d'esta Thebaida, e estaria lendo os psalmos de Jeremias? Desculpe-me, se vim interromper, de um modo um tanto inesperado, as suas asceticas meditações.

O pobre rapaz, quando eu lhe caí ao lado, em tão perfeita compostura, apresso-me a dizel-o, como Cesar ao baquear crivado de punhaladas, o pobre rapaz deu um pulo, e pozse a pé com toda a rapidez, ficando depois com o espanto pintado nas feições, vendo-me rir com tanto gosto, e reparando no tom zombeteiro com que eu lhe fazia a pergunta.

Pasmado, com os cabellos cheios de talosinhos de hervas (bonitos cabellos loiros tem elle, devo ser imparcial) com o casaco alvadio cheio de terra, e com uma verdadeira cara de contricção, parecia um rapaz de escola, apanhado em flagrante delicto pelo seu professor!

—O senhor parece que está com medo que

eu lhe dê palmatoadas, tornei inclinando a cabeça para o hombro direito e encarando-o com malicia, ou então julgará que sou o demonio disfarçado em mulher e que o venho desviar do caminho da salvação? Descance que sou uma simples mortal.

Parece-me, cara Sophia, que esta ultima frase estava mesmo a proporcionar-lhe ensejo para um comprimento, e que nem Telemaco, filho de Ulysses, guiado pelo sabio Mentor, deixaria em taes circumstancias de me dizer uma fineza. Mas, segundo parece, tu ainda és mais severa do que Minerva em pessoa, porque o meu eremita (em quem sem duvida já reconheceste o teu noivo) limitou-se a responder balbuciando:

—Desculpe... minha senhora... a surpreza... o inesperado. V. ex.ª magoou-se?

—Nada, não senhor. Mas olhe, parece-me que era melhor que fosse salvar o seu chapéu, e o seu Jeremias, que, em vez de estar sobre os rios de Babylonia, está debaixo da urna d'essa nayade, cujas gotas de agua, engrossando a torrente caudalosa dos prantos do

propheta, são capazes de produzirem dentro em pouco uma inundação que nos alague a todos.

O rapaz olhou para mim, espantado talvez da minha erudição biblica, e foi apanhar o chapéu e o livro sem dizer palavra.

—Ora diga-me uma coisa, tornei eu, o que pensou, vendo-me assim apparecer, como um fructo de arvore, desprendido pelo vento?

—Eu!... eu!... pensei que v. ex.ª tinha escorregado.

—Ah! pensou?! O senhor é muito perspicaz!

O teu noivo fez-se vermelho até á raiz dos cabellos Que feliz que tu és, Sophia! tens um noivo que se faz córado! Então escusas tu de córar, não é assim?

—Que lamentação estava lendo? continuei eu.

—Isto não é o livro de Jeremias, minha senhora, são as obras de lord Byron.

—Ah! d'esse poeta muito mal-creado, que disse a respeito de Portugal tantas insolencias!

—Deve desculpar, minha senhora, injustiças devidas unicamente ao genio irritavel de um poeta, que havia bebido o calice das amarguras domesticas. Demais, os poetas em geral são irritaveis, já o vate latino disse...

—Faz favor de me não fallar latim, tornei eu erguendo-me; tinha que vêr se essa negregada lingua, depois de todo o dia me perseguir, ainda se emboscava, para me martyrisar, nas solidões de Penha-Verde. Mas sabe qual é o verdadeiro motivo dos despropositos de Byron? É o orgulho, o egoismo, e a má creação d'esse intoleravel povo britannico.

—Perdão, minha senhora, respondeu elle inclinando-se gravemente, v. ex.ª ignora de certo que eu sou inglez.

Seguiu-se um silencio de alguns instantes. Creio que foi a primeira vez da minha vida que fiquei enleiada. Supponho até que cheguei a córar. Tinha dito uma inconveniencia. Como é facil de imaginar, isso ainda mais me irritou.

Comtudo haviamos ficado n'um silencio

embaraçoso. Ouvia-se apenas o rumorejar do vento nas folhas, o bater lento e monotono das gotas de agua na pedra, e os descantes do passarinho, que enrufava a garganta doirada pelo raio do sol, que parecia acompanhal-o nos seus saltos caprichosos.

Foi Eduardo quem primeiro fallou.

—Minha senhora, disse com o mesmo modo embaraçado de que por um instante se apartára para me fazer a grave observação, que me causou tanto enleio, v. ex.ª quer acceitar o meu braço?

—Para que? tornei eu.

—Para ter a honra de a conduzir a sua familia.

Desatei a rir.

—E porque motivo, mylord, tornei pausadamente, quer vossa graça ter a honra de me levar a minha familia?

—Mas... minha senhora...

—Teme pôr em risco a sua reputação? Então vá-se embora...

—É porque...

—Já disse; eu estou aqui perfeitamente.

Escolhi este sitio muito a meu gosto para jogar as escondidas com as minhas amigas. Se me dá licença, vou dar o signal convencionado para começarem a procurar-me.

E, encostando-me muito sem ceremonia ao hombro d'elle, firmei-me no plano inclinado por onde resvalára, e bradei com toda a força dos meus pulmões:

—Já!

Depois desci outra vez, e colloquei-me de modo que a estatua da nayade me encobrisse.

O teu noivo, Sophia, estava sem saber o que havia de dizer, nem o que havia de fazer. Via-se, pelo franzir das suas sobrancelhas, que a minha sem ceremonia lhe desagradava bastante. Que mestre de theologia! eu, se fosse a ti, casava antes com a regente do collegio em que andámos, aquella pobre velha, que tanta paciencia tinha para me aturar.

—Minha senhora, disse afinal, espero que v. ex.ª affiance a sua familia que nada fiz para a reter, antes pelo contrario me offereci para acompanhal-a.

—Ah! tornei eu sacudidamente, póde estar certo que hei-de asseverar que encontrei em colloquio com a estatua de uma nayade a estatua viva do *cant* britannico.

O teu noivo mordeu os labios, talvez para me mostrar que tinha uns dentes muito brancos; mas posso asseverar-te que foi coisa em que não reparei.

Não sei se ia para responder, mas eu fiz-lhe logo signal que se calasse. Ouvia já os risos das minhas amigas espalhadas na selva, e o gosto de palestrar com o sr. Eduardo não me sorria tanto que me privasse do prazer de dar uma estafa ás Malafayas.

Infelizmente esquecera-me de uma coisa; o meu chapéu desabado prendera-se, quando eu resvalára, a um dos ramos dos castanheiros, e ficára baloiçando-se a sabor das auras, revelando indiscretamente o sitio onde me escondera.

Effectivamente d'ahi a instantes ouvi-as dizerem: «Lá está ella! lá está ella», e os rostos joviaes das minhas companheiras appareceram logo no ponto por onde eu escorregára.

Mais prudentes porém do que eu, ou antes favorecidas pelo acaso, que as fez logo dar comigo e com Eduardo, e estacar soltando um grito de surpreza, não lhes succedeu o mesmo infortunio que a mim.

Como disse, deram um grito de surpreza, mas eu, pulando ligeiramente para junto d'ellas, e levando-as comigo, passando-lhes o braço á roda da cintura, desatei a correr depois de ter feito uma grave mesura a Mr. Edward, que me correspondeu cortejando-me profundamente, e fui-lhes dizendo pelo caminho de fórma que elle me ouvisse:

—Não façam caso, é a mumia de um inglez. Hei de dizer ao papá que o segredo da mumificação, que elle julgava que não fôra transmittido pelos povos egypcios aos povos modernos, encontra-se em Cintra na quinta da Penha-Verde.

Já andavam chamando por nós Frederico por um lado e meu pai por outro. Respondemos-lhes, fomos merendar, e voltámos para casa, depois de termos feito em Seteais a inevitavel estação.

Foi este o meu primeiro encontro com o teu noivo; depois tem elle ido a nossa casa, porque a mãi é conhecida da mamã. Soube então que estava justo, por conveniencias de familia, a que tu e elle accediam de muito bom grado, o casamento de Edward Hill com a sr.ª D. Sophia Leite. Que amiga! que amiga que tu és! A ti conto eu tudo, e tu és comigo de uma inexplicavel reserva! Bem sei que é a casta Diana a tua confidente! Mas, minha Sophia, o astro nocturno recebe tantas confidencias n'esse genero, que é impossivel que lhes dê attenção! Em todo o caso, eu e a lua ainda havemos de ter graves desavenças a esse respeito.

Agora, minha boa amiga, zanga-te com esta carta, se quizeres. Bem sabes que não me posso constranger; digo sempre o que penso. Não posso aturar doutores de vinte annos, rugas em frontes ensombradas por loiros cabellos, ausencia de sorrisos em rostos imberbes. Ora o sr. Edward Hill, emquanto a mim, tem esse triplice defeito, por conseguinte declaro-te que antipathiso solem-

nemente com elle, confessando-te ao mesmo tempo que sou, apesar dos teus peccados veniaes em amisade,

Tua velha amiga

Amelia.

Cintra, 8 de julho de 186.

3.ª CARTA

Edward Hill a Rodrigo de Azevedo

Meu bom amigo

Fazes-me falta. Esta minha indole selvagem, que tu só conseguiste entender e domar, obriga-me a refrear todas as commoções que desperta no meu peito esta esplendida Cintra, e a confial-as unicamente ao papel, ao papel frio e inerte, que não se abraza comigo no fogo que me lavra nas veias, quando a aérea fada d'estas serras incende a atmosphera, entornando nas voadoras urnas

das brisas, os calidos perfumes de uma noite de estio.

Que maldito genio o meu! Ha de me obrigar sempre a soffrer tormentos de Tantalo, a namorar a fonte das aguas vivas da juventude, e a não me atrever a refrigerar na cubiçada lympha o labio calcinado. Vagueio por estas deliciosas paizagens, escutando o cantico eterno da natureza, sentindo ferverem-me cá dentro as notas abrazadoras com que o meu coração tenta associar-se ás harmonias universaes; a lingua paralysa-se-me quando vae a traduzir o hymno fremente, balbucia quando devia deixar irromperem em borbotões as torrentes de eloquencia que anceiam por trasbordarem e revelarem a sêde d'amor que me devora, a ambição dos ineffaveis gosos que me sorriem, que leio claramente nas trovas do rouxinol, d'esse meigo poeta que entôa na devesa o epithalamio das rosas.

Á noite, quando tudo é riso e melodia no largo do palacio, onde se reunem, para ouvirem a musica do destacamento, as mais

lindas mulheres de Cintra, fujo com a mente povoada de imagens seductoras, e desço por essa deliciosa alameda de castanheiros, ao fundo da qual se desenrola uma paizagem immensa e verdejante que a lua envolve no seu candido véu. Ouve-se então ao longe a musica, purificada pela distancia d'essas dissonancias inseparaveis de uma banda marcial, e apenas como um harmonioso murmurio, que os sylphos, que doidejam no ar, vão uns aos outros segredando. Então levo a mão ao peito que arfa com violencia, oiço o rumorejar das frondes, o cantico solitario dos rouxinoes, e sinto na cabeça esbrazeada tumultuar um mundo de incognitas delicias. A natureza anima-se emtorno de mim, como nos tempos mythologicos, em que cada arvore escondia uma dryada, cada fonte uma nayade, como ella se anima nas crenças rusticas, que a povoam de fadas e duendes. E o suspirar da brisa, o murmurar da fonte, o ciciar do arvoredo transformam-se para mim em doces colloquios amorosos d'esses entes invisiveis, cuja felicidade cubiço.

Vejo passar na ardente phantasia vultos femininos de olhos azues e negros, de negras ou loiras tranças. Surgem-me alli, emboscadas na ramaria, essas mulheres risonhas, que a essas horas passeiam descuidosas, sem pensarem que ha n'este mundo um doido que daria a vida para que a lingua se lhe desenleiasse, e para que lhes podesse dizer:

«Tenho vinte annos, e só conheço o amor em sonhos que me abrazam. Quero amar, e anceio por essa felicidade inaudita, que faz com que a folhagem sussurre de prazer, com que palpitem no céu azul os raios luminosos das estrellas, com que a lua espalhe na terra os thesouros do seu fulgor, e com que as proprias ondas rugidoras ergam os seus braços de espuma para a melancholica Phebe, que se lhes esquiva resvalando no firmamento.

E alli fico horas e horas enlevado n'esse extasi que me tortura, e, se procuro distrahir-me d'esses pensamentos, se procuro considerar a paizagem com vistas de poeta contemplador, e não de poeta enamorado, se

tento erguer a mente ás alturas sublimes do extasi religioso, continuam sempre a saltear-me esses fervidos devaneios. Fito os olhos no céu, lembrando-me das palavras do poeta sagrado «*Cœli enarrant gloriam Dei,*» e os céus com os seus mundos de esplendor, o ar com os seus canticos, a terra com os seus perfumes, tudo murmura como no canto arabe de Washington Irving: «*Love, love, love,*» palavra magica e deliciosa, que balbucio em sonhos, e que me saúda ao despertar.

Estou vendo já o teu rosto espantado, e estou-te ouvindo perguntar: «Que delirio é esse? Que aspirações são essas? Pois tu não amas, e não és amado, tanto que vaes casar com uma formosa loira de vinte e dois annos, com o beneplacito da tua familia, e da familia d'ella?

É verdade; vi Sophia, a noiva que minha mãe me destinára, achei-a bella realmente, muito bem educada, cheia de sentimento e de modestia, e estou convencido que serei feliz com ella; mas, meu amigo, hesito em dizer-t'o, por tal fórma incomprehensivel

me parece; quando ruge no meu peito a procella do amor, não penso n'essa menina que de certo não entenderia, nem adivinharia os meus transportes. Amo-a sim, amo-a, devo amal-a, parece-me que a amo; porém, ao lembrar-me dos meus passeios de tarde, á beira do Oceano em Leça da Palmeira, ou á capella de Mathosinhos, parece-me impossivel que a minha noiva se contentasse com as banalidades amorosas que lhe dizia, e não presentisse que havia no meu peito ondas não menos impetuosas do que essas que viamos ao longe despedaçarem-se nas fragas da Foz, e cuspirem aos ares nuvens de espuma. Sophia era como o areial de Leça, que via uma ondasinha tranquilla beijar-lhe timidamente o regaço, e que não parecia imaginar que essas aguas, alli socegadas e brandas, eram as mesmas que lá adiante em horrido combate se encapellavam furibundas, e açoitavam tremendas as rugosas penedias. Não sabiam as pobres areias que a voz, que lhes entoava um doce madrigal, podia rugir tambem, e desprender esse cantico formidavel,

cujos segredes parece que só foram conhecidos pelos dois grandes poetas inglezes, Shakespeare e Byron.

Sentavamo-nos ambos á beira-mar, eu e Sophia. Timido, como sempre, fallava-lhe em mil banalidades, na lua e nas estrellas, na felicidade que nos esperava, e ella respondia-me n'um tom elegiaco, erguendo os olhos ao céu, e parecendo que declamava paginas dos romances que lera havia pouco. E nada mais! E isto repetia-se todos os dias, invariavelmente. E o meu coração não apagava a sêde que o devorava, de fórma que, quando negocios da minha casa nos chamaram a Lisboa, a mim e a minha mãe, não senti nem alegria, nem tristesa, e com a mesma indifferença espero o dia em que se ha de realisar o nosso casamento.

Mas ainda assim, Rodrigo, antes mil vezes casar com Sophia do que com uma incrivel estouvada que encontrei aqui em Cintra, que, apesar de ser lindissima, me desagrada solemnemente, e que faria, estou certo d'isso, á desgraça do homem que tivesse

a loucura de se namorar d'ella, ou ainda a peior doidice de se lhe ligar pelos laços matrimoniaes.

Imagina que fôra um dia d'estes á Penha-Verde, levando comigo um dos volumes do meu querido Byron. Estava uma tarde linda, e esses copados arvoredos murmuravam deliciosamente, ondeando a sabor da aragem, que se levantára e principiára a refrescar a atmosphera encalmada. Deparou-se-me um sitio lindo, onde podia deliciar-me com a leitura dos versos do bardo de Newstead. Uma nayade vestida de musgo, uma urna, d'onde a agua se desprendia gota a gota, e produzia, caindo na crystalina superfice de um pobre tanquesinho esse harmonioso ruido, que a nossa lingua, apesar de ser alcunhada de excessivamente aspera, exprime por uma onomatopéa intraduzivel nos outros idiomas: *splash*.

Uma alfombra aveludada offerecia-me ottomana mais macia do que a do mais luxuoso harem; as arvores escondiam completamente esse ameno retiro, e, para que me não fal-

tasse nenhuma das voluptuosidades condignas do prazer a que me ia entregar, um passarinho condescendente encarregára-se de compôr a musica das *Melodias hebréas* que eu ia lêr, acompanhamento que seria de certo mais agradavel ao grande poeta do que esse que foi composto por Braham e Nathan, e que tanto lhe desagradou que não alludia nunca sem desprazer a essas poesias, aliás das mais bellas que brotaram da sua opulenta e original imaginação.

Havia já perto d'uma hora que eu estava embebido n'esse deleite, quando sinto de subito um ruido ao meu lado, e vejo um vulto feminino, que, affastando a ramaria das arvores, resvala e vem cair sentado junto de mim.

Era linda, devo confessal-o, e nunca tão vivo fulgor de certo radiaram uns olhos negros mais travessos; levemente morena, essa ligeira sombra das suas faces dava um realce maior ás vívidas rosas em que vinha affogueada; as tranças negras fluctuavam ao desdem n'um collo alvo de neve, tão

alvo que me fez logo pensar que o ligeiro atrigueirado das faces era o mimoso signal, com que o sultão de fogo d'estes céus ridentes distingue aquellas que mais ama e que beija de preferencia.

Byron, o gentil poeta, que tão amado foi, nunca viu de certo nem em sonhos tão graciosa creatura. Nem a formosa Ignez, a hespanhola cujo meigo sorriso se esforçava, mas em vão, por dissipar as sombras de tristeza que annuviavam a fronte de Harold o romeiro, nem a condessa Guiccioli, que lhe poz aos labios a taça do amor inebriante d'uma italiana, nem a Haydé de D. Juan, nem a Angiolina do Marino Faliero, se podiam equiparar a esta formosura deslumbrante. De mim para mim murmurei os versos que estava lendo:

She walks in beauty, like the night
Of cloudless climes and starry skies;
And all that's best of dark and bright
Meet in her aspect and her eyes:
Thus mellow'd to that tender light
Which heaven to gaudy day denies.

Não te contarei a conversação que houve entre nós, conversação em que eu representei um papel bem ridiculo, devo confessal-o, mas em que ella se mostrou debaixo d'um aspecto, que não me fez formar a seu respeito opinião muito favoravel. Parece que não tem a minima idéa nem das conveniencias sociaes, nem sequer da mais simples delicadeza. Bem sei que o tal ou qual rancor, que lhe fiquei votando, é de certo um pouco devido ao ter-me ella torturado, embaraçado, enleiado, d'um modo incrivel. Emfim bem sabes que a unica coisa que não perdoamos aos outros são as nossas culpas, e ficamos odiando muito devéras quem nos proporcionou ensejo de as revelarmos em todo o seu esplendor.

Mas, ainda que attendâmos a isso, ainda que por conseguinte te peça que faças na minha apreciação o desconto, que imparcialmente entenderes que deves fazer, sempre te direi que tens de pintar na imaginação uma menina de educação equivoca, e muito affastada da modestia, de que em geral gos-

tamos de ver adornadas as pessoas d'esse sexo.

Isto que eu pensava, ainda impressionado pela irritação que me haviam causado as suas implacaveis zombarias e o seu modo *impertinente*, como nós dizemos, pude confirmal-o depois a sangue frio, porque tive occasião de ir frequentes vezes a casa de seus pais. A mãi d'ella é aquella boa senhora, filha de João Paulo Canavarro, que foi tão amiga de minha mãi, quando ambas eram ainda solteiras, amizade que conservaram depois de casarem, o que succedeu quasi pelo mesmo tempo. Porém, depois de nascer este teu amigo, enxerto britannico em terra meridional, e que liga, por estranha decisão da Providencia, o frio exterior do homem do norte ás paixões violentas que o sol d'este clima accende no espirito dos habitantes dos paizes do sul, depois de eu nascer, separaram-se as duas amigas, ficando a esposa do conselheiro Castro em Lisboa, e indo meus pais visitar a sua patria, d'onde voltaram depois para o Porto, onde residimos tanto tempo. Agora o acaso reu-

niu-as em Cintra, e pódes imaginar com que alegria se tornaram a vêr. Minha mãe, que, depois da morte de meu pai, tem vivido sempre uma vida solitaria, não sái agora de casa da sua amiga, e eu, sua companhia unica, vejo-me obrigado a fazer o mesmo.

Ahi tens por conseguinte o motivo, que me tem posto em contacto com a minha juvenil e formosa inimiga, porque ella, mostra-me tanta antipathia quanta é a que eu lhe consagro.

Realmente não gosto de mulheres romanticas, e as *précieuses ridicules* sempre me pareceu que mereceram devéras o castigo que lhes infligiu o latego de Molière, mas não posso tambem admittir que uma senhora, que se présa de ter coração, mostre por tudo quanto enleve e enthusiasme o espirito humano o desprezo que manifesta a sr.ª D. Amelia de Castro. A poesia, a musica, a pintura são alvo dos seus constantes motejos, e o que mais me espanta é a instrucção que esses motejos revelam. Parece que se deleita em conhecer a fundo as estatuas subli-

mes que povoam o Pantheon da humanidade, para lhes atirar lama com mais certeira mão. Não imaginas a impressão desagradavel que sentimos, quando aquelles olhos, que poderiam fulgurar affoitamente no formoso rosto da Fornarina, se fitam com desdem nos primores de Raphael, quando n'aquelles labios purpurinos que fariam descorar de inveja a boca mimosa de Laura, paira um sorriso desdenhoso das trovas de Petrarcha, quando a sua voz melodiosa (porque possúe uma linda voz) melodiosa e plangente como supponho que devia ser a de Malibran, entôa um dos suavissimos trechos de Bellini, e desfecha uma sonora gargalhada, apenas sente a commoção apoderar-se do animo do auditorio, que a escuta extasiada.

Notavel contradicção! Os seus sarcasmos não poupam os mais doces affectos, que ao mesmo tempo parecem ressumbrar do fulgor humido dos seus olhos aveludados! O fresco botão de rosa dos seus labios, que parece calice de nectar delicioso que sorveriam em delirio essas formosas abelhas que se chamam

amores, não deixa deslisar senão o fel da zombaria.

Que mulher, Rodrigo, ou antes que enigma!

Será esta uma nova esphinge de Thebas?

Se o fôr, reza por alma do teu amigo, porque não serei eu de certo o predestinado Edipo.

Crê-me

Todo teu

Eduardo.

Cintra, 9 de julho de 186.

4.ª CARTA

Amelia de Castro a Sophia Leite

Minha querida Sophia

Animou-se a estatua. O sol do enthusiasmo derreteu por um instante os gelos britannicos do teu noivo. Rompeu-se o habitual

e timido silencio de Mr. Edward. Lampejou verdadeiro fogo n'aquelles olhos, que não sabiam senão fitar em mim vistas reprovadoras. Desenrugou-se aquella personalisação do *shocking*, e, queres que te diga? apresentou-se-me debaixo d'um aspecto completamente novo.

Um dia d'estes, estavamos reunidos em minha casa, eu, o papá e a mamã, o conselheiro Barata, Edward, e a tua futura sogra. Talvez fosse por estarmos assim em *petit comité*, que o teu noivo ousou sair da sua costumada reserva.

Não sei como nem porque motivo meu pai e o conselheiro Barata começaram a fallar nas velhas obras primas litterarias, e a declamar contra a moderna escola; Eduardo ouviu-os silencioso, mas notei que os labios se lhe desfranziam n'um ligeiro sorriso; eu, encostada á janella, vagamente contemplava a graciosa Cintra, que se desenrolava em amphitheatro a meus pés, e que principiava a sacudir o torpor em que a haviam posto as calmas do meio-dia.

—O estudo do latim é completamente desdenhado, amigo Barata, dizia meu pae tomando uma pitada; não ha um só d'esses litteratinhos d'agua doce, que seja capaz de entender o *Mundus a domino constitutus* de Sulpicio Severo.

—Tem rasão, tem, amigo Castro, tornava o conselheiro Barata com um modo profundamente compungido, os bons estudos foram-se pela agua abaixo com a morte do padre Theodoro d'Almeida, e, emquanto a litteratura, vejo que está nas mãos dos tarelos, que tanto excitavam as iras do bom Filinto. Francelhos e tarelos, meu amigo, não temos outra raça.

Edward Hill sorria-se.

—O nosso amigo Hill, tornou meu pae esfregando as mãos, parece-me que não está muito conforme com a nossa opinião. Pois ha de dar as suas rasões. Diga-me lá, meu joven *Britannus hospitibus ferus*, como chamou Horacio aos seus compatriotas... Lembra-se, amigo Barata?

E, sorvendo uma nova pitada, meu pae

declamou com aquelle modo emphatico da antiga escola:

Visam Britannos, hospitibus feros,
Et lætum equino sanguine Concanum.

— Eh! eh! eh! continuou meu pae, refestellando-se com delicias na sua cadeira estofada, não tinham muito boa fama os seus patricios no tempo do Venusino, e aqui para nós, meu amiguinho, a moderna Albion não desmereceu muito no conceito das outras nações do juizo, que formavam os romanos a seu respeito nas eras anteriores. Longe de mim a idéa de o offender, mas eu entendo que os romanos eram homens perspicazes que nunca se enganavam.

— Mesmo quando julgavam que os britannicos eram os habitantes do fim do mundo, sr. conselheiro Castro? tornou Eduardo com o seu fino sorriso. É o seu velho amigo Horacio quem o diz: *Ultimos orbis Britannos.*

— Hum! hum! tornou meu pae ageitando-se na cadeira; ha coisas que... a geographia...

Meu pae balbuciava, mas via-se evidentemente que a muito custo cedia o terreno, e que não podia resignar-se a confessar que os romanos se haviam enganado pelo menos uma vez. Afinal pareceu ter encontrado um argumento decisivo, e, dando um pulo de alegria, e collocando os oculos em melhor posição, tornou:

— E então, então, meu amigo, acha que se enganaram? Se a Britannia já não é o fim do mundo, não vê ainda na America os *Ultimos orbis Britannos*, como dizia Horacio, os *toto divisos orbe Britannos* como accrescentava Virgilio? Que lingua se falla na extremidade da America, se não é a ingleza, senhor?

— Confesso a verdade do raciocinio, respondeu Eduardo desatando a rir, mas deve confessar tambem que Guilherme Penn contribuiu bastante para ajudar n'esse ponto a sagacidade dos habitantes da cidade eterna. Mas v. ex.ª ia-me a fazer uma pergunta, que esta digressão interrompeu.

— Ah! sim, ia-lhe a perguntar, se o tal

poeta côxo, de quem é tão enthusiasta, pescava alguma coisa da formosa lingua do Lacio?

—Peço perdão, sr. conselheiro; lord Byron era um profundo conhecedor da lingua latina, e admirador dos grandes poetas romanos, dos quaes traduziu alguns trechos.

—Era n'esse caso uma excepção, e uma excepção bem rara n'este tempo.

—De novo peço desculpa, sr. conselheiro Castro, mas devo dizer-lhe que raros são os grandes escriptores da actualidade, que não conheçam a fundo o velho idioma romano, e que não sejam familiares com os seus escriptores mais notaveis. Pondo de parte os meus compatriotas, entre os quaes, ainda assim, lhe podia citar por exemplo Walter Scott, limitar-me-hei a apontar-lhe nos francezes Victor Hugo, optimo latinista, Mery que tem n'esse ponto uma reputação européa, e que escreve em pleno seculo XIX versos latinos, que tem o sabor virgiliano, Alfredo de Musset, traductor de algumas obras de Horacio, e o escriptor, que talvez

v. ex.ª considere como o mais frivolo de todos, e que é, permitta-me que o diga, uma das mais elevadas intelligencias que teem ennobrecido a humanidade, um dos homens mais eruditos do seu tempo, e, curve-se pelo menos, sr. conselheiro, perante a superioridade que mais admira, um perfeitissimo conhecedor de todos os segredos da lingua latina.

— Quem é essa phenix? perguntou o papá.

— Alexandre Dumas.

A esta não poderam resistir os dois amigos; meu pae recostou-se no espaldar da cadeira, o conselheiro Barata poz as mãos nas ilhargas, e ambos desataram a rir, a rir como uns perdidos.

— Ah! ah! ah! exclamou meu pae com a voz entre-cortada pelas gargalhadas! Alexandre Dumas! o auctor de contos da carochinha! O romance só foi conhecido em Roma, senhor, quando principiou a decadencia, e no meu tempo não se faziam romances.

— Peço perdão, senhor, tornou Eduardo descorando ligeiramente, os romanos tinham

os contos licenciosos da sua mythologia, e no tempo de v. ex.ª escreviam-se romances cujos nomes não ouso pronunciar diante de senhoras.

Meu pae teve um ataque de tosse, e entornou no chão metade da caixa de rapé; vendo o embaraço do seu alliado, o conselheiro Barata, como habil general, operou uma diversão no flanco do inimigo.

— O nosso amigo Eduardinho, acudiu elle com um sorriso adocicado, vae-nos fugindo da questão... Estavamos fallando no latim, e por isso pedirei licença para voltar ao ponto de partida. Eu sou Portugal velho, meu caro senhor, sectario ainda do briche e da saragoça nacional, e, como me não entendo com esses livrecos francezes que inundam a nossa desgraçada patria, não fallarei nos grandes latinistas de nomes arrevezados, que ainda agora citou com tanta rapidez. Mas, voltando cá aos nossos patricios, sempre lhe direi, sr. Eduardo, que Filinto Elysio foi o ultimo poeta portuguez, latinista de enchemão.

—O que o não impediu, sr. Barata, acudiu Eduardo sorrindo-se, de traduzir Silio Italico de tal modo, que é necessario recorrer-se ao original para se entender a traducção.

—Ah! exclamou Barata, erguendo ao céu as mãos e os olhos, como Ignez de Castro faria se os algozes lhe não prendessem as mãos, ah! bom Filinto, bem fazias tu, motejando dos tarelos que te não entendiam. Aprendam, dizias tu, e verão como me entendem. E é natural que algum poeta moderno conseguisse verter mais *intelligivelmente* os vates latinos? Com os talentaços que por ahi fervem!

—Sim senhor. Basta-me citar-lhe as admiraveis traducções do seu grande poeta Castilho.

—Decadencia da arte, acudiu meu pae, dando um pulo na cadeira, vãs frandulagens de rima, ouropeis brilhantes, que disfarçam a putrefacção do cadaver. O esplendor da fórma é o signal evidente da morte da poesia.

—Mas, senhor, tornou Eduardo com voz

firme, se os poetas do seculo passado desdenhavam o esplendor da fórma, e acorrentavam aos grilhões da tradição classica a originalidade da idéa, onde estava então a poesia? Que resultado dava n'esse caso a ligação da fórma pobrissima com as idéas que iam pedir emprestadas ao amplo thesouro dos poetas gregos e latinos, chegando a ufanar-se d'isso quem mais forrageava n'esse campo florente?

—Cá estamos no argumento inevitavel, tornou meu pae, quebrar as correntes que são as peias do genio, obrigar a musa a precipitar-se infrene nos abysmos dos dislates, regeitar a «Arte poetica» de Horacio...

—Não injurie Horacio, sr. conselheiro Castro: o epicuriano de Tibur, quando escreveu desaffogadamente a sua epistola aos Pisões, nunca suppoz que lh'a tomariam como Regulamento disciplinar poetico. Se os homens, a quem tanto admira, seguissem o grande preceito que elle dá na sua magnifica epistola, não teriam escripto tantas obras

primas de convenção, perante as quaes se extasiam os professores de rhetorica.

—E então que preceito é esse?

—*Si vis me flere, dolendum est*
Primum ipsi tibi.

—E acha então que não foi executado esse preceito do grande poeta latino?

—Não, mil vezes não, tornou Eduardo com extraordinaria vehemencia, e é esse o grande crime da degenerada escola, que regeitou as gloriosas tradições dos seus antecessores da Renascença. Não; n'essa época, que vae dos fins do seculo XVII ao meiado do seculo XVIII, época que eu ás vezes quasi desejaria riscar da historia da humanidade, parece que cessou de palpitar o coração dos povos e dos homens. Esmagava a politica a mão de ferro dos despotas monarchicos, abafava a religião a mão gelada dos jesuitas, e essa dupla influencia, pesando na educação litteraria, fazia dos homens lacaios e dos poetas Boileaux.

Racine que fazia de Agamemnon e de Achil-

les uma especie de frequentadores do palacio Rambouillet, não chorava de certo ao escrever *Iphigenia*, e não se enternecia quando fallava n'esse pae absurdo que sacrifica a sua filha querida a um capricho do vento; não chorava quando punha em scena um Theramenes, que vem contar em trezentos versos pomposos a um pae afflicto a morte desastrosa de seu filho! Essa escola declamatoria abafava os gritos do coração, quando ia pegar na penna; essa escola declamatoria nunca pôde perceber que a poesia era a verdade sublimada, era o grito supremo da aguia ferida na terra, mas que se ergue aos ceus para soltar na immensidade solitaria o seu cantico de morte. Fallam em amor? Não encontram n'esse sentimento grandioso que faz do homem na felicidade um Deus, na dôr um anjo, senão um pretexto para requintados conceitos e frios madrigaes.

Fallam nos sublimes panoramas da natureza? Só disfarçada a admiram, só arrebicada a cantam, só artificial a adoram. A sua musa prostitue-se aos pés de todos os gran-

des, a sua lyra não sabe senão entoar, perante a posteridade absorta, os louvores mentirosos de vultos ignobeis ou nullos. Ah! admiram-se, espantam-se, compadecem-se da situação precaria dos poetas n'esse tempo! Porque? Lacaios sem prestimo, mendigos importunos, que mais queriam elles do que o pão do lacaio, e o ceitil do mendigo? Releiam os livros de versos dos seus escriptores do seculo passado, vejam as humildes epistolas com que elles andavam requestando de todos os duques e marquezes o pão que não queriam grangear com o seu trabalho, sob pretexto que Apollo e as musas os tinham destinado a fazerem madrigaes a Anarda, dithyrambos, e sonetos natalicios. Donosa occupação! Util empreza! Trabalho salutar! Seriamente, meus senhores, se eu vivesse n'esse tempo, creio que hesitaria em decidir qual era a praga mais ruim, com que Deus castigára essas gerações corruptas, se os frades, se os poetas.

—Então entende que não houve talentos n'esses dois ultimos seculos?

—Peço desculpa, senhor, houve-os e grandes. Eu mesmo ainda acho prazer, lendo as tragedias de Racine, mas é um prazer frivolo, um simples recreio de espirito, que não perturba o coração. Ah! o coração não se engana facilmente! Como o passarinho, escondido na ramaria, que saúda com os seus trinados os cantos dos seus irmãos que ouve ao longe, mas que se não deixa illudir pelas imitações mechanicas, assim o coração sabe distinguir com maravilhosa sagacidade os gritos que saem do fundo da alma das empoladas exclamações, que solta o frio machinismo da imaginação d'esses poetas. Não, não tinha coração quem dizia que a tragedia só devia traduzir os infortunios dos reis, quem não percebia que o coração do mornarcha e o coração do mendigo podem ser alanceados pelas mesmas dôres. Era proscripto o sentimento verdadeiro d'essa escola, em que Voltaire pôde alcançar fama de grande poeta, d'essa escola em que Filinto Elysio pôde ser apresentado como um dos primeiros cultores da poesia.

—Filinto Elysio! bradou o conselheiro Barata com os cabellos em pé, ousa negar a Filinto fóros de grande escriptor?!

—Não de grande escriptor; de grande poeta, sim, ouso! Poeta, Filinto! elle mesmo se encarrega de o negar! Tão poucas vezes repete que escreve versos para se entreter? Para se entreter! Porque não fazia antes caixinhas de papel? Não dizia francamente:

Eu não armo ao louvor, armo ao dinheiro?

Poeta! o homem que vê de perto em Pariz as scenas sanguinolentas do Terror, e que nem solta uma vez só um grito de compaixão ou de indignação! Que se importa elle com esses lugubres espectaculos? Os seus versos são unicamente para lastimar o ter as camizas rotas, não ter bom vinho na adega, e outros assumptos poeticos d'este feitio! Não, eram raros os poetas n'essa turba de versejadores, aqui Bocage, além Molière, e, como precursor das novas eras, André Chénier!

—E então, n'esse caso, faz favor de me definir a poesia, como a trouxeram os grandes desprezadores das tradições?

—E sabe d'onde a trouxeram, senhor conselheiro Castro? Do exilio, d'onde viera tambem a grande poesia biblica. O sopro gigante da Revolução, derrubando o velho solar da sociedade, deixou ver a harpa das tristezas pendurada nos muros derrocados.

Os homens d'esses tempos, para curarem as ulceras rasgadas pela mão de desconhecidos infortunios, levaram aos labios a amphora onde se continha o balsamo do christianismo puro, e a amphora sagrada exhalou, mal lhe tocaram, as suavissimas fragrancias da nova poesia. Que abysmo, senhor conselheiro Castro, entre Volney e Chateaubriand! Ambos contemplaram as ruinas, ambos calcaram o pó dos imperios, ambos se sentaram nos fustes prostrados das columnas de Palmyra! E as ruinas, frias para o sceptico, modularam canticos suaves ao ouvido do romeiro christão! Que abysmo entre Parny e Lamartine! O coração, por tanto tempo mu-

do, fallava emfim! A mulher, rehabilitada por Jesus, era finalmente o anjo da existencia! Aspasia transfigurava-se, e chamava-se Elvira! Caía-lhe da fronte pallida a grinalda de rosas, e por cada petala desfolhada brotava um raio de luz! A natureza erguia emfim as suas vozes multiplas, e os poetas não se envergonhavam já de escutal-as e traduzil-as! A poesia deixou de ser uma futilidade, sr. Castro, e a meiga virgem, vestindo a alva chlamyde, sentou-se triumphante no seu throno de esplendores. A poesia foi então a labareda do fogo intimo, a lava do volcão das paixões, como foi tambem o suspiro da harpa eolia, que nos vibra cá dentro, o perfume da flor dos meigos affectos.

—O que eu lhe posso affiançar, senhor, é que essa nova poesia tem feito nascer uma chusma de poetastros, cujo zumbir me é insupportavel.

—Está o jantar na meza, disse o criado entrando.

—Sejâmos justos, tornou Eduardo sorrindo, eu atirei a luva aos Filintos e aos Raci-

nes, tendo da minha parte os Castilhos e os Hugos. Com os Argantes combatem os Tancredos. Deixemos em paz a miuçalha. Não fallem nos Montvaillant, como eu não fallei nos Chapelain. E, se me dá licença que tome uma liberdade de amigo da casa, dir-lhe-hei que o seu criado nos deu uma noticia que regalaria Filinto, e que tambem não deixa de nos regalar a nós. Não obriguemos o seu cosinheiro a requentar o jantar; é esse um preceito de Boileau, e eu, se lhe não obedeço como dictador da poesia, sigo-o ás cégas como gastronomo.

—E então qual é o preceito de Boileau? disse meu pai, rindo, levantando-se ao mesmo tempo, e sacudindo do peitilho da camiza uma nuvem de rapé, que entornára no calor da discussão.

—Ora essa, senhor conselheiro Castro, nem eu, nem Boileau lhe perdoamos a sua falta de memoria. Oiça pois, oiça tambem, senhor conselheiro Barata:

Un dîner réchauffé ne valut jamais rien

—Pois bem, disse meu pai que não é de reserva, rindo ás gargalhadas, viva Boileau, e vamos para a meza, e, como vejo que a respeito de Horacio estamos de accordo, far-lhe-hemos uma saúde não com Falerno, mas com um Porto de 1815, que o proprio Venusino julgaria ser o nectar da adega de Jupiter! Para a meza, minhas senhoras; para a meza, meus senhores! Offereça o braço a minha filha, meu joven romantico; amigo Barata, seja braceiro de minha mulher, e nada de lhe declamar madrigaes, nem de lhe chamar Marilia. Senhora D. Fanny, nas bochechas de seu filho, me offereço para seu fiel escravo. Vamos jantar.

Obedecendo ao convite do papá, o teu noivo approximou-se de mim; mas o seu enthusiasmo fenecêra, e foi outra vez o moço timido e enleiado quem me offereceu o braço.

Em vão quiz vêr se encontrava um motejo, não me foi possivel; inclinei-me em signal de agradecimento, e acceitei.

Agora quasi que vou comprehendendo que tu o ames; ha fogo n'aquelles olhos, e aquel-

les labios frementes sabem palpitar com as torrentes de enthusiasmo.

Mas, ora adeus! provavelmente só tem estes accessos quando falla em livros e escriptores; este doutor em theologia amorosa, que faz comparações entre o amor dos poetas do seculo passado e o amor dos poetas actuaes, não é capaz, estou convencida, de te fallar senão nas meditações de Lamartine, e nas odes de Victor Hugo. Credo!

Em todo o caso confesso que me impressionou, e que lhe dei o braço com uma perturbação, que não posso senão attribuir aos receios de o ter avaliado mal.

Não sei que tenho, mas estou menos alegre; as Malafayas já repararam n'isso, e o irmão olha para mim com certa desconfiança. De que desconfiará aquelle pateta? Não faças caso, Sophia, não faças caso do que eu digo. Parece que estou nervosa. Pois tambem terei ataques de nervos? Que fiz a Deus para merecer tal? Eu que nunca pensei em invadir o systema nervoso, que é a tua especialidade, Sophia!

Olha, sabes que mais? Casa com Eduardo, converte-o á religião pastoral, guardem ambos ovelhas com laços de fitas cor de rosa, e façam dialogos em verso como Damon e Daphne.

Crê-me sempre

Tua amiga

Amelia.

Cintra, 12 de julho de 186.

Nota

Esta carta não chegou ao seu destino. Foi escripta, mas não enviada. A ingenua e estouvada Amelia teve como que um presentimento de que mostrava mais intercsse do que desejava e devia mostrar pelo noivo da sua amiga.

5.ª CARTA

Eduardo Hill a Rodrigo de Azevedo

Meu bom amigo

Perguntas-me porque tanto insisto na gentileza de Amelia e no contraste, que essa for-

mosura angelica faz com a sua veia mordacissima? Ora essa! porque me impressionam sempre estes dislates que ás vezes a natureza tambem commette, porque sempre senti um profundo tedio, quando, depois de contemplar um lago sereno e azul em que se espelha a lua, depois de ver a candida imagem da rainha dos céus ondear voluptuosamente como nympha melancholica, que, da sua liquida alcova, namora o céu luminoso, quando depois d'isso vejo um animal immundo, um amphibio repugnante saltar á agua e partir na quéda o gracioso retrato que me estava enlevando. Eis o que me succede com Amelia; fico-me ás vezes a contemplar esse rosto gentil, esses lindos olhos, esses labios purpurinos, parece-me que vejo n'essa graciosa mulher o retrato seductor da formosa dos meus sonhos, e subito vem um motejo, um chasco, uma loucura quebrar essa imagem vaporosa, que se esvae como se esvae a dama branca do Mosteiro de Walter Scott, quando alvorece no horisonte a manhã.

Sabes? é amiga intima de Sophia, amiga

de infancia; fallou-me n'ella, e aproveitou logo a occasião para exercitar a sua lingua mordaz á custa da pobre menina de Leça da Palmeira.

Motejou do seu sentimentalismo, dos seus ares romanticos; chegou-me quasi a indignar.

Estou gostando de Sophia, entendes? ao menos é uma menina séria, e que tem coração.

Bem sei que abusa do sentimento, e que se resente da leitura dos romances, mas antes isso do que o estouvamento sarcastico da sua amiga.

. . . . . .

. . . . . .

Rodrigo! Rodrigo! Explica-me o que sinto, e esquece, esquece bem o principio d'esta carta.

É meia noite, e volto para casa; deixa-me contar-te sem commentarios o que se passou.

Está hoje uma noite linda; o dia esteve excessivamente calmoso; segundo o costume, á noitinha, fomos tomar o fresco para Seteais.

Já se tinham ído embora muitas familias, e preparavamo-nos para fazer o mesmo, quando Amelia e duas das suas amigas pediram em côro ás mamãs, chefes das tribus, que se prolongasse o serão ao fresco, afim de se aproveitar a magnifica noite com as suas brisas refrigerantes, com o seu luar esplendido.

Depois de alguns momentos de hesitação as mamãs consentiram.

Por conseguinte o conselheiro Castro e o conselheiro Barata sentaram-se n'um dos bancos, que ficam encostados á fachada do palacio celebre, onde se assignou a convenção verberada por Byron em magnificos versos, as mamãs occuparam os outros bancos, e as meninas começaram a passeiar, em gracioso grupo, conversando e rindo a meia voz.

Eu passeiava tambem isolado.

É preciso que te descreva bem, Rodrigo, o scenario onde se passou uma scena que tanta impressão me fez, e a disposição dos personagens.

Estamos pois em Seteais. Vê-se de um lado a fachada rugosa e muda do velho palacio

Marialva, dividida ao meio pelo arco que dá entrada para os jardins, d'um e d'outro lado do campo correm as duas alamedas parallelas, com as suas arvores annosas, cujas folhas tremem ao de leve e produzem manso ruido, quando as agita uma bafagem da viração nocturna.

Os raios da lua, que pompeia magestosa no horisonte, insinuam-se por entre a ramaria, e vão despertar um passarinho que os saúda alegremente, julgando que já rompe a aurora.

Mais além, um rouxinol, poisado na sua vecejante varanda, entôa, Romeu plumoso, o seu hymno de amores á sua noiva escolhida.

Ao fundo vê-se o cerrado arvoredo da quinta fronteira, por cima da qual surge, como se pairasse nas nuvens, o gracioso castello da Pena, que parece formado entre céu e terra pelos espiritos do ar, ou pelos genios arabes que ergueram o palacio de Aladino.

No firmamento sereno e azul ostenta a lua o seu argenteo rosto... a lua, a fada prote-

ctora d'estes logares bemditos, e, como as fadas tambem, cujo pésinho ligeiro fazia brotar flores na relva, cujo doce halito espirava perfumes no ar, cuja voz melodiosa ensinava aos echos musicas divinas, assim tambem a lua, ao desprender dos hombros, e ao desdobrar nos pincaros e nos plainos de Cintra o seu luminoso manto, parece que povôa, por ignoto incantamento, de fragrancias, de rosas e de melodias o céu, a terra, e o ar.

Qual era a mysteriosa musa, que expandia sobre mim n'essa hora fatidica torrentes de poesia e amor? Porque arfavas tu, meu peito? Porque palpitavas, coração? Porque ouvia eu, embevecido em extasi, o rumorejar das folhas, o suspirar da brisa, o murmurar das aguas, e sobretudo esse indistincto gorgeiar das vozes das gentís passeiantes, e o voluptuoso ranger dos seus vestidos, quando passavam junto de mim? Porque não podia desfitar os olhos da lua, que parecia contemplar-me sorrindo-se e dizer-me: «É esta uma das noites em que eu, quando me chamava Diana ou Phebe, descia silenciosa do meu car-

ro ethereo, e ía no seio fremente dos bosques procurar as caricias do formoso Endymião». Ó noites de julho!

É este pois o scenario; passemos á disposição dos personagens.

A mamã, a esposa do conselheiro Castro, e mais trez ou quatro senhoras de idade, conversam pacificamente no preço da fructa, e trocam entre si pitadas cordiaes. O pai de Amelia recosta preguiçosamente na parede do palacio a sua gorda cabeça, e contempla tambem a lua, não com os mesmos pensamentos que eu, mas sim para asseverar ao esguio Barata que não ha mudança de tempo, porque a lua está rodeiada de um circulo alvissimo, e ha um verso latino que diz:

Pallida luna, pluit; rubra, flat; alba, serenat

verso que o digno conselheiro Barata applaude meneando magestosamente a cabeça.

As tres meninas passeiavam com os braços enlaçados, unindo quasi os seus rostos gentís. Entre ellas sobresaía Amelia pela sua es-

tatura mais elevada e esbelta, e pela sua formosura, com que as outras não podiam competir. De quando em quando, ao entrar na porção de terreno onde a lua espraiava os seus raios, illuminava-se-lhe a physionomia, e os seus negros cabellos chispavam reflexos azulados. Depois sumia-se de novo, até que o seu vulto mal se divisava ao longe, confundido com o das suas companheiras, quando se engolphava na sombra projectada pelas àrvores das alamedas lateraes. Depois via approximar-se outra vez a sua figura elegante e flexivel e o seu rosto, onde fluctuava, caso raro, um sorriso destrahido, ao escutar a conversação das suas amigas.

Eu passeiava, pisando as folhas que juncavam o chão, e entretendo-me vagamente em as fazer ranger.

Subito as meninas approximaram-se das mamãs, e propozeram uma excursão aos jardins.

—Pois vão, filhas, vão! disse a mãe de Amelia, mas tomem cautella com os bichos.

—Então a mamã não vem? perguntou Amelia.

—Eu não! Que lhes parece, minhas senhoras? Estamos aqui perfeitamente. Ellas são raparigas, teem boas pernas, nós gostamos mais de estar sentadas. Peçam aos cavalheiros que as acompanhem. Ó Castro!

—*Quid agitur, dulcissima rerum?* Era esta a formula dos comprimentos romanos, conselheiro Barata, no começo da decadencia. E aquelles, a quem tal phrase era dirigida, respondiam invariavelmente: *Suaviter*. Já se estava longe, meu velho amigo, do laconico e viril *Salvè* dos primitivos quirites, concluiu elle tomando melancholicamente uma pitada.

—Não ouviste, Castro? tornou a esposa, que não percebera a erudita parlenda.

—Sim, ouvi. Que me querem?

—Estas meninas desejam ir aos jardins. Porque não vão com ellas?

—Estamos promptos, não é assim, conselheiro Barata?

— São ordens os minimos desejos do bello sexo, amigo Castro. Vamos aos jardins.

— Venha tambem, Eduardinho, tornou o pai de Amelia, voltando-se para mim. Tres homens e tres senhoras. Escolhe cada qual a sua dama. É o rapto das Sabinas, amigo Barata, é o rapto das Sabinas.

O conselheiro esguio applaudiu com as suas gargalhadas a comparação feliz, e offereceu o braço a uma das Malafayas, é este o nome das amigas de Amelia; não o offereceu a esta porque a travessa da rapariga, sabendo que elle tinha rheumatismo, fazia-o correr á desfilada, e o pobre homem já estava escaldado. O conselheiro Castro, como era natural, offereceu o braço, não a sua filha, mas á segunda Malafaya, de fórma que, por todas estas circumstancias, tive eu de ser o braceiro de Amelia.

Pozemo-nos pois em marcha em direcção aos jardins.

É necessario ainda que eu te descreva os logares para t'os avivar na memoria.

Ha pois, como sabes, por traz do palacio,

um denso arvoredo, depois uma especie de varanda, que defronta exactamente com o arco, e donde se gosa uma vista linda e melancholica; voltando á direita, sobem-se uns dois degraus, e entra-se n'um eiradosinho desaffogado, em cuja extremidade se ergue um penedo, que tem o nome de penedo da Saudade. Quem estiver do lado esquerdo d'essa rocha vê o doce panorama dos campos, ao longe a ermidinha da Penha Verde, e lá no extremo horisonte divisa vagamente um vulto sombrio e enorme, espectro gigante que parece derramar nos campos que o rodeiam uma soturna impressão. É o convento de Mafra.

Quem tornear o rochedo e se fôr collocar do lado direito, vê espraiar-se em gracioso amphitheatro a villa de Cintra com a sua casaria alvejante, com o seu palacio de mil architecturas differentes, e de chaminés conicas e originaes, vê como que despenharem-se pelos fraguedos da serra torrentes de verdura, e, coroando esta formosa escadaria, construida pela natureza, um relanço do castello da Pena.

Escuso de dizer que quem se fôr collocar no alto do rochedo abrange os dois panoramas.

Isto, como sabes, não é o jardim. O jardim, para onde se desce por uma escada, é dominado em toda a sua extensão pelo arvoredo, que vai da fachada do palacio á varanda, e pelo eirado onde campeia a rocha. Todos os recantos são perfeitamente visiveis de cima, porque é um jardim no gosto frio e pautado do seculo XVIII, com os seus canteiros de buxo rigorosamente tosquiado, e com a sua disposição symetrica, que tanta gente julga ser synonimo de harmoniosa, e que tão longe está de o ser. Pela mesma razão tambem, nenhum dos pontos do parapeito, que o domina. se occulta ás vistas de quem passeia no jardim.

Foi para estes sitios que se encaminhou a nossa procissão.

O que tinha Amelia? Porque ía ella tão calada, e estava quasi dizendo tão scismadora? Amelia scismando! Que absurdo!

E comtudo recostava-se mais indolente.

mente no meu braço, e aquelle corpo flexivel e airoso parecia que se curvava docil ao sopro das brisas.

As Malafayas conversavam e riam com os seus braceiros; Barata respondia com madrigaes, o conselheiro Castro despejava o seu arsenal de citações de poetas latinos, que mais particularmente fallaram de amores. Tinhamos já chegado ao penedo da Saudade, e o bom do conselheiro, depois de ter esgotado Propercio, estava já no meio de uma citação de Tibullo, quando a sua braceira o interrompeu dizendo:

—Vamos ao jardim.

—Pois vamos, acudiu o conselheiro, engulindo em secco metade da citação.

—Vão, disse Amelia, eu não vou.

—Então porque?

—Deixem-me ficar aqui sentada.

—Ora isto! mas tu não vês que lá em baixo estamos mais á vontade? Podemos correr.

—Ora! sem ti não nos divertimos tanto. Nunca ha-de haver divertimento completo!

—Minha senhora, acudiu sollicito o conselheiro Castro, o poeta Lucrecio era da opinião de v. ex.ª

Medio de fonte leporum
Surgit amari aliquid

dizia elle, e o poeta Lucrecio...

—Olhe, sr. conselheiro, tornou a sua braceira, o poeta Lucrecio, se estivesse com uma senhora que quizesse ir passeiar a um jardim, dava-lhe o braço e ia correr com ella.

E o diabrete obrigou o conselheiro Castro, que cedeu, dando gargalhadas e arranjando os oculos, a fazer o que o poeta Lucrecio, na opinião de Adelaide Malafaya, faria se ali estivesse.

A outra irmã seguiu-a tentando debalde fazer sair o conselheiro Barata do seu pacato andamento, e Amelia, firmando-se no meu braço, subiu ao alto do rochedo, onde foi saúdada, mal as suas amigas entraram no jardim, pelos seus risos e brados a que ella correspondeu sorrindo-se e agitando o lenço.

As duas Malafayas, que são duas creanças de quinze e dezeseis annos, depois de estarem um momento conversando com Amelia, deitaram a correr pelo jardim, e os dois conselheiros principiaram a conversar e a passeiar.

Oh! hei-de-me sempre lembrar d'esta scena; a lua brilhava, não já no horisonte, mas em pleno firmamento, o seu clarão phantastico desdobrava-se nos campos, que nos ficavam á esquerda, como alva mortalha.

A vista estendia-se desaffogada até ao horisonte, onde encontrava como unico obstaculo o tetrico vulto do mosteiro fundado por D. João V. Do outro lado Cintra a graciosa, com as suas casas penduradas nas fragas, dormia recostada na montanha, e a luz da lua, affagando-lhe o somno, parecia fazel-a sorrir, como se se visse outra vez sultana arabe em sonhos. O murmurio palreiro das aguas, essas vozes indistinctas da noite formavam um concerto melodioso e ènçantador. Fluctuavam no ar vagamente perfumes mysteriosos que rescendiam de incognitas urnas.

Como que se viam as brancas azas das fadas e dos sylphos.

Amelia sentou-se, e encostou na mão a fronte. Eu estava enleiado; batia-me com força o coração. Entendâmo-nos, Rodrigo; nem por sombras pensava em amar essa mulher que estava junto de mim. Não me inspirava ella indifferença decerto, mas um sentimento inexprimivel, que se approximava muito mais da antipathia do que da sympathia. E comtudo olhava para ella, e não me atrevia a fallar-lhe; tinha medo de lhe ouvir alguns dos seus habituaes motejos, que tanta repulsão me causavam.

Desviei os olhos do seu vulto airoso, e percorri com a vista o esplendido panorama, que me cercava. Tudo, tudo me dizia amores, tudo, tudo me incendia o sangue.

E a lua continuava a resvalar melancholica no firmamento.

O palrar das duas irmãs chegava enfraquecido aos meus ouvidos, semelhando um delicioso murmurio, o cantar distante do rouxinol, poisado n'uma arvore das alamedas

do campo, impregnava-se n'um suave perfume de requebrada poesia.

Tinha-me esquecido perfeitamente de que estava Amelia junto de mim, e o meu pensamento ia nas azas da brisa de flôr em flôr surprehender os mysteriosos amores que se escondem nas corollas.

Havia por força ali perto um jasmineiro, porque fluctuava nos ares o inebriante perfume da candida florinha, perfume que delicia e entontece.

Voltei involuntariamente os olhos para o alto do rochedo.

Oh! meu amigo, ouve-me, escuta-me bem!

A lua illuminava então de soslaio o rosto de Amelia. Cercava-o não sei de que vaga aureola. Sei apenas que nunca vi um rosto mais bello, mais ideal, mais melancholico. Parecia que o luar quizera apagar n'aquella formosa physionomia o minimo vestigio zombeteiro, e dar-lhe em compensação a suave e scismadora belleza dos anjos. Nunca viste, ainda mesmo reproduzido pela gelida photographia, algum dos retratos de Guido Reni,

Beatriz Cenci por exemplo? Ah! meu amigo, nem as formosas virgens de Raphael, nem as ethereas santas de fr. Angelico, produzem no animo a impressão que produzem as obras d'este pintor, a um tempo sensualista e idealista. Nada iguala aquella transparencia das carnes, aquelle fulgor humido e ardente que resplende nos olhos. Fica-se extasiado perante um d'esses primores. Quer-se devorar a tela, e um respeito incomprehensivel obriga-nos a curvar o joelho. Deseja-se e adora-se em silencio, ama-se e chora-se. Pois Amelia parecia uma d'essas formosas, que o pincel de Guido idealisou. A brisa fazia-lhe arfar os cabellos, e, desprendendo-lhe um annel, fazia-lhe ir beijar o collo alvo de neve. O luar tingia-lhe a fronte em pallidez eburnea. Os olhos negros chispavam labaredas, que se apagavam nas ondas de melancholia que os inundavam.

A face, recostada ao de leve na mão, pendia um tanto ao lado. O braço airosamente curvo e como que fremente. Era a Desdémona pensativa, recordando o passado feliz, ou

a timida Julieta sonhando um futuro impossivel? E assim sentada no alto do rochedo, não lembrava a fada Lorely das tradições do Rheno, que attrahe o viajante com os seus tristes cantares?

Ter-me-hia eu enganado, e aquella mulher vulgar, que eu julgava incapaz de perceber o que ha no mundo mais santo ou mais nobre, o amor e a poesia, teria pelo contrario thesouros de sentimento?

Não! não era possivel! Era apenas um capricho do luar, uma travessura do astro nocturno.

Mas qual foi o meu espanto quando vi duas lagrimas brilharem-lhe nos olhos, e, desprendendo-se mansamente, deslisarem-lhe pelas faces!

Approximei-me d'ella com um impeto irresistivel, talvez para lhe bradar—Amelia—quando ella, sentindo-me, e como que acordando em sobresalto, estremeceu, e disse no seu tom habitual de zombaria:

—Ah! estava ahi, mylord?

Fiquei pasmado, e fiz um gesto de des-

apontamento. Recuei um passo e respondi friamente:

— Sim, minha senhora.

— Julgava-o lá em baixo no jardim a discutir com meu pae.

— V. ex.ª tinha-me feito a honra de me conceder o seu braço; entendi que devia ficar á sua disposição.

— Muito obrigada; demais não me lembrava que o senhor tinha obrigação de contemplar a lua, e de suspirar. Então tem devaneado muito?

— Eu, minha senhora!... tornei com certo enfado; mas parece-me que v. ex.ª...

— Eu o que? redarguiu ella, franzindo o sobr'olho.

— Estava embevecida em igual contemplação.

— Ah! julga que sou romantica? Engana-se; isso é bom para Sophia.

— Minha senhora, respondi exasperado pelo momento de illusão que tivera, não sei o que vem fazer na nossa conversação o nome da ex.ma senhora D. Sophia Leite.

—Da ex.ma sr.a D. Sophia Leite! repetiu ella espantada. Está hoje muito susceptivel!

—Não, minha senhora, continuei implacavel. Confesso comtudo que me impressiona desagradavelmente ver sentimentos, que partilho, sempre asseteados por quem, não sendo capaz de os experimentar, devia pelo menos respeital-os nos outros.

Isto era má-creação, confesso; mas tambem, Rodrigo, para que viera o diabrete d'aquelle raio da lua perturbar o meu socego? Se a lua estivesse ao pé de mim, esganava-a; como isso não podia ser, escolhia Amelia para alvo da minha vingança.

Mal proferira estas palavras, arrependi-me de as ter pronunciado. Como creança mimosa, que recebe de seus paes uma reprehensão a que não está costumada, Amelia fitou em mim os olhos marejados de lagrimas, a custo reprimidas, e afinal, não se podendo conter, desatou a chorar.

Vendo aquillo, perdi a cabeça. Cairia a seus pés, se por um resto de reflexão, não percebesse que estavamos expostos ás vistas

dos passeiantes do jardim. Approximei-me d'ella, e murmurei:

—Amelia, perdôe-me por amor de Deus, desculpe estas palavras irreflectidas, que me queimaram os labios ao pronuncial-as. Creia que ninguem mais do que eu a respeita e a admira.

Nem sei o que lhe dizia. Só desejava que ella não chorasse. Era capaz até de lhe dizer que a amava loucamente, se soubesse que era esse o meio efficaz.

—Deixe-me, respondia-me ella, e os soluços entrecortavam-lhe a voz; não me ferio o que me disse. Choro... porque quero... porque tenho na vontade. Eu bem sei... que não tenho coração... nem o quero ter... Isto são accessos que me dão ás vezes... Ora isto... não posso!...

E fazia incriveis esforços para refrear as lagrimas, e as lagrimas cada vez lhe inundavam mais as faces.

À muito custo se tranquillisou, mas via-se que estava nervosa a mais não poder ser. Um soluço reprimido fazia-lhe de vez em

quando arfar o peito. Os olhos de novo se arrazavam de agua; tremia-lhe a voz, ria-se, mas com um riso constrangido.

—Fui bem ridicula, não fui? dizia-me ella.

— Oh! não! tornei eu com voz profundamente triste, eu é que fui brutal, eu é que não tenho coração, porque só assim a podia fazer chorar.

—Não, não, não teve culpa. Eu é que, se não chorasse, morria. Não é isto o que os senhores chamam *spleen?*

—Não, não é, tornei eu. O *spleen* é a deficiencia da vida, e as suas lagrimas são uma prova da superabundancia d'ella. Esses prantos são as torrentes de juventude reprezadas no seu peito, e que irrompem em caudaes de lagrimas. Deixe, oh! deixe trasbordar a seiva fertilisadora, que anceia por desabrolhar em flores e em fructos dos seus vinte annos.

— Talvez, tornou ella em voz baixa, e fremente, talvez seja esse o segredo das minhas incomprehensiveis agitações. Este fo-

go, que trasborda no meu estouvamento infantil, deixo-o expandir-se d'essa maneira, porque me abrazava, se o contivesse. Sim, já que lhe revelei involuntariamente uma das feições loucas do meu caracter, confessar-lhe-hei tudo. Estava embevecida na contemplação d'esta natureza esplendida, mais ainda, estava identificada com ella. Confesso-lhe sinceramente que não percebo essas senhoras sensiveis, que se extasiam perante os formosos espectaculos, e os copiam friamente nos seus albuns, ou descrevem em phrazes empoladas a impressão que dizem sentir. Quando o sol reponta no oriente inundando de esplendor as nuvens do horisonte, quando mergulha no oceano deixando apoz si um perfume de melancholia, quando a noite accende os seus milhões de fachos, a minha alma anceia por desprender as azas, e procurar entre esses turbulhões de fulgor um raio de luz ignota onde possa extasiada mergulhar-se. Não escuto as vozes mysteriosas da natureza, porque resoam dentro de mim, e despertam milhares de echos sono-

ros, um gorgeiar indefinivel de mil desconhecidos passarinhos, e a esses echos e a esses gorgeios é que presto deliciada o ouvido. E esse mundo de sensações guardo-o zelosa em sanctuario escuro, em tabernaculo cujo véu hoje rasgo pela vez primeira. Mas o coração não póde sempre conter esses sentimentos desconhecidos, e trasborda n'uma torrente de affecto mysterioso, com que abraço a natureza toda, que me obriga a beijar com transporte a flôr que desabrocha nos alegretes, o passarinho que vem poisar no meu hombro, o ramo viçoso que me acaricia a face, e pergunto ao ramo, ao passaro e á flôr o segredo d'este gozo que se traduz em lagrimas, d'este jubilo que se desata em prantos.

—Botão desabrochado em rosa, volteia emtorno de ti a abelha, murmurei eu; creança transformada em mulher, adeja-te em volta o amor.

—O amor! tornou ella com uma especie de susto, oh! não, o amor para mim seria a morte.

UNIVERSITY OF MICHIGAN LIBRARIES

— A morte!

— Sim, pois o que é o amor senão a exaltação immensa do espirito, o delirio de todas as nossas faculdades? e julga que a exaltação e o delirio possam durar por muito tempo sem nos despedaçaram ou a rasão, ou a vida?

— Oh! sim, mas que importa? Não sabe que um dia de paraizo vale cem annos de vida mortal? E julga, Amelia, que, ao findar essa vida sublime, se possa voltar para a existencia da realidade?

— Ah! se os dois entes, que se confundiram n'um só, durante um anno, um dia, um instante, transpozessem, enlaçando as azas, os abysmos da eternidade! Mas não, continuou ella com encantadora melancholia, os passarinhos, que descantam juntos as suas endeixas de amores, separam-se ao findar a primavera, quando um d'elles não foge primeiro, deixando o outro a trovar saudades no ramo tremente.

— Oh! Amelia, tornei eu, levado por um impulso irresistivel, que louco que eu fui!

Não soube ler os sentimentos mysteriosos, que me agitavam o coração...

— Que vai dizer? tornou ella, visivelmente agitada, não me faça arrepender da minha demasiada franqueza.

— Amelia!

— Não me trate assim, continuou agitadissima, não me deve dar esse nome. Cale-se, peço-lhe. Não quero, nem ouso adivinhar o que me ia dizer, e esqueça o que eu lhe disse, esqueça um instante de insania talvez...

— Esquecer um instante do céu! Não me peça impossiveis!

— Que loucuras está dizendo?

— Digo que esse amor immenso, por que anceia, tambem os meus labios sequiosos o pedem ao céu, á flôr, ao arbusto...

— Nem mais uma palavra, tornou ella erguendo-se. Se por acaso me restituiu a sua estima, prove-m'o lembrando-se do que deve á sua noiva e á minha amiga. Esse amor, por que anceia, encontrou-o... havia de encontral-o, porque vae desposar Sophia. Eu

sou uma estouvada, uma louca, e peço-lhe, rogo-lhe que me considere como tal. Agora vejo que dei mais uma prova da minha loucura, cedendo á necessidade de expansão, que a mysteriosa influencia d'esta noite havia despertado em mim. Foram caprichos do luar!

— Caprichos fataes! murmurei caindo sentado no sitio d'onde ella se levantára.

Mas ella já me não ouvia, e ia correndo ter com as suas amigas.

Voltaram juntas para cima, reunimo-nos ás mamãs e regressámos a casa.

Que te he-ide eu dizer, depois de ter narrado isto? Amo esta mulher, é incontestavel, mas esse amor fatal é preludio talvez de um longo infortunio.

Cintra, 16 de julho de 186.

Teu amigo

Eduardo.

6.ª CARTA

Sophia Leite a Amelia de Castro

Minha boa Amelia

Desculpa-me por eu te não haver fallado no meu casamento, sim? Temia os teus motejos, as tuas zombarias! Se tu sentisses amor, saberias quanto este affecto receia a minima profanação.

Ah! como és feliz, Amelia! Quanto eu invejo o teu genio estouvado, que entra descuidoso na juventude, sem perder o perfume da infancia!

Infancia! idade feliz e innocente, em que não temos outro cuidado senão o de colhermos rosas, e entretecermos grinaldas que cingimos na fronte ainda desanuviada.

Depois vem os annos da mocidade, e as rosas, que colhemos, são as rosas do amor com os espinhos que as acompanham, e que espinho é mais pungente do que o da saudade?

É esse que eu sinto agora. Quantas vezes,

oh! quantas vezes não vou passeiar á beira-mar aos mesmos sitios, que outr'ora percorri com Eduardo... Eduardo, o primeiro homem que me fez palpitar o coração, e purpurearem-se-me as faces com o rubor do primeiro terno sentimento! Meus paes tinham formado os laços, que nos deviam unir por toda a vida; o que os moveu a fazerem tal foi a riqueza da familia Hill, mas que me importariam a mim as frivolas preciosidades da fortuna, se o meu coração fosse constrangido a um hymeneu de conveniencia? Não; o oiro, esse vil metal, não podia a meus olhos valer mais do que o amor, esse thesouro inestimavel.

Dentro em breve estarão ligados os nossos destinos. Ah! mas quanto me é penosa esta ausencia!

E então, quando, á beira-mar, sentada nos sitios, onde outr'ora escutei os seus protestos e os seus ternos juramentos, vejo o astro do dia apagar nas ondas do oceano o seu fulgido facho, sinto a saudade inundar-me o coração.

Na branca areia, que aos pés calco em meu melancholico passeio, escrevo o doce nome de Eduardo, mas ás vezes vem uma vaga cruel apagar as letras escriptas no movediço chão, e eu derramo lagrimas sentidas, porque me acode a triste idéa que assim fenecerá o amor que elle eterno me jurou.

Mas, ah! esquecia-me que tu não comprehendes estas coisas. És feliz, Amelia, és feliz e pede ao céu que sempre te conserve essa venturosa illusão.

Vejo pela tua carta que o meu pobre noivo te desagrada. Sempre suspeitei isso mesmo. O seu espirito melancholico e o seu terno coração não podiam dar-se bem com a tua jovialidade e o teu genio descuidoso.

Mas não zombes muito d'elle, peço-t'o eu; poupa-o em attenção a quem é

Tua verdadeira amiga

Sophia.

Leça da Palmeira, 16 de julho de 186.

7.ª CARTA

Amelia de Castro a Sophia Leite

Minha querida Sophia

Não me dirás que me importam a mim areias, ondas, nomes e juramentos? Tu e o teu noivo estão-me enfastiando horrivelmente.

Nada ha mais insupportavel do que o arrulhar de dois pombinhos. Pedes-me que poupe o teu noivo, e eu peço-te que me poupes a mim, ó rola de Leça da Palmeira; geme á vontade no tronco lascado pelo raio, mas não encarregues o correio de transportar os teus suspiros a rasão de vinte e cinco reis a grosa.

Casem-se emfim, casem-se, e deixem-me socegada.

. . . . . .

Torno a pegar na penna para te pedir que não faças caso do que ahi vae escripto. Co-

nheces os meus phrenesis desmotivados; creio que me perseguiam os *demonios azues* de Stello, quando principiei esta carta.

Tambem para que adoptaste um estylo de educanda namorada de um estudante de latim? Porque não dizes singelamente que amas Eduardo e que és amada por elle? Pois não é muito mais simples?

Mas eu sei que o teu coração vale mais do que o teu estylo. Sei que me consagras verdadeira amisade, tão verdadeira como a que te consagro a ti. Oh! juro-te que seria incapaz de a trahir, que não hesitaria em fazer-lhe os maiores sacrificios, ainda que para isso fosse necessario... Tudo, tudo faria. Crê-me.

Tua amiga do coração

Amelia.

Cintra, 25 de julho de 186.

8.ª CARTA

Eduardo Hill a Rodrigo de Azevedo

Meu bom amigo

Desde essa noite, em que Amelia se me revelou debaixo de um aspecto completamente novo, passou a sua imagem a occupar constantemente o meu espirito. Percebi então que o sentimento, que ella me inspirára, era o amor combinado com o despeito, o enthusiasmo pela sua esplendida formosura, e o desgosto de a ver seguir um trilho tão opposto ao meu, e onde difficilmente nos encontrariamos.

Amelia, pelo contrario, não parecia mudada em coisa alguma. Via-se comtudo que a sua agitação tinha um não sei que de febril, e que evitava o estar comigo ou o dirigir-me a palavra, com uma cautella especial.

Era isso motivo bastante para eu me af-

fligir profundamente. Mas veio nova causa tornar completo o meu desconsolo.

Comecei a ver Amelia acceitar a côrte a um irmão das suas amigas Malafayas, rapaz que se dá ares de D. Juan, e que não é mais do que um estroina sem coração, que se gabaria sem motivo de um triumpho imaginario, e a quem Amelia está dando auso para que elle possa exaggerar um triumpho verdadeiro.

Isto ao principio affligiu-me, e afinal irritou-me. Um dia que estive um instante a sós com Amelia, dirigi-lhe exprobações acerbas. Ella respondeu-me altivamente e concluiu com um «Que lhe importa?» que me obrigou a cortejal-a e a sair.

Mas n'esse dia eu e a mamã jantavamos em casa do conselheiro Castro; por conseguinte voltei.

Á meza vi Amelia; estava com os olhos vermelhos e as faces affogueadas.

Chorára evidentemente; que mysterio occultavam aquellas lagrimas, aquella côrte de Frederico tão bem acolhida, aquella resposta altiva que me dirigira a mim?

Não tardou infelizmente que eu tivesse a explicação de tudo isto.

Fomos passeiar a Collares a cavallo um dia d'estes; montar a cavallo é um divertimento predilecto de Amelia, e devo tambem accrescentar que é exercicio em que desenvolve muita pericia e elegancia.

Não te descreverei minuciosamente o passeio; dir-te-hei só que á volta viemos pela serra, e que nos salteiou de repente uma tempestade violenta. O dia estivera lindo, mas de um calor excessivo mesmo em julho. Annuncios de procella tinham-nos inquietado quando andavamos passeiando na varzea, e tinhamos voltado para Cintra, esperando chegar a casa antes que rompesse a tormenta.

Infelizmente não succedeu assim. O céu toldou-se, e desabou sobre nós uma pancada de agua, entremeiada de relampagos e trovões. O conselheiro Castro e o conselheiro Barata, montados em jumentos, atroavam os ares, Barata com os seus gritos, Castro com as suas citações. O vento, que zunia emtorno de nós, trazia-nos de vez em quando ao

ouvido um hemistichio virgiliano, que o digno conselheiro proferia pausadamente com um heroismo digno do varão forte de Horacio. Minha mãe, muito assustada e embaraçada por causa da sua falta de vista, obrigava-me a ir sempre ao pé d'ella, para que lhe não succedesse algum desastre. Amelia, pelo contrario, parecia folgar com aquella desordem dos elementos, tanto em harmonia talvez com a sua organisação tempestuosa. Tirou o chapéo de amazona, e, agitando-o ao ar com enthusiasmo, deixando a chuva inundar os seus formosos cabellos negros, que fluctuavam ao vento, bradou:

—A galope, meus senhores, a galope!

E, fustigando o cavallo com o seu elegante chicotinho, partiu effectivamente a toda a brida.

Tentámos seguil-a, porque era na verdade o unico partido a tomar para se fugir á tempestade, a não querermos chegar ensopados. Mas a nossa caravana compunha-se de elementos tão heterogeneos, que não podia haver a unidade necessaria para uma galopada com

proveito, no meio dos relampagos que nos cercavam, das trevas que ennoitavam os ares, da chuva e do vento que nem nos deixavam gritar para communicarmos uns com os outros. O unico que a pôde acompanhar foi Frederico, e eu, soffreando o cavallo, para não deixar só a mamã, tive de os ver a ambos desapparecerem ao longe.

A tempestade não dava mostras de querer diminuir; cada um procurava esquivar-se a ella o melhor que podia, resguardando-se da chuva, e deixando já ás cavalgaduras o cuidado de se dirigirem. Dentro em pouco vime só com minha mãe, e com o coração lacerado por mil serpentes de raiva e de ciume; anciando por enterrar as esporas nos ilhaes do cavallo, não podia deixar de o conter depois de o ter incitado involuntariamente, o que o fazia dar upas e galões que ainda mais assustavam minha mãe.

Finalmente, depois de tres quartos de hora de furia insana, a tempestade começou a aplacar-se; a densa cortina de nuvens rasgou-se em varios pontos, deixando ver nesgas de

céu azul, depois o magestoso arco-iris desenrolou no espaço a sua curva immensa e matizada, logo o sol rompeu já proximo do occidente e incendiou as nuvens negras que o tinham occultado, vestindo-as caprichosamente de purpura e oiro; a relva, que principiava a amarellecer, crestada pelos ardores de julho, ostentou de novo o seu tapete aveludado de mimosissimo verde, semeado de milhares de diamantes que resplendiam a nossos pés, como se o genio da procella, revolvendo as minas de Golconda, trouxesse no regaço de chammas todo o seu deslumbrante contheúdo, e o espalhasse a granel no solo abençoado de Cintra; os passarinhos, que haviam fugido assustados para procurarem um refugio, voltaram a entoar descuidosamente os seus canticos, emquanto enxugavam ao sol as suas azitas molhadas.

O que era feito dos nossos companheiros? Evidentemente, haviam-se perdido na serra, como nós. Principiei a gritar com toda a força dos meus pulmões, para que os meus brados indicassem um ponto de reunião á

columna dispersa. Logo me respondeu a voz do conselheiro Castro, muito proxima de mim, sem que eu podesse perceber d'onde ella partia. Olhei para todos os lados e não vi pessoa alguma.

—Aqui em cima, aqui em cima, senhor Eduardinho, bradou a voz plangente do conselheiro Barata.

Levantei os olhos, e vi os dois conselheiros no alto d'um rochedo que ficava debruçado sobre a vereda que seguiamos. O conselheiro Castro, sentado á beira da rocha, bamboleando as pernas no espaço, procurava enxugar-se. Barata, em pé, soltava gemidos dolorosos. Os dois jumentos, dignos Bucephalos d'aquelles Alexandres, pastavam tranquillamente a pouca distancia.

—Que estão ahi a fazer tão descançados? perguntei eu cá de baixo.

—*Deus nobis hæc otia fecit*, respondeu gravemente o conselheiro Castro, sacudindo o chapéu, e improvisando por essa fórma um segundo chuveiro, e, como sabe, meu joven amigo, o pagão Virgilio não se referia ao ver-

dadeiro Deus, mas sim ao imperador Augusto, cuja apotheose fazia por lisonja cortezã.

— Qual Augusto, nem meio Augusto, bradou o conselheiro Barata, exacerbado, segundo parecia, pelo desastre que me ia narrar, só á imprudencia do sr. Castro devemos o estar aqui. Insistiu em tomar por este lado, e quiz obrigar os jumentos a mudarem de caminho; desapertaram-se as cilhas, fomos ao chão, e vemos-nos agora reduzidos a montar em pello, se não quizermos ir a pé, porque as albardas estão para um lado e as cavalgaduras para outro. O sr. conselheiro Castro sempre faz d'estas. Mas ao menos não devia arrastar os seus amigos a emprezas, que teem tão funestas consequencias.

— Ó grande poeta latino, bradou Castro erguendo as mãos ao céu, bem o disseste: *Donec eris felix*... Se me saisse bem do meu commettimento não me faltariam os louvores. Como fui infeliz, augmentam os meus amigos o seu infortunio com as suas recriminações.

Barata ia a responder, mas eu, que estava ardendo em desejos de encontrar Amelia, atalhei-o dizendo-lhe que, se era tão pequeno o desastre, esperava remedial-o facilmente, comtanto que me indicassem o sitio por onde se subia para o pincaro, onde se tinham estabelecido.

Logo Barata m'o indicou, e eu, apeiando-me e pedindo a minha mãe que me esperasse um instante, prendi o cavallo a uma arvore, e, trepando pela vereda, fui ter com os dois amigos.

— Que me diz da tempestade? perguntou o conselheiro Castro, levantando-se. Ah! se Virgilio estivesse comnosco, que formosa descripção escreveria! Lembra-se, meu amigo, do bello trecho em que elle pinta a horrida tormenta, que dispersa os navios d'Enéas? E o formoso verso que a remata quando Neptuno se ergue sobre as ondas embravecidas, e diz:

Quos ego... sed motos præstat componere fluctus

— O que, se me não engano, atalhei eu

rindo, traduzido nas nossas circumstancias em linguagem vulgar, quer dizer: «Mas, primeiro que tudo, tratemos de albardar os burros.»

—Exactamente, meu joven amigo, os versos dos poetas latinos...

Não lhe dei ouvidos, deixei-o palrar sosinho, arranjei n'um instante os apparelhos das cavalgaduras, ajudei os dois conselheiros a montarem, e, depois de lhes ter confiado minha mãe, parti a todo o galope, dizendo-lhes que ia ver se podia reunir as differentes pessoas da caravana.

Corri a toda a brida para a frente, convencido de que Amelia por força nos tomára uma grande dianteira, e fui bradando com quanta força tinha:

—Senhora D. Amelia! senhora D. Amelia!

Afinal já bradava simplesmente:

—Amelia! Amelia!

Respondeu-me um grito distante, e d'ahi a cinco minutos vi apparecer a todo o galope, saindo d'uma vereda transversal, a minha gentil amazona.

Vinha extraordinariamente agitada, lampejava-lhe nos olhos o fogo da ira, e tremiam-lhe convulsos os labios.

— Que tem? disse eu inquieto, correndo ao seu encontro.

— Nada, respondeu-me ella seccamente.

— Não procure enganar-me; a tempestade só não produziu no seu animo energico essa violenta agitação, que se lhe reflecte no semblanfe. Algum acontecimento extraordinario...

Um relampago illuminou-me o espirito. Approximei o meu cavallo, e disse-lhe em voz baixa e tremente:

— Insultou-a alguem?

— A mim ninguem me insulta, respondeu ella com altivez. Onde estão meus paes?

— Não se demoram, respondi eu. Vêm ahi atraz.

—Vamos andando n'esse caso, tornou Amelia.

E metteu o cavallo a passo. Colloquei-me ao seu lado.

— Senhora D. Amelia, disse-lhe eu, peço-

lhe, supplico-lhe que me diga se alguem a offendeu...

—Já lhe disse que não, tornou ella encolhendo os hombros.

—Responda-me cathegoricamente, tornei exasperado, exijo-o.

—E..xi..ge-o! replicou ella soffreando o cavallo, e mirando-me desdenhosa; já não é a primeira vez que toma comigo esse tom. Que direito lhe dei eu para que julgue que póde exercer tal fisçalisação sobre as minhas acções?

—Amelia, disse-lhe eu tristemente, perdôe-me; mas porque me deixou entrever um instante a felicidade suprema, se tão depressa queria fazer voltar o meu sonho aos abysmos do nada? Para que illuminou a minha vida com tão prestigioso esplendor, se esse esplendor não tinha de ser a luz rosada da aurora? Ia a saudar o dia radiante, envolvem-me de novo as trevas! ía a escutar o cantico bemdito, e tudo emmudece outra vez? Tantalo do amor, mais infeliz do que Tantalo, cheguei a poisar os labios na lym-

pha pura, no fructo saboroso, e a veia crystallina esquiva-se-me, foge-me a flor e o fructo!

—Não se queixe de ser infeliz, louco, tornou ella arrebatada; ha padecimentos horriveis, que nunca poderá perceber. A ferida, que vamos rasgando com as proprias mãos, até que se esvaia o sangue e com o sangue a vida, dá um pungimento combinado com indizivel voluptuosidade. Mas cauterisar a cada instante a chaga que sabemos incuravel, queimar, no meio de dôres atrozes, sempre, sempre, a cada instante, a ferida, que, apenas se cicatriza, de novo se rasga, oh! isso é que se chama padecer!

—E quem padece assim? perguntei eu ancioso.

—Oiça, respondeu ella soffreando o cavallo e encarando-me com indizivel ternura, vejo que me é impossivel deixar de lhe fallar francamente, afim de que saiâmos ambos da posição falsa em que uma imprudencia nos collocou. É forçoso que nos separemos, é indispensavel; só assim podemos recuperar a

tranquillidade em que viviamos; só assim poderei evitar novas imprudencias, que, tentando remediar coisas irremediaveis, não fazem senão complicar os embaraços da minha posição. Vá-se embora de Cintra, apres se o seu casamento com Sophia, e seja feliz.

—Feliz! tornei eu amargamente, é hoje que me diz isso?

—E quando queria que lh'o dissesse? tornou ella com certo movimento de impaciencia. Podia eu adivinhar a inesperada mudança das suas disposições a meu respeito? Não fiz quanto pude para me apresentar de novo debaixo do aspecto, que tanta aversão lhe inspirou primeiro? Teimoso como um inglez, insistiu em se engolphar n'um caminho impossivel e absurdo. Não podemos desatar este laço, cortemol-o.

Esta resolução, na apparencia tão fria, inspirou-me uma suspeita absurda, como todas as que assaltam quem está debaixo do imperio de uma paixão vehemente. Lembrou-me que Amelia me queria affastar para poder

acceitar a côrte a Frederico, e exprimi em termos acerbos essa desconfiança.

Ella encarou-me com certa compaixão... e, seria verdade?... com amor.

—Ah! respondeu a gentil menina com uma tal ou qual amargura, vejo que não estão dissipadas ainda as suas prevenções contra mim. Obstina-se em considerar-me leviana, *coquette?* Engana-se; este coração só pulsa uma vez, e a chamma, que o incendeia, não se apaga senão em o reduzindo a cinzas.

—Oh! tornei eu com vehemencia, approximando-me a ponto de sentir o seu bafo acariciar-me o rosto, oh! é pois verdade? Ama?

—Sim, disse ella erguendo a sua bella e nobre cabeça com um movimento encantador, e fitando nos meus os seus negros olhos, em que fulgia chamma celestial, porque o não hei-de confessar com orgulho, como com orgulho o sinto? Porque não me hei-de ufanar do sacrificio, se estou certa de que o coração não treme no momento fatal?

Depois continuou em voz tão mansa, que parecia apenas um murmurio:

— Amo, e sinto dentro de mim esse ineffavel rebentar da seiva, que desabrocha em flôres, quando desponta o sol da primavera! Amo, e a natureza orna-se de novos encantos! A lua sorri-me com mais amor, e o canto do rouxinol já não não tem mysterios para mim! Que importa? Canticos, perfumes, esplendores, não me affrouxaes a coragem! Um instante só para vos escutar, para vos respirar, para me embevecer na vossa contemplação, e depois, depois consumme-se o sacrificio!

— O sacrificio! tornei eu louco de amor e de desespero; não, se tem essa coragem, não a tenho eu, não quero tel-a.

— Cale-se, tornou ella com a voz humedecida de lagrimas; o amor é nobre, mas o dever é grandioso. Oh! não sabe as austeras consolações que nos dá! Seria porventura feliz, se, trahindo a amizade de Sophia, acceitasse o amor que o seu noivo me offerece? Essa ventura, maculada de remorsos, seria uma ventura digna de qualquer de nós?

— Oh! é impossivel, tornei eu, sentindo

tambem as lagrimas turvarem-me a falla. Não poderei cumprir nunca o sacrificio immenso.

—Ha-de cumpril-o, tornou ella não sustendo já as lagrimas, e deixando-as deslizarem pelas faces formosas. Supponha que n'este dia rapido que se chama vida, brilhou um instante o sol com fulgor immenso, e que depois rugiu o trovão, rebentou a tempestade. Este amor, que sentimos ambos, guardemol-o bem no fundo do coração, como em sanctuario recatado uma esplendida flôr! Verá como respira com delicias esse perfume, que nunca se ha-de esvaír; verá como contempla a mimosa planta, cujas petalas hão-de conservar sempre o viço primitivo. Se assim não fosse, a flôr havia de seguir o curso natural de todas as coisas d'este mundo, brilharia um instante, ir-se-hia depois a pouco e pouco desbotando, e afinal havia de se desfolhar, deixando na haste os espinhos, e o tedio no espirito. Flor da juventude, colhida em todo o seu frescor, sempre viçosa, sempre resplendente, adore-a, estremeça-a, affague-a! Ai! o sol que faz brotar as flores,

tambem logo as requeima, e só o orvalho das lagrimas as reanima e lhes prolonga a existencia! O homem affronta a desventura, a felicidade é que o mata! Infeliz de quem não tem uma dôr sagrada, a quem exija altares, e a quem preste o culto dos seus prantos! Pois bem! faça isso com este nosso amor instantaneo, eternize pela recordação este relampago de ventura, e não me veja nunca senão rodeiada d'essa aureóla, com que me rodeiou o luar n'aquella noite do céu! Viva com essa saudade, abrace-a, acceite-a para companheira da sua existencia! Eu não tenho força para tanto, continuou meneando a cabeça dolorosamente, e deixando os soluços solevantarem-lhe o peito, a mulher não póde ter essas austeras alegrias, é talvez a florinha enregelada que anceia pelo sol, ainda que o sol a queime. Olhe! eu bem sei, comprehendo isto. O homem retempera-se na dôr, esmorece no leito de plumas da felicidade! Os membros delicados da mulher precisam d'essa indolencia do espirito! A dôr verga-me, e mata-me!

—Amelia, repliquei eu, não sacrifique a theorias vãs, não sacrifique ao mundo principalmente a sua e a minha ventura.

—Não, não a sacrifico ao mundo, sacrifico-a ao dever! Olhe, para que esta palavra se inscreva em letras de fogo no nosso espirito, é necessario que Deus exista, só elle podia gravar essa palavra sublime; os caprichos da philosophia humana não conseguiriam tanto.

—Dever! que palavra tão fria aos vinte annos!

—Não; palavra ardente e esplendida, que é, que deve ser a estrella da mocidade! A juventude, que é a força, é o dever tambem; a velhice, que é a fraqueza, não póde ser senão o egoismo. Eduardo, meu Eduardo, deixe-me dizer-lhe «meu» um instante só! amo-o loucamente, mas este amor, que me deu tão rapida ventura, se baixou do céu n'um raio da lua, ao céu deve subir.

E, deixando as redeas do cavallo, tomou-me a cabeça nas mãos com um impeto extraordinario, e, beijando-me a testa, partiu

depois a todo o galope, bradando: Adeus, adeus para sempre.»

Eu fiquei attonito e mudo, cheio d'um sombrio desespero. Vi que Amelia deixára caír no chão umà das suas luvas; apeei-me, apanhei-a, beijei-a com fervor, e as minhas lagrimas romperam então os diques, innundando-me as faces.

Senti tropear de cavalgaduras, enxuguei rapidamente os olhos, e voltei para traz, indo ao encontro da caravana. Estava toda reunida; disse-lhes que Amelia quizera ir adiante, mas que naturalmente esperava-nos a pouca distancia.

Olhei desconfiado para Frederico, e vi que procurava occultar em vão, com um riso constrangido, um desapontamento qualquer. Tinha o rosto sombrio, e, observando-o attento, percebi que tinha na face um vergão, como se houvesse levado uma chicotada.

Percebi tudo então, a ira de Amelia, a sua franqueza repentina, como já ella me deixára entrever o motivo porque déra a Frederico vagas esperanças. Queria desviar-me do ca-

minho em que me embrenhava; mas Frederico, julgando ver no genio desconstrangido de Amelia, e na sua rebeldia contra o jugo das conveniencias, provas talvez d'uma corrupção prematura, ousára fazer de D. Juan, ousadia que o vergão, assignalado no rosto de Frederico, mostrava que fôra castigado d'um modo digno da altiva e original menina.

Tudo isto exasperou-me, e, no estado de agitação em que estava, folguei de encontrar alguem de quem me podesse vingar. Travei palestra com Frederico d'um modo visivelmente provocador; elle primeiro olhou para mim espantado, e ía-me a responder no mesmo tom, quando encontrámos Amelia, que nos esperava ao pé da Penha-Verde. Mirou-nos, e percebeu pela minha agitação, e pelo espanto pintado nas feições de Frederico, que eu adivinhára tudo, e estava commettendo alguma imprudencia.

Deitou-me um olhar supplicante, que bastou para que eu domasse a minha colera, e percebesse as funestas consequencias, que

teria para ella um escandalo qualquer praticado por mim.

. . . . . .

. . . . . .

Deixo Cintra ámanhã. Como supportarei eu esta crise decisiva da minha vida?

Teu amigo

Cintra, 2 de agosto de 186.

Eduardo.

II

NOVOS PERSONAGENS

Entra agora o narrador em scena. O masso côr de rosa findava n'este ponto. Como viéra parar ás minhas mãos este pacote de cartas, dil-o-hei depois. Agora urge continuar a historia dos acontecimentos.

Eduardo não partiu. No dia seguinte áquelle em que enviára a Rodrigo de Azevedo a sua longa e ultima carta, mandou preparar as malas, e avisou sua mãi de que regressava a Lisboa. Quando chegou porém a hora fatal, Eduardo, sem reparar sequer no cavallo que o criado lhe tinha á porta já

arreiado e prompto, encaminhou-se, quasi instinctivamente, para o lado da quinta do conselheiro Castro, no caminho dos Pisões a Seteais. O criado, vendo isto, seguiu-o, levando-lhe o cavallo á mão.

O palacete do conselheiro Castro, como outros muitos em Cintra, ficava ao fundo d'um jardimsinho gradeado; quando Eduardo se ía approximando, uma senhora, com as costas voltadas para a estrada, passeiava lentamente, cabisbaixa, e arrastando a ponta da sombrinha pela areia da rua do jardim. Ao sentir o passo do cavallo, esta senhora voltou-se. Eduardo estacou de subito, e gelou-se-lhe nos labios um grito de surpreza e de terror.

Essa juvenil senhora era Sophia Leite.

—Eduardo! bradou ella radiante de jubilo, reconhecendo o seu noivo, e correndo ella mesma a abrir-lhe a porta.

Eduardo nem lhe respondeu. Estava pallido como um defunto, cravava em Sophia os olhos desvairado, e não atinava com palavras que lhe dissesse.

Ella porém tudo attribuiu á surpreza, ao jubilo inesperado.

—Fui bem má, não é verdade? acudiu sorrindo. Não o preveni, não lhe dei parte d'esta minha viagem. Olhe, Eduardo, tinha saudades suas; quantas vezes perguntava á pallida rainha da noite, se, no instante em que eu n'ella fitava os meus olhos, tambem a sua doce luz illuminava o meu noivo. Pensava muita vez em mim, n'estas lindas noites de luar, Eduardo?

—Perdão, Sophia, balbuciou Eduardo, não ouvi bem; a surpreza... a commoção... Vieram seus pais, Sophia?

—Veio só minha mãe. Sabe, Eduardo, estranho-o... É notavel; parece que houve umas causas quaesquer, que mudaram a indole de toda a gente. Caminho de surpreza em surpreza. Primeiro em Leça minha prima...

—Qual sua prima?

—A viscondessa de B..., que foi quem aconselhou esta digressão á mamã. Lembra-se d'ella, Eduardo? Tão alegre, tão jovial, tão

leviana! Está outra completamente. Tem ainda rajadas de doida alegria, mas d'uma alegria como que ficticia; entristece de subito, cáe n'um lethargo assustador, de que desperta sempre pallida e abatida. Ha um segredo qualquer que a devora e a mata.

—Sim?

—É verdade; venho para Cintra, disposta a aturar o genio folgasão de Amelia, a ser perseguida por ella, pelo seu genio estouvado, a ter que me defender contra os seus motejos; encontro-a grave, melancholica, soturna, pallida tambem, tambem com uma tristeza mysteriosa!

—Ah!

—Ah!..., tornou Sophia, repetindo com espanto a exclamação do seu noivo. Tambem lhe succedeu alguma coisa, Eduardo? Nunca foi muito alegre, mas era expansivo, amavel, eloquente. Agora, pelo contrario, encontro-o lugubre, cedendo-me completamente a palavra, e interrompendo-me apenas com monosyllabos!

É singular!

—Mas, Sophia...

—O que vejo é que, se não tenho cautella em mim, dentro em pouco sou eu a mais alegre, a mais estouvada dé todas as pessoas do meu conhecimento. Se a transformação dos caracteres continúa n'este gosto...

—Sophia, tem rasão, acudiu Eduardo fazendo um violento esforço sobre si mesmo, desculpe-me. Eu não a esperava aqui, bem vê... E depois tencionava partir hoje para Lisboa...

—Ora essa!

—Já não parto, como bem póde imaginar, interrompeu Eduardo vivamente, e preoccupava-me esta insignificante contrariedade.

—Contrariedade! tornou Sophia espantada! Considera contrariedade a minha presença!

—Contrariedade, não; quero dizer ... que... preciso de dar contra ordem ao meu criado, de prevenir minha mãe; mas sabe, Sophia, que não posso deixar de me alegrar infinitamente com esta deliciosa surpreza.

—Ora ainda bem que encontrou afinal

uma palavra amavel para me dizer! Ah! Eduardo, quanto eu padeceria se perdesse o seu amor! O meu coração não muda facilmente, Eduardo, e, se tivesse de arrancar o sentimento profundo que n'elle plantei, creio que arrancaria juntamente a vida.

E, dizendo isto, Sophia estendeu a mão a Eduardo, que lh'a beijou friamente.

—Que supplicio! murmurou elle.

E depois continuou em voz alta:

—Dá-me então licença que vá prevenir minha mãe?

—Pois não, Eduardo, estamos anciosas de a ver.

E, dizendo isto, affastou-se com o mesmo passo vagaroso em direcção ao palacete, emquanto Eduardo ia fallar ao criado, que parára proximo da grade com o cavallo á mão.

Aproveitemos o intervallo para dizermos alguma coisa de Sophia.

Os leitores já a conhecem sufficientemente pelo estylo da sua carta, e pelos motejos que lhe não poupava a sua maliciosa amiga. Duas

palavras mais não serão comtudo inuteis para lhe completarmos a physionomia.

Sophia era uma gentil menina de vinte e um annos. A sua belleza tinha comtudo uns certos resaibos da formosura convencional de uma gravura de modas. Branca, rosada, loira, nos seus olhos azues nunca se accendia a chamma que ateia no peito d'um homem os mais vivos affectos. Era de uma gentileza correcta, mas sem expressão. O seu caracter brando e pouco accentuado tambem não permittia que se esperassem d'ella nem as grandes dedicações, nem os grandes desvarios, finalmente a sua alma nunca devia sentir a tempestade das paixões. Era o que se chama uma menina prendada; tocava piano, desenhava soffrivelmente, lia duas paginas de um romance francez, podia tambem admirar no original as bellezas de sir Walter Scott, e sabia o italiano sufficiente para não estropiar a letra das romanzas que cantava com uma voz de sala menos má. Sua mãe orgulhava-se muito com os talentos polyglottas de sua filha, e julgava que não havia no

mundo inteiro quem se lhe podesse comparar, nem menina que merecesse fixar, mais do que sua filha, as attenções de todos os homens; era um orgulho desculpavel n'um coração de mãe, mas devemos confessar que a sr.ª D. Marianna Leite apregoava, mais do que seria necessario, os dotes de sua filha, e fallava constantemente da nuvem de pretendentes que aspiravam á honra da sua mão, e do cortejo de admiradores que os seus talentos lhe attrahiam.

Eduardo deu ao criado as ordens necessarias, e depois, em vez de se dirigir para a porta de entrada do palacete, começou a passeiar com agitação no jardim. Precisava de respirar com larguesa o ar embalsamado de Cintra, onde parecia conservar-se ainda o echo apaixonado das palavras de Amelia. Que golpe tão inesperado aquelle! Eduardo estava resolvido a sacrificar-se, mas não imaginava que tão de prompto lhe seria necessario fazel-o. E alli mesmo! em Cintra! no theatro do seu rapido mas profundissimo amor! diante de Amelia! junto d'ella! Como

poderia o pobre moço desempenhar o papel que lhe incumbia! A situação era verdadeiramente horrivel.

Tirára o chapéo, e passeiava assim agitado, inquieto, com uma tempestade no espirito, quando ouviu de subito d'uma janella uma voz feminina, d'um timbre delicioso, e levemente mordente, que lhe dizia:

—Vamos, sr. Eduardo Hill, já deve ter medido bem a superficie do jardim, se por acaso se está entregando a trabalhos de agrimensura, como diz o intendente de meu marido, que o rouba, mas sempre com termos technicos. Venha apertar a mão a estes viajantes que o esperam.

Eduardo olhou e viu á janella uma elegantissima senhora dos seus vinte e sete annos, em cujo rosto pallido fulguravam dois grandes olhos negros, que mostravam uma alegria, contradictada pelas olheiras azuladas, que revelavam um padecer profundo, confirmado pelo brilho do olhar que mais parecia febril do que natural. Era a viscondessa de B. . .

Ao lado d'ella estava uma senhora de idade, com uns pretenciosos laços na cabeça, toda empavezada e solemne. Eduardo comprimentou.

—Minhas senhoras, disse elle, corro a apresentar-lhes os meus respeitos.

Subiu a escada e entrou na sala, onde estavam as tres senhoras, porque tambem Sophia se achava presente.

Trocados os primeiros comprimentos, a viscondessa, dirigindo-se alegremente a Eduardo, disse-lhe:

—Não esperava esta subita invasão, não é verdade? Pois aqui tem a chefe, direi mais, a incitadora da emigração. Eu voltava do Minho a Lisboa, aproveitando o caminho de ferro, e mais cedo teria deixado o jardim de Portugal, se mais cedo tambem houvesse linha ferrea entre o Porto e Lisboa, porque lá expôr-me á viagem por mar era coisa que eu não queria. Detesto o enjôo, apesar de o ter cantado em muitos bons versos, que eu não entendo, nem quero entender, o seu compatriota Byron. Sabe que detesto cordialmente

o inglez. Meu Deus! mas como eu sou pouco laconica! divago que nem um orador parlamentar antes da ordem do dia! Saiba pois que, passando por Leça da Palmeira, aonde fui visitar as minhas primas, encontrei esta Calypso—e apontou para Sophia —*qui ne pouvait se consoler du départ d'Ulysse;* raptei-a, de combinação com meu marido, apesar dos gritos do pae, raptei a mãe juntamente, para legalisar o furto; deixámos o sr. Ambrosio Leite na situação d'um Sabino depois da falcatrua que os Romanos fizeram áquelle povo, e eis-nos aqui. Ahi tem a historia não abreviada da nossa subita apparição.

—É a v. ex.ª portanto que eu devo dirigir os meus agradecimentos? disse Eduardo, para dizer alguma coisa, porque na mente angustiosa barulhavam-se-lhe as idéas.

—Exactamente. Sophia, continuou ella dirigindo-se a sua prima que estava em pé junto da janella, que fazes ahi? Toca-nos alguma coisa, mostra ao teu noivo os progressos que tens feito no piano.

—Ai! prima, tornou Sophia no seu tom

romanesco, estava contemplando a melancholica serra vestida com o seu verde manto que o sol doira.

—Bom, interrompeu a viscondessa, estás inspirada portanto. Boa occasião para nos tocares aquella romanza da *Luiza Miller:*

Quando le sere, al placido
Chiaror d'un ciel stellato.

Agora não é noite, é manhã, não nos illuminam as estrellas, illumina-nos o sol; mas a tua inspiração resiste ás modificações da letra.

Sophia sentou-se ao piano, e começou a tocar com uma certa correcção, mas com uma frieza inexcedivel, o trecho indicado. Entretanto D. Marianna apoderava-se de Eduardo, e dizia-lhe:

—Oiça, oiça! Não imagina como ella está adiantada! Bom dinheiro nos tem custado, a mim e ao pae! Mas tambem menina prendada como ella não ha outra no Porto! E então em desenho! Ai! sabe lá? É de se ficar pas-

mado a promptidão com que ella tira lá da sua cabeça, e desenha n'um pedaço de papel umas caras, umas figuras que parecem mesmo vivas! Tambem... a verdade deve-se dizer, todos lh'a cubiçam, sr. Eduardo! Casamentos? É o que mais lhe falta! Olhe, o conselheiro da quinta de Valdamoras, que está agora para sair visconde, queria por força que ella fosse viscondessa, e o José Fernandes, que ainda não é conselheiro, mas que está aqui está commendador... e rapazes, rapazes finos da janotada do Porto, tudo anda com o olho n'ella. Mas a Sophia... Ah! agora... Uma pessoa não tem senão uma palavra, está promettida em casamento, acabou-se. Só se o sr. Eduardo désse motivo para...

Devemos confessar que Eduardo começou logo a pensar no modo de dar motivo para desligar da sua promessa a senhora D. Marianna, que era o que segnificavam aquellas reticencias. Ah! mas esse projecto era o projecto querido de sua mãe!

Esta boa senhora, prevenida pelo criado

de Eduardo, não tardou a apparecer em casa do conselheiro Castro; muitos abraços, muitas perguntas, encheram os primeiros momentos, que se seguiram á sua entrada na sala, depois veio uma larga conversação entre D. Maria, D. Sophia, e D. Fanny ácerca do destino das infinitas pessoas do seu conhecimento que residiam no Porto e arredores. Eduardo, encostado á janella, scismava.

—Parece-me, disse a viscondessa aproximando-se d'elle, que a apparição inesperada da sua noiva não o encheu d'uma alegria exorbitante.

—Oh! minha senhora, como póde suppôr? acudiu Eduardo.

A viscondessa encarou-o com tal tenacidade e tal expressão, que Eduardo baixou os olhos.

Quando os levantou, a viscondessa, com a mão encostada ao peitoril da janella, tinha espalhada no rosto uma nuvem de melancholia profundissima. Eduardo, espantado, ia a perguntar-lhe o que lhe succedêra, quando

ella, recuperando de subito a sua alegria febril, sacudiu a cabeça como para expellir alguns pensamentos importunos, e disse para Eduardo no tom mais natural d'este mundo:

—Diga-me uma coisa, tinha grande repugnancia em me fazer a côrte?

Eduardo desatou a rir.

—Oh! minha senhora, que invejavel sacrificio que v. ex.ª me quer impôr!

—Não! não! fallo serio; quer-me fazer a côrte?

Eduardo continuou a rir.

—Estou capaz, disse elle, de ir pedir a auctorisação do visconde.

—Pois peça-lh'a, que elle ahi vem, e despache-se que é necessario começarmos isto depressa.

Não havia a mais leve sombra de jovialidade no modo como a viscondessa se expressava. Eduardo olhava para ella boquiaberto. O visconde aproximava-se.

Era um homem alto, musculoso, pescoço athlético, faces rubicundas, olhar adormecido. Andava habitualmente de mãos nas al-

gibeiras das calças e charuto na boca. D'esta vez porém entrava na sala como um turbilhão, e antes mesmo de apertar a mão a Eduardo, dizia-lhe:

—Má peste os mate! A que casa de doidos vim eu parar. Aqui não se falla senão latim! Estou ha tres horas com dois maniacos insupportaveis; não me parece senão que estou a ouvir missa. Latim de prior de um lado, e latim de sachrista do outro. Ó Eduardo, você não me dirá para onde heide eu ir fumar um charuto, de modo que esteja livre do latinorio dos conselheiros?

—Para o jardim, visconde.

—Quer vir tambem? Tenho havanos legitimos.

—Espere um instante, visconde, minha mãe parece-me querer-lhe fallar.

—Oh! desculpe-me que a não via. O latim tem isso comsigo, turva os olhos á gente. Estou com uma carga de somno! Ora os malditos!... Senhora D. Fanny, como tem passado?

Entretanto a viscondessa approximava-se de Eduardo, e dizia-lhe:

— Então fallou?

—Não fallei, mas fallo, tornou Eduardo alegremente; eu gosto de proceder com toda a legalidade.

—Muito bem; supponhâmos que já tem a auctorisação, e que é portanto o meu *cavalier-sirvente;* declara-se meu fiel escravo, e jura-me obediencia absoluta?

—Com mil vontades, minha senhora.

—Bem; siga n'esse caso as minhas ordens, e, para que não continúe a dar a esta conversação o tom de jovialidade em que a tem querido manter, devo dizer-lhe uma coisa que lhe explicará o que a tem surprehendido; eu já fallei com Amelia, e sei tudo.

III

A CONFISSÃO

E fallára effectivamente; n'essa manhã, chegando a viscondessa e suas primas inopinadamente a casa do conselheiro Castro, Amelia, quando lhe vieram dizer quem eram as visitantes, caiu redondamente no chão. Seus paes, extremamente afflictos, não sabiam a que haviam de attribuir este subito desmaio. Levaram-n'a para a cama, onde não tardou a voltar a si, derramando então uma torrente de lagrimas. Só depois de se ter recobrado d'esta syncope, é que os paes de Amelia consentiram em que as suas ami

gas lhe fallassem. Sophia ficou extremamente surprehendida, quando soube que Amelia tinha tambem ataques nervosos, e ainda mais se admirou da profunda tristeza que transparecia nas poucas palavras da sua amiga. A viscondessa pouco dissera; o seu olhar penetrante parecia querer investigar os mais reconditos recessos do coração de Amelia, e arrancar-lhe o segredo que ella escondia no intimo d'alma. Quando Sophia e sua mãe sairam, a viscondessa, aproximando-se de Amelia, tomou-lhe a mão, e, encarando-a fito, disse-lhe:

— Vamos! Confissão geral! Desabafo completo! Deixe transbordar para um seio amigo o segredo que a punge. Solte os diques á torrente de lagrimas reprezadas, que lhe estão innundando os olhos. Falle. Que desgostos são esses? Como foi que a chegada de Sophia lh'os avivou de um modo tão notavel?

Estas palavras eram ditas n'um tom suave, acariciador, quasi maternal. Amelia desatou a chorar perdidamente, e exclamou,

passando o braço á roda do pescoço da sua amiga:

— Ai! Albertina, como eu sou desgraçada!

— Vamos, vamos! ha de haver remedio por força; havemos de encontral-o ambas.

— Não, não; é uma fatalidade atroz, pungente, imperiosa.

— Fatalidade é uma palavra pagã, Amelia, e nós... somos christãs.

Estas ultimas palavras proferiu-as a viscondessa quasi em voz baixa, e sem erguer os olhos.

— Somos christãs, bem o sei, bem o sinto, e não é isso o que me offerece o unico allivio possivel n'esta deploravel conjunctura? Sim, a religião ha-de-me dar o balsamo para suavisar as minhas dores. Christo abre-me os braços; eu queixava-me, louca, tendo as immensas consolações do céu! tenho o amor divino para mè consolar de todas as angustias d'este ephemero, d'este passageiro amor da terra; se não posso ser esposa d'elle, posso ao menos aspirar ás ineffaveis consolações de esposa de Christo.

E, dizendo estas palavras com extraordinario fervor mystico, unia as mãos, e erguia para o céu os olhos brilhantes de febre.

A viscondessa ergueu-se de subito, pallida, e com olhos frementes.

—Amelia, disse ella com voz commovida e convulsa de extraordinaria agitação, peço-lhe, imploro-lhe, ordeno-lhe que não torne a proferir semelhantes palavras. Que mysticismo é este? quem a desvairou com esses loucos pensamentos de nupcias divinas? O seio de Christo! Esposa do Senhor! Que significação teem essas phrases na sua boca? Amelia, quem a transtornou assim? Pois por frivolos motivos, pensa em abandonar os seus, em deixar mergulhados em lagrimas os entes que a estremecem? Amelia, isso é horroroso.

—Horroroso é o que eu padeço, exclamou a pobre menina n'um verdadeiro tom de desespero. E entende a Albertina que são frivolos os motivos do meu pranto. É que não sabe como eu o amo! É que não sabe que é este o meu primeiro, o meu unico, o meu exclusivo e apaixonado amor.

— Mas a quem ama então? Que obstaculos a separam do homem que idolatra? perguntou Albertina estupefacta do ardor com que a sua amiga pronunciava aquellas palavras.

—Quem é? quem é? É Eduardo.

—O noivo de Sophia? bradou a viscondessa fulminada.

—Ah! percebe agora, não é assim? tornou Amelia amargamente, percebe as minhas angustias e o meu pungente e dilacerante desespero, percebe que, desde o momento que este amor fatal se apossou de mim, desde o momento que me lavrou nas entranhas este fogo do inferno... ah! do céu é que elle veiu, pelas ignotas delicias que me coou dentro d'alma nos rapidos momentos em que me esqueci da realidade para me enlevar no sonho fugitivo, desde o momento em que senti que não podia arrancar do coração este affecto, que em tão pouco tempo lançou tão fundas raizes, não tenho outro refugio senão o tumulo ou o mosteiro, se as portas do mosteiro ainda em alguma parte se abrem aos infelizes, para me esquivar á vergonha.

—Á vergonha!

—Pois que maior vergonha quer do que a de roubar a Sophia o noivo que ella estremece? O que hei-de dizer áquella pobre menina, minha companheira de infancia, tão crente, tão confiada na minha amizade, quando ella me pedir contas da sua ventura perdida? Hei-de ir arrancar-lh'o dos braços, hei-de vêl-o desposal-a, e hei-de esconder com um mentido sorriso as lagrimas que me queimam? Ah! não, não posso. O sacrificio seria immenso, e não tenho forças para elle! Que sejam felizes! Elle que me esqueça, ella que nem saiba o que eu fiz para não desmerecer da sua e da minha propria estima, porém que eu possa esconder-me detraz de um muro de pedra, aonde não cheguem os echos das alegrias do mundo! Que eu chore sósinha o meu amor perdido, as minhas esperanças mortas, sem que o espectaculo da sua felicidade venha tornar mais amarga a minha agonia.

E a pobre menina, encostando o rosto ao hombro da sua amiga, desatou a chorar perdidamente.

—Sempre o amor! murmurou a viscondessa com profunda melancholia, sempre no fundo das nossas dores, das nossas tristezas se encontra esse sentimento que inebria e que mata! sempre no intimo do nosso coração, regado pelas nossas lagrimas, se denuncia, ou pelos espinhos ou pelo aroma, essa flôr mysteriosa.

Vamos, Amelia, continuou ella, socegue, desabafe, diga-me como brotou esta fatal paixão.

Então Amelia, feliz por poder recordar as peripecias saudosas do seu amor, contou-lhe largamente o que nós sabemos já pela leitura da sua correspondencia, e da correspondencia de Eduardo.

—Agora, disse ella terminando, agora que a vinda inesperada de Sophia accelerou a catastrophe, agora que chegou o momento decisivo, a minha resolução está tomada. Já que a lei me não permitte cingir com o véu das freiras a minha pallida fronte, irei para longe de Portugal, irei ser irmã de caridade. Attribuam a minha subita resolução a uma

explosão de mysticismo, á influencia nefasta de alguns padres reaccionarios, digam o que quizerem; eu serei irmã de caridade, consolarei com as minhas palavras de affecto e de caricia os desgraçados; toda a minha dôr, purificada e transformada em balsamo, se derramará sobre as feridas dos corações angustiados, e, sabendo o que são padecimentos moraes, saberei adoçar as agonias estranhas.

—Mas eu é que não consinto, bradou a viscondessa, eu é que não consinto que vá sacrificar a uma falsa vocação toda a sua existencia, todo o seu futuro; não quero que se amortalhe assim na flôr dos annos, julgando que morreu porque uma dôr lacinante lhe paralysou por um momento as fontes da vida, imaginando que se lhe regelou o coração quando apenas deixou de pulsar por instantes. Ah! louca, sabe que tormentos infernaes preparava para o futuro? Quando voltasse de novo a primavera, porque, por mais carrancudo que se apresente o inverno, por mais que se envolva a natureza na sua mortalha

de neve, a primavera volta sempre, derramando em torno de si os jubilos, as esperanças, as musicas, as flores e os perfumes, o seu coração, Amelia, havia de se abrir de novo a todos os magicos effluvios da creação, havia de aspirar de novo ás sensações do amor, havia de querer viver, e encontraria então o habito negro, a negra mortalha, a comprimil-a; o dever, mas o dever sério, o dever inexoravel, não o dever ficticio que hoje phantasia, o dever acudiria a bradar-lhe com a sua voz austera. «Não resurjas, coração; morre, sepulta-te, mocidade.» Eu sei, Amelia, e um dia lhe direi como, sei o que são estas agonias, sei o que são estas intimas luctas, e quaes as suas medonhas consequencias; e porque o sei, e porque a estimo, e porque aprecio o seu nobre coração é que lhe digo: Não, Amelia, não será irmã de caridade. Não consinto n'esse suicidio, não consinto n'essa loucura.

- Oh! Albertina, quer então que eu commetta a infamia de anniquilar a existencia da pobre Sophia, ou que vá entregar a um ho-

mem qualquer um coração cheio da imagem de outro?

—Não, Amelia, não quero coisa alguma d'essas; mas convença-se de uma coisa: a existencia de Sophia não se anniquila tão facilmente; as meninas romanescas por fóra são lá por dentro d'uma rara placidez. Deixe-a comigo, Amelia.

—Albertina, por amor de Deus, eu não acceito a piedade de ninguem, bradou Amelia erguendo-se com orgulho.

—Nem eu a imploro, póde estar certa; prezo muito a sua dignidade, minha querida amiguinha, mas o que eu não posso é estar da praia assistindo tranquillamente ao naufragio de tres existencia, a sua, a de Eduardo, e a de Sophia.

—A de Sophia!

—A de Sophia, sim! Pois imagina que ella seria feliz, casando com um homem que a detestaria, e que veria sempre a imagem de outra mulher a empanar-lhe com a sombra do seu melancholico vulto o brilho da ventura conjugal?

Amelia baixou a cabeça, tristemente.

— Vamos, creança, acudiu Albertina com meiguice e carinho, não transforme em nuvem de temporal a primeira nuvemsinha alvissima, que fluctua no seu horisonte. Entregue isso ao meu cuidado. Procederei como se fosse sua mãe.

— Que mãe tão precoce! acudiu Amelia já sorrindo.

— Minha sarcastica amiguinha, tornou a viscondessa com um triste sorriso, os padecimentos amadurecem tanto o espirito como o decorrer dos annos!

— Padecimentos, Albertina!

— Não se trata agora de mim. Procedâmos com ordem, se queremos conseguir alguma coisa. Tratemos da doente em perigo, e não sondemos agora as feridas, que estão... que devem estar cicatrisadas. Vamos, coragem e esperança!

E eis o motivo porque a viscondessa Albertina de B... dirigiu a Eduardo as palavras que tanto o surprehenderam.

IV

DUAS ALMAS À LAMARTINE

N'esse dia Eduardo Hill e sua mãe jantaram em casa do conselheiro Castro. Appareceram tambem o poeta Ernesto de Almeida e o philosopho Amadeu Cibrão. O conselheiro estava radioso; dominando da cabeceira da meza a assembléa toda, derramava sobre os circumstantes uma verdadeira nuvem de citações latinas; o conselheiro Barata comia como um abbade e citava o padre Theodoro de Almeida; o visconde comia mas não citava ninguem; Ernesto de Almeida suspirava com os olhos, se nos permittem a frase, porque a boca estava occupada com os no-

bres exercicios da gastronomia; Amadeu Cibrão explicava a these, a antithese e a synthese de Hegel á senhora D. Marianna Leite, que o declarava um moço muito prendado, e lhe perguntava se elle andára em Coimbra, ou se estudára na *Polytenica* do Porto; Amelia e Sophia, silenciosas, mostravam-se ambas uma espantada, outra escandalisada pelo caso que vamos narrar.

Entre as duas meninas estavam Eduardo e a viscondessa, e parecia ser esse o ponto mais animado da meza; os dois convivas, que tagarellavam na mais deliciosa intimidade, riam a bom rir, quer dizer, a viscondessa ria francamente, e Eduardo, que primeiro só constrangido a acompanhára, afinal ria tambem com certa expansão.

Sophia e Amelia estavam ao lado dos conversadores, e podiam portanto ouvir o que elles diziam. Por isso tambem o que indignava Sophia não era a intimidade da viscondessa com Eduardo, era a conversação sarcastica dos dois, e sobretudo a pouca attenção que Eduardo parecia prestar-lhe a ella.

A palestra versára sobre muitos pontos varios, corrêra todos os assumptos possiveis, litteratura, politica, theses de sentimento, e a viscondesse tratára todas as questões com este scepticismo zombeteiro e elegante que é a critica da moda; Eduardo, apesar de não tratar esses assumptos com identica frivolidade, na inercia de espirito em que estava engolphado, não combatia os paradoxos e os motejos da viscondessa, e mais de uma vez se deixou arrastar pelos attractivos do fino espirito da viscondessa, fazendo côro com as suas observações. Amelia e Sophia entravam de quando em quando na palestra, Sophia para protestar, em nome do seu romanesco espirito, contra as theorias de sua prima, e Amelia para fazer uma ou outra observação, que mais se coadunava com as disposições da sua alma; comtudo a palestra mantivera-se, com raras excepções, na situação de duetto.

—Meu caro visinho, disse afinal a viscondessa, já que tenho desmerecido tanto no seu conceito pelas minhas theorias litterario-politico-religiosas, quero elevar-me de novo,

dando-lhe um especimen dos meus talentos physionomicos. Agora que já estamos *entre la poire et le fromage*, vou esboçar o caracter dos individuos para mim desconhecidos, que se sentam a esta meza, pela simples inspecção do rosto que Deus lhe deu.

—Comece pois a revista, acudiu Eduardo sorrindo.

—Não me demorarei no pae de Amelia, em primeiro logar porque respeito o parentesco, em segundo logar porque o conheço de larga data a elle e ás suas citações latinas. Passo áquelle venerando ancião, que está ao seu lado, e que se chama...

—O conselheiro Barata, interrompeu Amelia.

—Nome soberbissimo. Ao ver o modo como elle dá cabo dos comestiveis que lhe enchem o prato, e o beatifico aspecto com que responde, sempre de boca cheia, ao conselheiro Castro, aposto já em como é um d'estes commensaes complacentes, a quem o pae de Amelia póde sempre arrojar o sobrecellente das citações, que não conseguiu des-

pejar em tempo opportuno sobre os outros visitantes. Possue elle mesmo a doze de erudição necessaria para *donner la réplique* ao seu verboso interlocutor, e tem para os casos difficeis um bordão que o salve.

—Que vem a ser o padre Theodoro d'Almeida, acudiu Amelia rindo. Isto é o que se chama uma discipula de Lavater.

—Acertei? tornou a viscondessa rindo. Ah! minha querida amiguinha, é que á meza, depois de um bom jantar, quando os convivas, com o estomago satisfeito, entram n'essa phase deliciosa da digestão, cantada, supponho eu, pelos poetas do seculo XVIII, que tudo cantavam, n'esse momento reflectem-se-lhes forçosamente no espelho da physionomia os sentimentos do seu verdadeiro caracter.

—Bem! prosigâmos em tão bem encetada descripção, tornou Eduardo.

—Prosigâmos. Temos agora aquelle moço de labio desdenhoso, olhar importante, que tão gravemente conversa com a mãe da minha romanesca Sophia. Ou muito me enga-

no, ou temos n'aquelle sujeito um d'estes mancebos para quem a sciencia não tem arcanos, e que, depois de terem lido quatro paginas d'um volume francez de 3 francos e 50 centimos, votam o mais solemne desprezo á miuçalha lusitana que nada entende de transcendentes philosophias. Aquelle senhor...

—Amadeu Cibrão, disse Eduardo; é maravilhosa a sua perspicacia.

—Vou bem? Ora pois, o sr. Amadeu Cibrão é grande perante si mesmo, e parece-me que tambem já começa a ser grande perante a senhora D. Marianna Leite, que o contempla n'um extasi admirativo. Sophia, minha boa Sophia, acautella-te. Se Amadeu não chega a adormecer a tua querida mamã, vejo-te em serios perigos de seres lançada ás fauces d'aquelle Minotauro da philosophia.

—Com tanta mais rasão, acudiu Eduardo vivamente, que o philosopho possúe haveres muito avultados.

—Creio, Eduardo, interrompeu Sophia

com ares de offendida, que nunca lhe dei motivos para suppôr que o vil interesse tivesse em mim a mais leve influencia.

—Não de certo, Sophia, disse Eduardo delicadamente, nem eu disse estas palavras com semelhante intenção.

—Ora vejam, interrompeu a viscondessa, vejam se querem agora intercalar no meu discurso uma scena de explicações. Silencio, continuou ella com gravidade comica, não perturbem a pythonisa na sua tripode. Eu estou lançando ao vento as folhas sybillinas.

—Nós escutamos, prostrados no pó do templo, tornou Eduardo risonho.

—Aquelle outro moço... continuou a viscondessa.

Depois parou, assumiu um ar menos zombeteiro, e continuou, com um delicado sorriso.

—Bom; não entremos no campo da maledicencia. Aquelle outro rapaz, proseguiu ella com simplicidade, tem um aspecto distincto, parece um moço intelligente, e não quero tambem sacrifical-o nas aras da minha mordacidade.

—De quem falla, viscondessa? acudiu Eduardo estupefacto.

—D'aquelle moço pallido... como se chama?

—Ernesto d'Almeida, disse Amelia não menos espantada. É o que está ao lado da mamã?

—Exacto. Ou pela primeira vez me falha a minha sciencia physionomica, ou é um homem de intelligencia e de coração.

—Pois effectivamente, senhora viscondessa, tornou Eduardo; illudiu-se v. ex.ª ou quiz-nos mostrar que a perfeição era, em todas as coisas, defesa á misera humanidade. Ernesto d'Almeida é um d'estes poetastros de elegias, lugubres como uns cyprestes, e banaes como um copo d'agua, promptos sempre a offerecerem a immortalidade dos seus versos, immortalidade extremamente limitada, a todas as damas que teem a desventura de lhes ficarem no caminho.

—Realmente Eduardo, interrompeu Sophia com certa vivacidade, o odio, que ultimamente manifestou pela poesia, céga-o a ponto

de entender que d'esta vez errou tão absolutamente, como diz, a perspicacia da viscondessa?

—Deixe-me dizer-lhe tambem, tornou a viscondessa, que sem me querer dar por infallivel, não supponho enganar-me quando affirmo que o sr. Almeida é um moço intelligente e sympathico. É possivel que seja poeta, mesmo poeta elegiaco, é possivel que haja exageração nas suas tristezas, e que affecte um pouco a melancholia, como os romanticos de ha vinte annos; mas deixe-me dizer-lhe aqui muito á puridade, eu estou por tal fórma fatigada e enjoada d'esta frivola, desdenhosa, fria e tolamente motejadora geração contemporanea que prefiro a um d'estes heróes do *persifflage* um Antony ou um René com todas as suas exaggerações.

—Ah! tem razão, Albertina, exclamou Sophia em extasi, esses ao menos são a poesia.

—Mas nada d'isso se applica ao homem de quem se tracta, exclamou Eduardo exasperado por esta persistencia que não comprehendia; prefiram muito á sua vontade os An-

tonys, mas não dêem a Ernesto d'Almeida as honras da comparação com o heróe de Dumas. Este é poesia de contrabando, é um Antony das edições belgas, é um René de *contrefaçon*. É um homem que tem por missão chorar em cima das botinhas das senhoras do seu conhecimento, massar a lua com volumes inteiros de confidencias, e escrever na areia o nome de beldades vaporosas que nunca repararam n'elle.

—Isso é um modo gracioso de declarar que eu não sou de modo algum beldade vaporosa, porque tive a infelicidade de reparar n'aquelle rapaz, que não imagina de certo que está sendo assumpto de tão acalorada discussão. . .

—E de tão inconcebiveis motejos, acudiu Sophia visivelmente irritada; eu não conheço esse senhor que *escreve nomes na areia*, continuou ella sublinhando a phrase, mas declaro que acho odiosa a persistencia do sr. Eduardo Hill.

N'esse instante levantavam-se todos da meza, e esse movimento interrompeu a conver-

sação que ia tomando um tom soffrivelmente azedo. Eduardo estava estupefacto; Amelia quizera dar explicações á viscondessa n'um sentido não muito favoravel ao sr. Ernesto d'Almeida, mas Albertina, pisando-lhe o pé por baixo da meza, fez-lhe comprehender que aquella conversação entrava d'alguma fórma na sua tactica; assistiu portanto silenciosa ao dialogo, sem perceber muito bem o plano da sua amiga, cuja perspicacia aliás não a maravilhára sobremaneira, porque se lembrava de lhe ter descripto n'uma carta, como as que escrevêra a Sophia, os typos que faziam parte da sua galeria de Cintra.

O visconde propozera um passeio a Seteais.

A idéa fôra adoptada por acclamação, e o grupo numeroso poz-se a caminho. Eduardo por um resto de respeito pelas conveniencias sociaes, quizera offerecer o braço á sua noiva; esta porém affastára-se com um movimento de amuada, e Eduardo não pronunciára o seu movimento; pelo contrario approximára-se de Albertina, de quem já se approximára Ernesto d'Almeida, e que princi-

piára a sustentar um dialogo, ou antes um monologo cortado de monosyllabos dos interlocutores, scintillante de viveza e de chiste. Amelia assistia a esse brilhante fogo de artificio, sem coragem para se chegar para Sophia, mas extremamente preoccupada com a attitude da sua amiga Albertina, que ia vibrando como que ao acaso uns certos epigrammas geraes, que tiveram por effeito affugentar o sr. Almeida. D'esta fórma ficaram disponiveis o poeta e a sentimental. Naturalmente Ernesto approximou-se da melancholica menina.

—Vejo que v. ex.ª gosta da solidão, disse elle para entabolar as suas relações.

—Oh! sim, respondeu ella, suspirando, na solidão compraz-se a gente em escutar o seu proprio pensamento de que o mundo aliás zombaria; na solidão as idéa elevadas, os affectos generosos repercutem-se melhor no espirito, como lá diz Lamartine,

Ainsi, plus le temple est vide,
Plus l'écho sacré retentit.

— V. ex.ª conhece e aprecia Lamartine, exclamou Ernesto d'Almeida enthusiasmado. Ah! é o poeta das minhas predilecções.

— E das minhas tambem, acudiu Sophia; que poesia tão casta! que purissimas tristezas. Não é d'elle que se póde dizer o que de Byron elle dizia:

Toi dont le monde encore ignore le vrai nom,
Esprit mystérieux, mortel, ange ou démon

— Oh! não; elle é o poeta das ethereas expansões; vive nos seus versos engastado, como uma perola em oiro, o doce nome d'Elvira, d'Elvira que elle immortalisou, porque os poetas immortalisam as mulheres que são objecto da sua ardente idolatria, como o proprio Lamartine declarou:

Beauté, présent d'un jour, que le ciel nous envie,
Ainsi vous tomberez, si la main du génie
Ne vous rend l'immortalité.

Como vêem, Ernesto estava no seu thema

favorito. Não tardaria que se resolvesse a offrecer a immortalidade a D. Sophia Leite.

Mas D. Sophia scismava.

—Elvira, dizia ella com os olhos no céu, a candida flôr que o vento da morte desfolhou tão cedo! era ella, era a fragil donzella, que murmurava no fragil esquife baloiçado pelas vagas do lago azul:

O temps, suspends ton vol! et vous, heures propices,
Suspendez votre cours!
Laissez-nous savourer les rapides délices
Des plus beaux de nos jours!

—*Aimons donc*, murmurou Ernesto, afinando a sua voz suspirosa pelo tom elegiaco de Sophia.

Aimons donc, aimons donc! de l'heure fugitive
Hâtons-nous. jouisson!
L'homme n'a point de port, le temps n'a point de rive;
Il coule, et nous passons.

—Ó Lamartine! murmurou Sophia em languido extasi.

— Ah! minha senhora, murmurou Ernesto, como é doce encontrarmos n'este mundo prosaico e vil uma alma que nos comprehenda! Como essa exclamação me lembrou agora o *Ó Klopstock* da Carlota de Werther. Ah! minha senhora, continuou elle, mas os heroes do romance immortal de Gœthe casavam-se n'uma identica aspiração para a poesia immortal do cantor da *Messiada*, as suas almas, já enlaçadas pelo mutuo affecto, só tinham n'essa poesia o laço doirado que as apertava mais uma á outra, e eu, infelizmente minha senhora, eu, simples e desconhecido conviva, que v. ex.ª esquecerá ámanhã, não faço mais do que passar um instante por diante da sua luminosa imagem, admirar os thesouros do seu coração e os thesouros da sua alma, levar d'esses raros predicados uma lembrança querida, e sumir-me na sombra, olvidado por aquella que um instante se uniu comigo na mesma adimiração pelo bello, no mesmo enthusiasmo pelo cysne de Milly.

Devemos dizel-o: ao ouvir estas palavras que annunciavam positivamente um principio

de declaração, Sophia tomou uma compostura séria e deu um passo para se affastar; lançando os olhos para o grupo dos outros passeiantes, viu Eduardo conversando com à viscondessa; comtudo esperou que elle olhasse para o seu lado, e ia a fazer-lhe um signal para que o seu noivo se aproximasse, quando a viscondessa, que não perdia um só dos seus movimentos, travou rapidamente do braço de Eduardo, e, arrastando-o comsigo n'uma carreira infantil, levou-o para uma das alamedas lateraes.

Sophia fez-se vermelha de colera, teve primeiro um impeto de impaciencia, mas reprimiu-o, e, recuperando a sua placidez habitual, acceitou o braço que Ernesto lhe offerecia havia um bom quarto de hora, e disse-lhe amavelmente:

—Então acha que a situação é semelhante á do romance de *Werther?*

Entretanto Eduardo dizia á sua voluvel braceira:

—Mas, minha senhora, permitta-me que lhe observe...

—Não lhe permitto coisa alguma; guarde as suas observações para melhor occasião. Agora faz-me a côrte; é negocio convencionado.

—Não digo o contrario, tornou Eduardo rindo, mas eu ia jurar que Sophia me chamava.

—Sim? Tanto peior para ella; foi preterida.

—O que quer fazer então?

—O que quero fazer? Salval-o, ingrato.

A SCENA DO JARDIM

O plano da viscondessa já os leitores o perceberam facilmente. Chamou a attenção de Sophia para Ernesto d'Almeida, sabendo bem que aquelles dois espiritos muito facilmente se entenderiam, e, prevendo a opposição de Eduardo aos seus disparatados elogios, previu tambem que o interesse que ella fingia tomar pelo poeta, e o desdem de Eduardo concorreriam igualmente para captivar o animo de Sophia. Previu egualmente que o despeito de ver o noivo como que atrelado á sua amiga levaria Sophia a dar attenção a Ernesto

d'Almeida; mas, habil como até ahi se mostrára, perce beutambem que, se ella persistisse em ter Eduardo junto de si, em o desviar da noiva, o orgulho d'esta empenhar-se-hia na lucta, e faria com que, deixando Ernesto, procurasse contrariar o amor proprio da sua amiga, submettendo o seu noivo ao jugo matrimonial. Portanto, no dia seguinte, dispensou Eduardo de lhe fazer a côrte, quasi lhe não deu mais palavra, e, mudando a direcção das suas baterias de *coquetterie*, começou a submetter á acção dos seus olhares de fogo o pobre Ernesto, que estava sempre disposto a render-se, e que não tardou a preparar-se para lhe offerecer um quinhão de immortalidade. Mas Sophia é que tambem não pôde resignar-se a consentir que tão depressa lhe fosse roubado o seu novo adorador. Não era *coquette* a romantica menina de Leça de Palmeira; mas tinha um certo amor-proprio, a viscondessa tivera a habilidade de lh'o despertar, e d'esta fórma a batalha, que devia travar-se em torno de Eduardo, travava-se em torno de Ernesto, que parecia estar sen-

do disputado por duas senhoras, que não sabia já qual das duas havia de immortalisar, e que, depois de ter passado uma parte da vida a ser Petrarcha em disponibilidade, passava agora a ter as suas aspirações a Ovidio.

De todas estas complicações resultava que ainda não tinham passado quinze dias e já em Cintra a situação era a seguinte: Sophia e Ernesto d'Almeida namoravam-se de modo que o namoro já dava nas vistas de todos, excepto da sr.ª D. Marianna Leite que achava naturalissimo que todos cortejassem sua filha, e que nem por isso suppunha que podesse deixar de a querer para esposa o homem a quem ella fizesse a honra infinita de o distinguir; Amelia e Eduardo refloriam a olhos vistos, não se atreviam ainda assim a approximarem-se um do outro, mas aproveitavam o descanço em que Sophia os deixava para trocarem ás furtadellas vistas apaixonadas; a viscondessa presidia a todos estes manejos com um sorriso triste a fluctuar-lhe nos labios, o visconde caçava sósinho ou devorava charutos como um desesperado, e aturava

a saraivada de citações do conselheiro Castro, a quem mandava muito cordialmente ao diabo.

Era necessario comtudo um desenlace, e esse desenlace parecia difficil ou pelo menos demorado; Eduardo entendia no fundo da sua consciencia que não podia pretextar os amores de Ernesto e de Sophia, amores que tinham nascido á sombra do seu calculado descuido, para n'elles fundamentar um rompimento.

Estavam as coisas n'esta situação quando o conselheiro Castro entendeu que devia dar um baile.

Nenhuma das senhoras da casa, que podiam rejubilar-se com essa promessa, se sentia nas disposições de espirito necessarias para saúdar com enthusiasmo essa deliciosa perspectiva. Amelia, que adorava doidamente os bailes, agora, anciosa, angustiada, só aspirava a sair por uma porta qualquer da situação equivoca em que se via collocada, a viscondessa perdêra, por um motivo desconhecido, a alegria que d'ella fizera outr'ora a

rainha das salas, Sophia votára uma execração romanesca a todos esses divertimentos, e comprazia-se em estar sósinha cravando os olhos melancholicos na turba dos valsadores, até que a viessem tirar para uma contradança, em que acharia meio de communicar ao seu par as suas melancholicas reflexões.

Quem andava doida de contentamento era a sr.ª D. Marianna Leite. Achava emfim occasião de mostrar sua filha á sociedade aristocratica de Cintra, que ficaria de certo deslumbrada com as prendas, de que era dotada a sua interessante filha, e que bom dinheiro tinham custado aos pais, segundo a sr.ª D. Marianna não cessava de affirmar.

A noite estava formosissima; as janellas do palacete do conselheiro Castro, abertas de par em par, deixavam entrar os esplendores d'um claro luar de agosto, e os balsamicos aromas das moitas floridas; em paga a sala illuminada vertia no jardim as suas torrentes de luz, e as suas ondas de melodias. Quando os valsadores, fatigados de volteiarem ao vivo clarão dos lustres, se approximavam das ja-

nellas para respirarem os puros bafejos da brisa, viam no céu, a contemplal-os docemente, o pallido rosto da lua. A dança não se conteve, nem se podia conter nos salões. Houve um par mais audacioso que primeiro franqueou o limiar do jardim, para além do qual se estendia a quinta cheia de mysteriosos arvoredos, e de umbrosos recessos; os outros pares seguiram essa indicação muito aproveitavel, e d'ahi a pouco a turba dos dançadores enchia o jardim com o seu turbilhão doidejante.

N'essa noite, a viscondessa, que manobrára com habilidade, repellira com uma tal frieza, mas sem que Sophia o percebesse, as timidas tentativas amaveis do sr. Ernesto d'Almeida, que o pobre poeta viu-se obrigado a escolher definitivamente, entre as duas rivaes, aquella que mais francamente o acolhia, e aquella tambem a quem o prendiam mais intimas affinidades de espirito e de coração.

A viscondessa, livre d'elle, acceitára para uma polka o braço de Eduardo, e, depois de terem atravessado, dançando, o jardim, quan-

do a musica parou, e que os dançadores, namorados das bellezas da noite, ficaram passeiando nas alamedas, encostou-se ella ao braço de Eduardo e, desviando-se um pouco dos grupos mais numerosos, disse para o moço inglez:

—Então está satisfeito comigo?

—V. ex.ª, disse-lhe Eduardo, é o meu anjo protector, e chamo-lhe anjo com tanta mais razão quanto effectivamente parece-me miraculoso o modo como v. ex.ª conseguiu uma tão rapida modificação nas relações entre mim e Sophia. Parece que tudo isto se effectuou por meios invisiveis, porque eu, sem ter percebido o trabalho mysterioso que se realisou, achei-me de repente quasi livre de compromissos que julgava impossiveis de quebrar. Quaes os meios empregados? Não sei.

—Nem eu lh'os digo. Não se revelam aos nossos inimigos naturaes os segredos da tactica feminina.

—Ao menos confesse uma coisa, interrompeu Eduardo rindo, não entrou um pouco de *coquetterie*, na sua tactica?

—Talvez, meu bom amigo, redarguiu a viscondessa, e passou-lhe pela fronte uma nuvem de melancholia, talvez, mas, continuou com voz triste, era necessario que eu utilisasse n'um fim tão justo esse defeito fatal da minha organisação.

—O que? Pois confessa-se *coquette?*

—Terrivelmente, atrozmente, homicidamente *coquette*, acudiu a viscondessa com uma voz extraordinariamente exaltada.

—Tem alguma coisa, viscondessa? exclamou Eduardo.

—Não, tornou Albertina; voltemos para as salas, fazem-me mal os aromas d'estas flores, queima-me este luar tão brando, e que o acaricia, Eduardo, pois que só lhe lembra pensamentos d'um amor puro e sem remorsos.

—Sem remorsos, viscondessa?

—Oh! sem remorsos, sim, continuou ella; pois podia um instante só considerar como um dever sério este compromisso ephemero, que eu despedacei rindo com uma simples pancada do meu leque? Ah! não conheça

nunca as lembranças pungitivas, que se ligam a uma imagem querida, os criminosos amores, os remorsos que se nos aninham no coração de envolta com uma saudade!

E, dizendo isto, a viscondessa deixou-se caír sentada n'um banco de pedra que ficava entre um arvoredo, e desatou a chorar perdidamente.

—Mas o que tem, minha senhora? acudiu Eduardo deveras inquieto.

—Nada... nada... este luar, este aroma entontecedor das flores, este silencio, esta melancholia do panorama da quinta despertaram-me a lembrança d'um episodio lugubre da minha vida, que sempre me devora, que sempre trago comigo como um cilicio, e que ha-de levar-me á sepultura... Isto foi um ataque nervoso... Felizmente estamos sós... Deixe-me enxugar as lagrimas, e voltemos dançando á sala... Não tarda por ahi novo grupo de dançantes... Ninguem repara na nossa curta ausencia... só se fôr Amelia, e essa não tem ciumes.

—Viscondessa, tornou Eduardo com sin-

Eduardo, verdadeiramente enternecido, sentou-se ao lado d'ella, e, tomando-lhe a mão entre as suas, disse-lhe quantas palavras de puro affecto, de santa amizade, de carinhosa consolação lhe lembraram, mas, n'isto ouviu de repente ao seu lado uma voz esganiçada que bradava:

—Que desaforo é este? Oh! minha pobre filha, como tu és apreciada!

Era D. Marianna; ia Sophia cantar, e a boa mas empavezada mãe andava recrutando por todos os cantos do jardim ouvintes para a applaudirem. Foi assim que encontrou o grupo, effectivamente um pouco suspeito, da viscondessa e Eduardo. Este levantou-se precipitadamente, e ficou immovel e mudo diante da sua futura sogra.

—Eu já desconfiava d'isto mesmo, tornou D. Marianna que não desconfiava de coisa alguma, eu já desconfiava que minha filha estava sendo sacrificada... Pois olhe, sr. Eduardo, podia tel-o dito, porque minha filha não precisa das esmolas de ninguem, tem noivos que farte. Ha muito boa gente, que deseja

bem que este casamento se rompa. Ora não ha! mas uma coisa assim!... E a viscondessa, a prima viscondessa, dar-lhe attenção! Olhe seu marido se sabe!...

—Senhora D. Marianna, acudiu Eduardo irritado, eu não posso consentir que por minha causa seja calumniada uma senhora, a quem não devo senão muita gratidão. A senhora viscondessa está acima de semelhantes supposições, e a sr.ª D. Marianna, que a conhece a ella e que me conhece a mim, devia poupar-nos semelhante injuria.

—Deixe-a, Eduardo, deixe-a, acudiu a viscondessa brandamente, deixe-a suppôr o que ella quizer; a mim nada me offende. N'isto ao menos uma verdade se apura, e é que nem Eduardo tem por Sophia o amor que justificaria os laços que iam travar, nem Sophia consagra a Eduardo os sentimentos d'outr'ora. Olhe D. Marianna, quando n'um baile, o noivo conversa com uma senhora, ainda que seja uma velha como eu...

D. Marianna sorriu-se desdenhosamente.

—Uma velha como eu, repito, continuou

a viscondessa, velhos são os que estão proximos do tumulo, os que têem mortos no fundo do coração os affectos e os sentimentos da juventude... quando um noivo conversa com ella, emquanto a noiva dá attenção ás finezas de um bonifrate...

—D'um bonifrate! exclamou D. Marianna indignada; o sr. Ernesto d'Almeida é um moço muito prendado, e que tem muito de seu!

—Bom! tornou a viscondessa rindo, ao menos concede que effectivamente está estabelecido o namoro.

—Ah! ainda por cima de a atraiçoarem, ainda injuriam minha filha! Pois bem! eu a farei sciente do que se passa, e agora, quer ella queira quer não, o que lhe posso affiançar, sr. Eduardo, é que estão dissolvidos para sempre estes projectos de casamento, e, ainda que o senhor me implore de joelhos, creia que não volto com a minha palavra atraz.

—Ah! minha senhora, tornou Eduardo com serena delicadeza, não póde deixar de

me ser penosa a noticia que me dá; mas póde estar certa que nunca a hei de importunar com os meus rogos.

—Não jure, não jure, sr. Eduardo, tornou D. Marianna; amores, como os que tem agora, desabam depressa, e depois é que vem o remorso.

E, tendo atirado esta frecha, D. Marianna affastou-se como um verdadeiro Partho.

Eduardo, indignado, ía a correr para ella, afim de lhe exprobrar a sua insinuação calumniosa, mas a viscondessa reteve-o, dizendo-lhe tristemente:

—Deixe-a, deixe-a; conseguiu-se o principal, o rompimento partiu d'ellas. Que importa que me magoem, que me calumniem! Sacrificios maiores ainda eu faria para expiar os meus erros, e para evitar que outros padeçam as angustias que eu padeci.

N'essa mesma noite D. Marianna queixou-se amargamente a Fanny de seu filho; a boa senhora, escandalisada com a accusação, redarguiu amargamente, e citou o namoro de Ernesto d'Almeida. Trocaram-se as recrimina-

nações acrimoniosas, e a reconciliação tornou-se impossivel.

Sophia não derramou lagrimas; havia entre ella e Ernesto uma tal fraternidade em Lamartine, que o vulto do inglez já pouco logar occupava no coração da menina de Leça de Palmeira.

As duas senhoras Leites partiram, depois de se terem despedido muito friamente da viscondessa.

O conselheiro Castro, que nada percebia do que se passára, vendo a despedida gelada da viscondessa e de Sophia, dizia para o conselheiro Barata:

— *Tantane animis celestibus iræ!*

No mesmo dia da partida, a viscondessa, entregando um masso de cartas, atado com uma fita preta, a Eduardo, dizia-lhe em presença de Amelia:

— Ahi tem a explicação da scena decisiva do jardim, ahi tem, meu caro Eduardinho, o segredo da pobre viscondessa.

—Não o posso eu saber tambem, minha boa protectora? disse Amelia.

—Has-de sabel-o, quando....

—Quando?

—Quando Eduardo for teu marido.

A viscondessa dizia isto, vestida já com trajo de viagem. N'este momento apparecia o conselheiro Castro.

—O que é isso, viscondessa? exclamou elle espantado.

—Deixo-o em paz, conselheiro.

—*Ubi solitudinem faciunt, pacem appelant*, exclamou tristemente o digno Castro.

O que fez com que o visconde dissesse para sua mulher, quando se metteu na carroagem:

—Se ficamos mais um dia, estavas viuva, Albertina.

—Porque? perguntou a viscondessa, que se debruçava da carroagem para se despedir com os olhos arrazados de lagrimas de Eduardo e de Amelia.

—Porque eu morria com uma indigestão de latim.

. . . . . .

N'essa mesma noite, Eduardo, sósinho no seu quarto, lia, com avida curiosidade, o masso de cartas que a viscondessa lhe entregára.

VI

O MASSO NEGRO

1.ª CARTA

A viscondessa de A... á maqueza de L...

Guimarães 8 de novembro de 1860.

Minha querida Julieta

Tu nunca fizeste profundas reflexões sobre a sorte das cartas, d'essas mysteriosas viajantes, que recebem indifferentemente as confidencias da tristeza para as irem depositar no seio da alegria, e que passam, com o maior estoicismo, dos quartos mesquinhos da pobreza para os doirados salões da opulencia?

Não de certo! As reflexões philosophicas são completamente inuteis ás elegantes marquesinhas, que, recostadas á noite nos camarotes de S. Carlos, que são o throno da

sua formosura, vêem agitar-se extatica e deslumbrada, uma platéa de vassallos. A philosophia, minha boa Laura, é o recurso das viscondessas exiladas em Guimarães.

Comtudo, *bon gré, mal gré*, has-de inclinar durante cinco minutos a tua fronte limpida, e has-de pensar na sorte d'esta carta, que, sendo estripta pela tua travessa de collegio n'uma sombria cidade do Minho, ha-de ser lida por ti na risonha capital da nossa patria.

E, para dar mais relevo ao parallelo, vou descrever-te a sala em que te estou escrevendo.

> Era um vasto salão: cupula altiva;
> espaldares de sala almofadados

e tudo o mais que diz Thomaz Ribeiro; mas infelizmente era assim no tempo do bisavô do visconde; hoje *quantum mutatus ab illo*, como diz um padre a respeito do qual muito havemos de conversar.

Os criados velhos chamam a esta sala a

sala vermelha, e dizem elles que se chama assim porque o forro das paredes é de damasco vermelho. Como o tal damasco me está vendo escrever, não quero dizer uma coisa que lhe seja desagradavel, mas sempre te confessarei baixinho que é já impossivel perceberlhe a côr.

O salão é vasto, mais comprido do que largo, e tendo n'uma das paredes suspensos os retratos dos antepassados do visconde. Está caíndo a noite, e as janellas, que se rasgam na parede fronteira, inundam com o vago clarão do crepusculo essas figuras sombrias, immoveis nas suas molduras doiradas. Sentada n'uma das extremidades d'esta immensa quadra, tendo apenas um castiçal sobre a meza em que estou escrevendo, vejo as sombras amontoarem-se no fundo da sala, aonde nem chega a luz da vela, e oiço não sei que vagos rumores, que julgo serem as mysteriosas conversações d'esses feios fidalgotes, que estão nos seus nichos de lona, todos escandalisados por verem junto de si uma rapariga de vinte e dois annos!

Eu gosto immenso d'isto! Acho um prazer incrivel n'este vago *frisson*, que me percorre o corpo, ao sentir-me sósinha n'um dos vastos salões do meu antigo solar! Se eu fosse a marqueza de Lusacia, de que falla Victor Hugo na sua *Lenda dos seculos*, não havia de pedir aos mènestreis que me fizessem companhia no velho castello dos bosques, e havia de passar uma noite sublime n'essa medonha sala, onde

Le mur fuit dans la brume et semble illimité

Deixa-me agora seguir a minha carta, pobre pombinha mensageira, que está tremendo de frio na atmosphera humida de uma sala de Guimarães, emquanto eu lhe estou contando silenciosamente as confidencias, que ha-de ir segredar ao ouvido da minha boa Julieta. Deixa-me seguir com a imaginação o seu vôo ligeiro, e, atravessando o espaço tão rapidamente como Fausto no manto de Mephistopheles, deixa-me entrar com ella no teu *boudoir* encantador. Escondida por traz das

bambinellas de cassa, deixa-me ser invisivel testemunha da tua agradavel surpreza, quando, pegando na carta indolentemente, reconheceres no sobrescripto a letra miudinha da tua boa amiga.

Deixa-me sorrir tambem, quando um sorriso entre-abrir os teus labios de coral, mostrando as brancas perolas, como diria ha-de haver quatro annos um certo marquez que eu conheço, e quando tu disseres, embrulhando-te bem no teu chaile de abafar: Que mania teve aquella pobre viscondessa de ir refugiar-se na Siberia?

Altos mysterios financeiros, sr.ª marqueza, mysterios que nem v. ex.ª nem eu somos capazes de entender, felizmente para nós. O visconde fallou-me uma vez nos seus caseiros, que o roubavam, nas suas quintas abandonadas, no dinheiro que se gastava em Lisboa, louvou depois extasiado as doçuras da vida bucolica, disse-me que o Minho era o jardim de Portugal, chegou até no seu enthusiasmo a citar um trecho de um livro, que elle nunca tinha lido, e, depois de ter desperdiçado

comigo thesouros de eloquencia, que o levariam á camara, se deslumbrasse com elles os eleitores de um circulo, apresentou-me dois bilhetes do vapor *Lusitania*, que partia no dia seguinte para a cidade invicta.

O bom do visconde tinha-me cortado a retirada. Não havia que hesitar; partimos, e aqui estou eu feita castellã d'este solar carrancudo, situado n'uma das ruas mais feias da velha Guimarães, e cujos muros negros o sol nem quer doirar; porque o formoso Apollo, que a antiguidade devaneou, niquento como um peralvilho actual, tem medo de sujar os seus raios de oiro, fazendo-os atravessar o lamaçal infecto, digno fosso da minha nobre fortaleza.

Imaginas facilmente que a tua amiga, curiosa como é, tem percorrido em todos os sentidos a primeira capital da monarchia. Fiel respeitadora das tradições historicas, visitei o velho castello, conversei com a boa Custodia, ultima vergontea d'um tronco plebeu, mas celebre, cujas vergonteas passadas (vê como eu sustento a comparação) tem guar-

dado religiosamente aquelle sombrio monumento. Mostrou-me a torre de menagem, onde o grande rei D. Affonso Henriques encarcerou sua mãi D. Tareja; disse-me que estivera alli presa uma rainha; e deu-me a entender que essa rainha seria talvez mãi do sr. D. João VI, monarcha, além do qual começam para a boa Custodia os tempos fabulosos.

As funcções religiosas são aqui o meu unico entretenimento; e repara bem n'esta phrase, porque já deves ter presentido que ainda não principiou o verdadeiro assumpto d'esta carta, e que o motivo principal, porque eu te escrevo, tem-me acudido immensas vezes aos bicos da penna, não tendo eu feito senão repellil-o com uma descarga de banalidades. Esta phrase por conseguinte é o elo que deve ligar o meu doido prefacio ao meu romance, porque é um verdadeiro romance o que eu te vou contar, minha querida Julieta.

«Um romance em Guimarãs?» dizes tu com desdem. Sim, minha senhora, um romance em Guimarães! não querem ver a louquinha

que julga que os romances só se podem aninhar nas salas de Lisboa?

Tambem por cá os ha, senhora marqueza, e dos mais completos.

Era ao descaír da tarde, e o sol, mergulhando-se no occidente... tu dispensas-me do tom pomposo dos romancistas officiaes, não é verdade? Começarei mais singelamente.

Uma tarde d'estas, tinha eu ido á egreja da Collegiada assistir não sei a que solemnidade religiosa. As sombras do crepusculo envolviam a antiga nave n'um véu de mystica poesia. O clarão trémulo dos cirios esclarecia vagamente a multidão ajoelhada. O orgão gemia melancholico, derramando no templo as suas ondas de tristeza. A plangente melodia ora parecia elevar aos céus o echo purificado das preces do povo, ora derramava sobre nós não sei que longiquo reflexo dos hymnos celestiaes. Senti-me triste, e n'esse instante juro-te que percebi os extasis dos monges, que trocavam as alegrias do mundo pelos gosos ineffaveis das mysteriosas conversações com

os archanjos, que rasgavam as trevas da cella com a alvura das suas azas candidas.

N'este momento appareceu no pulpito o vulto do padre que ia prégar.

Parecia que o acaso tinha sido meu confidente, e que tinha transformado em realidade uma das visões, que me atravessavam o espirito.

Imagina tu um padre de vinte e tantos annos, com uma figura de apostolo, e com um rosto de archanjo. Nas suas feições juvenís, formosas e regulares, tinham de certo precoces macerações, cravado a sua garra inflexivel. Nos seus olhos azues, rasgados e expressivos, devia ter brilhado outr'ora a doce luz dos affectos terrestres; mas via-se que uma vontade poderosa tinha substituido a essa luz serena a chamma sombria do ascetismo. A testa contrahida e os labios frementes indicavam que refervia lá dentro uma cataracta de eloquencia, que se ía despenhar sobre o auditorio em ondas de indignação. A sua belleza realmente notavel não era comtudo a formosura suave do archanjo consolador, era

a formosura severa, ainda que celeste, do mensageiro das iras do Omnipotente. O seu vulto crescia na sombra, e a negra batina, que trajava, dava um grande realce á pallidez marmorea da sua physionomia.

Tu de certo ficas espantada, minha Julieta, das minuciosidades a que eu desço. Pois não tens rasão. Se eu te disse que te ia contar um romance, devias esperar que fosse romancista escrupulosa, e que te fizesse conhecer perfeitamente os personagens, que devem entrar em scena.

Calára-se o orgão, e a voz solemne do sacerdote elevou-se de repente para citar o texto latino do sermão. Depois principiou.

Fallou nas doçuras da vida monastica, descreveu os encantos da soledade ascetica, e fez-nos assistir em espirito ás mysteriosas vigilias d'esses monges da idade media, que liam claramente nas letras de oiro do firmamento a indizivel epopéa da Creação. Deixando voar o seu espirito atravez dos seculos, inclinou-se respeitosamente perante esses vultos veneraveis, que partiam sem o minimo

pesar os laços das affeições carnaes, e se refugiavam no deserto para poderem contemplar, a sós com Deus, a sua face esplendida.

Depois, fallando na actualidade, a sua voz tornou-se mais vibrante, e o seu rosto, illuminado pelos clarões cambiantes que fluctuavam na egreja, assumiu a expressão da magestade terrivel. Estygmatisou profundamente a decadencia da egreja, e fulminou a frieza da fé moderna. Confessou tristemente que o espirito divino nem sempre se dignava baixar ás almas dos ministros do Senhor; por que esses tabernaculos nem sempre eram puros bastante para conter no seu seio a arca da alliança. Lastimou indignado que os levitas do templo não tivessem força bastante para subjugar o demonio tentador, que affivelava no rosto infernal a mascara celeste do anjo da familia. Como a Sybilla de Octavio Feuillet, o joven apostolo queria que o sacerdote, isolado no presbyterio ou no recinto sagrado, apparecesse aos fieis como um vulto sublime, quando exercesse as suas augustas funcções. E havia um tal esplendor no seu

olhar, uma tão firme convicção na sua voz, cercava-lhe a fronte um tal reflexo da auréola evangelica, que todos o escutavam frementes e attentos, como se o pulpito se houvesse transformado no chammejante Sinai, e esse mancebo de rosto femenil fosse um novo Moysés, que repetisse, palavra por palavra, as inspirações do Omnipotente.

Desceu do pulpito, e ao mesmo tempo o visconde veio ter comigo, offerecendo-me o braço para sairmos da egreja. Ao chegarmos á porta, encontrámos o bello prégador, que se affastava lentamente, absorvido talvez n'alguma vaga *rêverie* religiosa.

—Bellissima estreia, sr. padre Henrique disse-lhe meu marido, ao passar junto d'elle.

—É bondade sua, sr. visconde, respondeu o prégador.

—Apanhei-o em boa occasião, accrescentou meu marido alegremente, vou apresental-o á viscondessa como um grande orador, e como um grande criminoso.

—Criminoso, eu, tornou o padre Henrique, fazendo-se ligeiramente córado.

—De certo; pois has-de acreditar, continuou o visconde voltando-se para mim, que tem recusado obstinadamente apparecer em nossa casa? Conto comtigo para o convencer-es.

—É um encargo difficil, respondi eu rindo; mas, se o sr. padre Henrique não tem motivos fortissimos, que obstem á realisação dos nossos desejos, espero que se deixará persuadir.

—Eu, minha senhora, respondeu elle inclinando-se, sou um pobre sacerdote, completamente deslocado n'uma sala. No meio das alegrias d'uma festa é a negra batina uma nodoa de tristeza. Não deve procurar as pompas do mundo quem fez voto de fugir d'ellas. Quem diz ao cadaver: «Levanta-te, e vai sentar-te de novo ao banquete da existencia?» Pois creia, minha senhora, que a mortalha negra é ainda mais pesada do que o branco sudario.

—Engana-se comtudo, insisti eu com a minha voz mais suave, se julga encontrar nas salas do nosso palacio arruinado as pompas

d'esse mundo que evita. Encontra apenas a doce convivencia, a leitura grave, e a conversação serena em torno da mesa, tudo isto temperado com algumas chavenas de chá. É uma scena intima da vida ingleza que veio refugiar-se em Guimarães.

—Ainda agora no meu sermão, respondeu elle gravemente, mas encarando-me ao mesmo tempo com um ardor extraordinario, disse o que pensava ácerca dos deveres do sacerdocio. Eu sou ainda um dos poucos que consideram como um dever praticar estrictamente as theorias que adoptam. O que digo cumpro.

—Tenho só um argumento a oppôr-lhe. É singelo. Peço eu.

Elle inclinou-se, e depois, com uma voz reconhecidamente alterada:

—V. ex.ª, disse elle, faz-me passar por uma das provações mais duras da minha existencia de sacrificios. Torna um pouco mais pesada a cruz que tomei com alegria aos hombros ao entrar na carreira sacerdotal. Mas, minha senhora, a minha resolução é inabalavel.

Esta resistencia inesperada, no momento em que eu descortinava no meu adversario todos os symptomas da prostração, exasperou-me. Levára-me tanto adiante o ardor da lucta que o meu orgulho não admittia a possibilidade de recuar. Fiz um gesto de impaciencia e accrescentei:

—O sr. padre Henrique deve necessariamente explicar de um modo mais satisfatorio essa extraordinaria recusa. É uma prova de desconsideração, que se deve basear forçosamente em solidos alicerces, que não podem ser outros senão ou o desprezo que sente por nós, ou a inconcebivel antipathia que eu immediatamente lhe inspirei.

—A mim? bradou elle, e no seu olhar fulgurou de repente uma inexplicavel chamma; apagando-a, porém, logo com um supremo esforço de vontade, continuou:

—O clero do nosso tempo tem infelizmente fundamentado essa suspeita de v. ex.ª. Não se imagina que haja um homem, que tome a sério as graves obrigações da sua missão sublime, e que tenha animo para trocar os fes-

tins ruidosos do mundo pela suave soledade do presbyterio. Ha-os ainda. Desculpe-me v. ex.ª se eu entendo que devo sacrificar a vã reputação de cortezia ao austero dever, que é n'este mundo a minha estrella. Nenhum dos motivos, que v. ex.ª apontou, é verdadeiro, escuso de lh'o dizer. Mas, custe o que custar, não devo desviar-me, nem por um instante, da arida estrada que vou trilhando, e na qual, quando os abrolhos me rasgam pungentemente os pés, tenho como refrigerio o suave bater das azas do archanjo luminoso, que sinto vagamente caminhar a meu lado.

—E julga que esse archanjo o abandonaria ao entrar em minha casa? Pobre profana que eu sou que nem os anjos do Senhor se atrevem a visitar-me o limiar. Tentemos a experiencia.

E, dizendo isto a sorrir-me, tinha posto a minha branca mão (não me tenho feito feia em Guimarães, sr.ª marqueza; tenho-me feito um ponco vaidosa, e *coquette*, accrescentas tu, em que se ha-de a gente entreter?) no braço do padre Henrique. Senti-o estremecer, vi-

lhe os labios agitarem-se vagamente, percebi que se fizera ainda mais pallido, se é possivel. Era certo o meu triumpho.

Mas de repente carregou o sobr'olho, desviou-me violentamente, e, apertando com as mãos a cabeça, fugiu como um doido pela rua fóra.

Eu e o visconde ficámos estupefactos (o visconde já o não estava pouco havia um bom pedaço). Eu fiquei alguns momentos pensativa, procurando obter a solução d'aquelle enigma de batina, e afinal desatei a rir perdidamente.

Decididamente tinha eu a honra de ser elevada pelo padre Henrique á inesperada dignidade de demonio tentador. Aos olhos d'elle a minha pobre mão transformára-se de subito em garra de Satanaz, e sentira no meu lenço, que estaria, quando muito impregnado em *jockey club*, um vago cheiro do enxofre do averno. Era eu a serpente, que induzia aquella Eva do seculo desenove á conquista do pomo vedado de uma chavena de chá. Obedeço ao contra-regra, e, já que elle me

encarregou d'esse papel, hei-de cumpril-o até ao fim, custe o que custar, como elle diz.

Que immensa carta, minha querida Julieta, e que extraordinaria vocação que eu teria para não ser m.me de Sévigné! Mas, como estou cançada de escrever, dou um golpe de Estado, e conclúo, promettendo-te a continuação d'este romancinho, que tão bem se annuncia.

Beijo a tua linda face, e protesto que sou sempre, sempre e sempre

Tua amiga do coração

Albertina

2.ª CARTA

Henrique de Castro a Paulo de Lima

Guimarães 16 de novembro de 1860.

Meu bom amigo

Estás de certo espantado do meu silencio,

e, á noite na solidão do teu modesto quarto lembras-te provavelmente dos epithetos de David e Jonathas, pelos quaes eramos conhecidos no seminario, e perguntas a ti mesmo, David inconsolavel, se o austero Jonathas te esqueceu. Esta carta vai responder á vaga pergunta, que a tua delicadeza de amigo te impediu de formular em palavras.

Não te esqueci, bem o sabes; mas n'estes ultimos tempos sentimentos tão extraordinarios se tem combatido no meu peito, que esperei que as ondas se acalmassem um pouco mais, para eu poder interrogar a minha consciencia, e confiar depois a resposta, que ella me desse, não só ao amigo, mas tambem e principalmente ao confessor.

Tu conheces, Paulo, as minhas inabalaveis convicções, e conheces tambem a minha quasi indomavel organisação. Presenciaste no seminario algumas d'essas luctas horriveis, em que o meu espirito arquejante tentava despedaçar os laças carnaes, e, quando entrevia já a ineffavel brancura dos archanjos que o animavam, caía de novo prostrado fatalmente na

inextricavol rede das tentações mundanas. A historia d'essas luctas, Paulo, tem sido a terrivel historia da minha existencia.

Como era formoso o meu ideal! Atravessar o mundo, involto no luminoso manto da minha impeccabilidade! Dar ao clero um subido exemplo, e ter na fronte como que o reflexo da immaculada alvura da minha consciencia! Viver n'uma Thebaida moral e ter o meu quarto povoado de visões celestiaes! Perguntar a Deus o segredo da existencia com uma voz tão serena, e fitar na sua esplendida face um olhar tão puro, que talvez o Omnipotente, sorrindo, erguesse ante meus olhos avidos uma ponta do véu que esconde os mysterios da natureza! Era grandioso, não era?

«Deixemos os outros, dizia eu, transformarem o sacerdocio sublime em sordida especulação. N'este seculo, em que a sagrada cruz é para uns bandeira sublime e para outros um madeiro que nada significa, refugiemo-nos com ella no cimo do Calvario, e mostremol-a de lá, radiante e immaculada, ao povo costu-

mado a vel-a entre a lama em que se roja. Não chegue ao nosso ouvido nem um debil echo das paixões da terra, e, quando Deus nos chamar á sua presença, vôe o nosso espirito sem esforço a abrigar-se no esplendido azul, de que se foi aproximando. Embora na trabalhosa subida venham as vaias da multidão tornar mais pungentes os abrolhos da estrada, embora cada passo, dado por nós na amargosa rua, tenha por animação uma gargalhada de ironia, caminhemos sempre impavidos, e, ao chegarmos ao cume da montanha, mostremos a Deus serenamente o livro da nossa consciencia, cujas figuras brancas nem sequer foram maculadas pela sombra de uma tentação.

Ahi tens tu, Paulo, quaes eram os meus pensamentos quando, debruçado sobre os livros santos, me enlevava horas inteiras na immensa poesia que elles respiram.

Como tudo se amesquinha, perante esse sublime poema do Evangelho! Como é possivel contemplarem-se sem desdem os prazeres da terra, quando se tem os olhos deslumbra-

dos pela immensa luz da auréola do salvador! Que vaidades do mundo valem a ineffavel gloria de ser o interprete escolhido, o confidente mysterioso, o apostolo eleito da Divindade? E não será prazer em vez de sacrificio conservar sempre puro e perfumado o coração, que deve ser visitado pelo Senhor, o templo aonde deve baixar a mystica pomba, o tabernaculo onde deve poisar a arca da alliança?

Oh! porque uniu Deus a um espirito, tão feito para o comprehender, um corpo tão accessivel a todas as tentações mundanas? Dando á minha alma estas aspirações sublimes, porque fez tão forte o involúcro material? E, se são tão rijas as paredes do carcere terreno que as não póde romper o espirito ancioso da liberdade, porque me não envia o archanjo da morte, como outr'ora enviou ao apostolo um dos seus anjos para descerrar-lhe as portas da prisão?

Não o sei. Infelizmente nas minhas horas de vigilia vejo passar entre mim e as sagradas paginas, em vez das candidas visões que

evoco, mil vultos gentis de demonios tentadores! Quando o meu espirito procura contemplar serenamente os esplendores da Eternidade, lá se me vão os olhos do corpo enlevados na chammejante luz de um olhar fascinador! Vôo a prostrar-me ante o altar de Deus, e fico-me adorando os idolos terrenos! Ministro de Jehovah, queimo incensos aos pés do irresistivel Baal da formosura! Tenho nas tranças doiradas o bezerro d'oiro, por quem professo uma céga idolatria! E debalde lucto, debalde procuro domar a minha rebelde organisação! Como um cavallo fogoso, que, na carreira desenfreada, só obedece ao cavalleiro, quando vê diante de si as pavorosas fauces do precipicio, assim os meus sentidos rebeldes só me obedecem, quando se vêem proximos do abysmo, onde desappareceria a minha alma partindo os laços dos votos sacerdotaes! Que luctas estas, Paulo! E que dramas horrendos se me não travam ás vezes no intimo do peito!

Tu sabes que foi este o motivo que me obrigou a saír de Lisboa, e a procurar um

abrigo n'algum modesto presbyterio provinciano. Longe do bulicio do mundo escuta-se melhor a voz da Providencia! As brisas frescas do campo acalmam depressa os fervidos sentidos. Já que o seculo me nega o recurso de um convento, abrigo-me, exilado do mundo, n'este claustro de verduras, onde tenho por cella uma casinha humilde, cujas paredes são tapetadas pela baunilha e pela madresilva, onde o templo é a immensidade, e onde rezo matinas com o doce acompanhamento dos passaros da alvorada.

Parecia-me que esta idéa me fôra suggerida pela Divindade! Fui tão feliz nos primeiros dias!

O meu anjo máu levou-me a prégar na egreja da Collegiada. A casa do Senhor intimidou talvez o anjo das trévas. Não ousou perturbar-me no recinto sagrado; esperava-me á porta para se vingar bem crùelmente.

Não me atrevo a contar-te a scena rapida em que fui, bem a meu pesar, actor. Dir-te-hei apenas para te fazer comprehender o resto da minha carta, que a viscondessa de B..., se-

nhora, cuja fama de belleza tinha sido incentivo para eu a evitar, empregou todos os recursos da garridice, desenvolvendo toda a infernal astucia de uma mulher caprichosa, para me obrigar a ir a sua casa. Não o conseguiu.

Ah! mas, emquanto eu luctava animosamente contra as instancia da viscondessa, ganhava ella em mim um alliado poderoso contra mim mesmo. O olhar meigo e acariciador que em mim fitava, a luz provocadora que dardejavam os seus negros olhos aveludados, a graciosa ondulação com que agitava as suas tranças d'ébano, que rescendiam voluptuosidade, o sorriso infantil, que lhe entreabria os labios gentís, formando-lhe ao mesmo tempo duas covinhas tentadoras nas faces. . . Oh! Paulo, não leias este periodo, tu, despretencioso mas verdadeiramente casto sacerdote, como deves desprezar o teu intimo amigo, que no seu orgulho absurdo se jactava de ser o exemplo do clero, e que cede á tentação vulgar de descrever os vãos encantos da formosura material!

Fosse como fosse, o que é certo, Paulo, é que essa mulher me enlouqueceu a ponto de me fazer fugir como um doido para poder conservar a isenção que procurei, saindo de Lisboa.

Refugiei-me em casa, e, deitando-me sobre a cama, desabafei em soluços. Depois de tanto luctar, depois de tanto combater, chegára apenas a convencer-me da inutilidade dos meus esforços, e da facilidade com que esse grão de areia, a que nas salas se dá o nome de *coquetterie*, podia fazer tombar o carro do meu orgulho.

Alta noite vieram-me chamar para ir ministrar os soccorros da religião a uma pobre mulher, para quem tinha soado a hora do passamento. Chovia immenso; ao anoitecer, tinha-se levantado uma tempestade, e o vento batia com furor nas portas e nas janellas da minha residencia. Agradou-me essa tormenta providencial, como deve agradar o cilicio logo depois da tentação.

O caso era urgente, e portanto, depois de ir buscar os Santos Oleos, puz-me logo a ca-

minho, acompanhado pelo homem que me viera chamar.

A agua caía em torrentes, e batia sinistramente nas pedras das ruas escuras de Guimarães. O vento soprava com violencia, e os relampagos, que illuminavam de vez em quando os campos que rodeiam a velha cidade, mostravam-me as arvores curvadas todas, como uma procissão de espectros negros, ao sopro do vendaval.

Eu saboreava com delicias a amarga voluptuosidade da tormenta.

Chegámos á porta do palacio da viscondessa de B... O meu conductor parou.

—É aqui? perguntei eu com um espanto que tu facilmente comprehenderás.

—É, sim senhor, foi a resposta que obtive, a moribunda é creada do sr. visconde.

Deves confessar, Paulo, que era dura a provação a que Deus me sujeitava. A mais heroica fortaleza não resistiria facilmente; como poderia resistir a minha fragilidade?

Entrei; estava tudo a pé. A velha creada era muito da estimação da viscondessa; por

isso se lhe prodigalizavam os maiores desvelos.

A pobre mulher nem me conheceu. Os olhos, que, cerrados para a terra, se descerravam para o céu, deslumbrados pela esplendida visão do throno augusto do Omnipotente, não podiam já ver a luz da religião, pallido reflexo do fulgurante sol que a morte lhe entremostrava.

Depois de empregar todos os esforços, vendo que era inutil a minha presença, saí. No corredor encontrei a viscondessa.

— Vai-se já embora, sr. padre Henrique? perguntou-me ella com doçura.

— Sim, minha senhora, respondi eu seccamente.

— Peço-lhe que acredite, continuou ella, baixando os olhos e com uma adoravel expressão de timidez na voz, peço-lhe que acredite que só a extrema urgencia dos soccorros espirituaes para esta pobre mulher me obrigou a mandal-o chamar. Sabia a repugnancia com que o sr. padre Henrique viria a esta casa, e só, depois das instancias dos medicos,

resolvi incommodal-o. Talvez por isso tenha que dar contas a Deus.

—Eu nunca me recuso ao cumprimento de um dever, minha senhora; assim que me mandasse chamar viria immediatamente. Agora, se me dá licença, retiro-me. A minha missão está acabada.

—Sei que as minhas observações lhe serão suspeitas; assim a que eu lhe vou fazer timidamente, e que me é apenas inspirada pela affeição que sempre tive a essa pobre Delphina, estou certa que o não demoverá da sua resolução. Mas não acha que póde vir ainda algum momento lucido, no qual seria o confessar-se grande allivio para a triste velha? Faça o que quizer; eu apenas lhe lembro...

O demonio da tentação disfarçava-se em anjo do dever. Mas que resolução podia eu tomar? Fiquei.

A viscondessa nem parecia reparar no seu triumpho. Passando adiante, ligeira e graciosa como um passarinho, conduziu-me ao salão.

Ardiam duas velas em cima da meza. O

visconde, sentado n'uma poltrona, com um charuto apagado entre os dentes, dormia.

Acordou sobresaltado, quando nós entrámos. Olhou para mim estremunhado, estendeu-me uma das mãos, bocejou, abriu os braços, reaccendeu o charuto, e disse-me com uma voz de somnambulo:

— Ora ainda bem que veio, padre Henrique. Fique a fazer companhia a minha mulher que estou a caír de somno. Muito boas noites.

Pegou n'um castiçal e retirou-se.

Oh! em que horriveis situações nos colloca, a nós outros padres, o caracter sacerdotal! Ninguem se receia de nós, e os maridos confiam-nos suas mulheres com tanta segurança, como se nós fossemos uns entes superiores ou inferiores á humanidade. Ou nos julgam santos, ou nos consideram os eunuchos moraes do vasto harem da sociedade civilisada.

Quantas vezes a situação excepcional, em que me collocavam os meus deveres ecclesiasticos, me sujeitou a horriveis provações! Quantas vezes, no recinto do confessionario,

sentí eu a febre das paixões mundanas vir alterar-me a voz, que pretendia ser severa, quando, a sós com alguma formosa donzella, lhe escutava confidencias, que me perturbavam mais a mim do que á ingenua confessada.

Tenho de cór um trecho de um livro que o nosso condiscipulo Barbosa levára ás escondidas para o seminario, e que me impressionou immenso por ser a fiel traducção dos meus pensamentos. Não me lembra qual era o livro, sei que dizia assim, fallando dos padres:

«Prohibem-lhes o amor, o casamento sobretudo, e apesar d'isso entregam-lhes as mulheres. Não podem ter uma, e vivem com todas, não só familiarmente, mas intimamente, possuindo a sua confiança, conhecendo o segredo das suas acções occultas, e de todos os seus pensamentos. A innocente donzellinha, ainda abrigada debaixo da aza maternal, escuta o sacerdote que a chama, que lhe falla a sós, e que lhe nomeia o peccado, antes d'ella poder peccar. Sósinhos, e, não tendo

por testemunas senão as paredes e as abobadas da egreja, conversam. Em que? Ai! em tudo o que não é innocente. Fallam ou antes murmuram com voz baixa, e as suas bocas se approximam, e os seus halitos confundem-se. Isto dura uma hora e renova-se frequentes vezes.»

São infelizmente grandes verdades estas que citei. Mas, se d'essas perigosas conversações sae sempre ligeiramente maculado o candido véu da innocente, ah! quanto ellas não affrouxam os laços que ligam o sacerdote ao altar!

Desculpa esta comprida digressão. Era necessaria para te fazer perceber o estado em que me deixou a inesperada saida do visconde.

A chuva continuava a caír com volencia. Fui-me encostar á vidraça de uma das janellas, e fiquei-me a contemplar os fios de agua que sulcavam os vidros, e as gotas de chuva que tremiam, penduradas dos caixilhos. A noite estava medonha. Escuridão completa. Um dos vidros da janella reflectia a imagem

do quarto, e no meio das trevas da rua pareceu-me ver surgir o rosto esplendidamente formoso da viscondessa. Voltei-me com despeito.

A viscondessa tinha-se como que enroscado na poltrona, e enrolava machinalmente pedaços de papel que ia depois queimar na luz da vela. Embrulhada n'um chaile com a cabeça languidamente recostada, tudo na sua attitude parecia uma provocação horrivel.

— Está uma noite medonha, sr. padre Henrique, disse ella.

— É verdade, minha senhora.

— Deve ser triste morrer n'uma noite d'estas.

— A morte é sempre uma felicidade, respondi eu, exprimindo involuntariamente em palavras o pensamento, que me acudira ao espirito.

A viscondessa olhou para mim espantada.

— É essa a sua opinião?

— Pois não é sempre uma felicidade, balbuciei eu em resposta, abandonar este valle de

lagrimas, para ir contemplar na bemaventurança a face do Omnipotente?

—Sim, de certo, continuou ella com umas adoraveis maneiras de creança, isso é bom para as pessoas exemplares. Mas eu, que sou uma pobre peccadora, que nem sequer me confesso todos os annos, tenho muito medo de dar contas a Nosso Senhor.

—Ainda está a tempo de se converter, respondi eu procurando tomar um tom de severidade, ainda está a tempo de voltar ao gremio da Egreja.

—Eu! Ainda não encontrei apostolo capaz de operar a minha conversão! Sou uma estouvanada, se quizerem, mas boa rapariga no fundo. Comtanto que me deixem valsar, e que não me façam estar de joelhos muito tempo, estou prompta a ser o modelo das catholicas. Olhe, sr. padre Henrique, peço-lhe que se não zangue comigo, mas creia que isto é a verdade: Sabe porque eu já me não confesso? Porque todos os padres, a quem me confessei, tomavam rapé, com a circumstancia aggravante de me prégarem mo-

ral. Dizem que a salvação de uma pessoa tem tres inimigos, o diabo, o mundo, e a carne, e eu accrescento — e o rapé. Confesso que tenho odio ao tabaco sacerdotal, e por isso digo a Deus *mea culpa*, *mea culpa*, *mea maxima culpa*. Eu, quando ouvi prégar o sr. padre Henrique, tive um presentimento de que não pertenceria á especie por mim detestada. Na ausencia da caixa entrevi a minha regeneração religiosa. Segui com uma anciedade febril todos os seus movimentos. Oh! mas quando vi surgir um lenço branco, então a alegria inundou o meu pobre coração, prostrei-me no pó do templo e bradei com fervor: Eu vos agradeço, meu Deus, porque ouvistes compassivo o grito de afflicção da vossa serva, e lhe enviastes misericordioso um apostolo, que não usa lenço de algodão vermelho.

E a endiabrada viscondessa, depois de dizer tudo isto com a gravidade mais comica, desatou a rir como uma louca, ao ver a austeridade da minha physionomia.

—Mas essa taboa de salvação fugiu-me, continuou a viscondessa, e o missionario que

Deus me enviou, evita-me em vez de procurar converter-me. E, quando eu lhe confesso as minhas culpas, trata-me com ar severo, e diz-me, franzindo os sobr'olhos: «Ainda está a tempo de se converter!» Assim não consegue nada.

E, depois de me ter arremedado, a viscondessa lançou-me um olhar travesso, e poisou indolentemente o tentador pésinho na travessa de uma cadeira, que estava collocada entre mim e ella.

—E comtudo, continuou em voz baixa, creio que nos haviamos de entender. Parece-me que ha entre nós ambos uma certa identidade de circumstancias. Creio que somos ambos obrigados a travar a mesma lucta com identicas paixões, e que ambos procuramos suffocal-as, eu com as distracções da sociedade, o senhor com as obrigações da Egreja.

— Que quer dizer? bradei eu um tanto perturbado.

—Parece-me, continuou ella, com uma voz que já parecia um murmurio, e tornando cada vez mais languido o seu olhar, parece-me

que o celibato deve ser bem rigoroso para um coração ardente, e que a fria idéa do dever não é bastante para acalmar o ardor dos sentidos. Parece-me que o amor consagrado pela creatura á Divindade, ainda que tenha os extasis e os delirios com que Thereza de Jesus o adornava, e que não eram mais do que expansõe sapaixonadas do affecto, que a devota hespanhola sobrescriptava para Deus, para que lh'o desviasse dos homens, parece-me que esse amor não substitue sufficientemente as meigas affeições da juventude. Parece-me que um rapaz, cheio de fogo, possuindo uma imaginação perigosa, deve ser frequentemente salteiado por esse risonho Satanaz, a que a mythologia grega dava o nome de Cupido. Creio emfim que, por mais carregada que seja a mascara da austeridade, que um sacerdote queira affivelar no seu gracioso rosto de adolescente, ha-de caír alguma vez n'uma hora de tentação.

E os seus olhos fitavam-se em mim com uma expressão voluptuosa, e os seus cabellos, agitando-se, inebriavam-me de perfumes.

*

Não lhe respondi, e procurei levantar-me.

—Póde ser tambem, continuou ella, suspendendo-me com o olhar, que uma rapariga de vinte e dois annos, casada com um homem de quarenta, não encontre no matrimonio o ideal devaneado. Póde ser tambem que, ligada pelo máu destino a um homem senil, que já lhe não póde offerecer amor, porque o desfolhou petala a petala em todos os recantos impuros do mundo social, tenha que luctar comsigo mesmo para resistir á tentação de revelar a um coração virginal os ineffaveis mysterios das intimas affeições...

—Mas, minha senhora, balbuciei eu todo tremulo, essas confidencias...

—Póde ser que ella tambem precise de ser amparada por um braço robusto para não tropeçar a cada passo, póde ser que haja mister de conselhos, de consolações, e sobretudo de exemplos. N'essa lucta perigosa, aquelle que está mais preparado pela educação e pela vontade para entrar n'ella, deve prestar auxilio a quem póde facilmente succumbir. Creia n'isto.

—Minha senhora, respondi eu agitadissi-

mo, confesso-lhe que tremo de perceber as suas palavras. Falla-me em coisas que me perturbam por tal fórma!... Oh! não posso continuar a ouvil-a.

—Bem sabe que ha noites fataes, continuou ella, sem parecer ouvir-me, em que tudo se reune para agitar o caração. Então o silencio, a tíbia meia luz da sala, a agitação tempestuosa da natureza, tudo convida a amar, tudo provoca as expansões da sympathia. Então partem-se todos os laços sociaes, esquecem-se todos os deveres de convenção, e escuta-se apenas essa voz mysteriosa, que vem ao nosso ouvido murmurar essas tres palavras magicas da senha pagã da duqueza de Nevers «Eros, Cupido, Amor.»

Eu levantei-me. Faltava-me a respiração. Ia a dirigir-me para a porta. Não sei como acheime encostado ao espaldar da poltrona da viscondessa. Esta levantou a fronte, e fitou sorrindo nos meus olhos os seus olhos negros. Tentei desviar-me da cadeira, e não pude. A voz embargou-se-me na garganta, e, por mais que quizesse, não podia desfitar os meus olhos

dos d'esse gentil demonio. Com mão tremula atrevi-me a tocar-lhe nos cabellos, recúei impetuosamente, mas, ao recúar, trouxe preso á mão o chaile da viscondessa. Os hombros mais esplendidos de alvura, mais esculpturaes de fórmas, se desvelaram aos meus olhos perturbados. Eram uns hombros pagãos, que fariam arrepender S. Jeronymo de se ter convertido ao christianismo. Oh! Paulo, como t'o hei-de dizer? Os meus labios, que devem só tocar no santo calix, ousaram tocar n'aquelle pomo vedado. A viscondessa desvioume brandamente e sorriu.

Mas n'esse instante os meus olhos encontraram n'um espelho fronteiro a minha palida imagem. Todo o immenso alcance do sacrilegio, que eu acabava de commetter, se me revelou instantaneamente. Medi com horror a profundidade do abysmo em que eu me tinha precipitado, e um tal desespero se apoderou de mim, que uma nuvem de sangue me passou por diante dos olhos, soltei um grito e caí desmaiado.

. . . . . .

. . . . . .

Quando acordei, brincavam nas cortinas brancas do meu leito os raios do sol claro e alegre de um bonito dia de inverno. A minha velha creada estava ao pé de mim, e offerecia-me um caldo. Julguei que fôra um sonho tudo quanto se passára.

A boa Josepha contou-me que uns creados da viscondessa tinham vindo trazer-me em braços a casa seriam tres e meia da noite; que tivera uma febre violentissima, e que dissera no meu delirio disparates incriveis.

Sem attender aos seus conselhos levantei-me logo para te escrever. Tenho estado, como podes imaginar, n'uma agitação immensa e com incrivel desespero se tem apoderado de mim. Eu não posso viver, Paulo. A minha existencia seria um inferno. Digo-t'o com a maior tranquillidade. Para um crime, como o que eu commetti, não ha no mundo expiação.

Absolve-me, Paulo, como se eu estivesse *in articulo mortis*. Será uma consolação para os meus derradeiros instantes, se Deus me fi-

zer a mercê de me enviar a morte. Se assim acontecer, ó meu bom e fiel companheiro, reza algumas vezes pela alma do

Teu amigo

Henrique.

CARTA 3.ª

A viscondessa de B... á marqueza de L...

Minha querida Julieta

Triumpho, triumpho completo! Ah! o poder das mulheres não é uma ficção, e decididamente a *coquetterie* é a rainha do mundo, *God save the queen!*

Todas as Evas, quando querem, fazem devorar aos Adões o fructo prohibido. E não lhes fica atravessado na garganta! Qual historia! saboreiam-n'o que é uma delicia! Devo excluir d'esta regra geral o Adão, cuja proscripção do Paraizo eu me encarreguei de promover, porque esse, apenas lhe tomou o

gosto, sentiu-lhe o travo. Estes homens nem ao menos tem firmeza na rebellião.

Contei-te, na minha ultima carta, a insolencia com que um Narciso sacerdotal ousava rebellar-se contra as minhas prescripções. Contei-te como o severo padre Henrique suspeitára dentro da minha botina á hespanhola a existencia do pé caprino, que distingue a deusa de uma das lendas de Alexandre Herculano. Fiz-te presentir a vingança por mim premeditada. Jurei-te que faria como a m.me d'Ermel, d'Octavio Feuillet, curvar-se ante mim o Sicambro a adorar o idolo que pretendera queimar. Cumpri a minha promessa.

Como as letras d'essas cartas mysteriosas, que reapparecem quando se approximam do fogo as suas paginas apparentemente brancas, assim a indole voluptuosa d'aquella organisação extraordinaria se revelou, logo que submetti á prova de fogo dos meus olhares a candidez immaculada do pobre sacerdote. A sua loucura ultrapassou tanto os limites, que eu lhe tinha fixado, que, se elle não toma a

heroica resolução de desmaiar, eu havia de me ver embaraçada.

Não imaginas o que me tenho rido com esta aventura. Estou com medo de me encontrar com elle. Nem o quero fazer córar, nem quero que o pobre moço tenha o trabalho de me exorcismar em regra.

. . . . . .

. . . . . .

Ai! minha querida Julieta, como eu me arrependo de ter começado esta carta n'um tom tão jovial, tendo de a acabar de um modo tão triste! Ai! minha boa amiga, que funestos resultados teve a minha *coquetterie!*

Estava eu a escrever-te, quando uma creada me veio dizer que o padre Henrique me desejava fallar! Sorri-me, e preparei-me para o receber.

Entrou; quasi que o não conheci. Umas olheiras profundissimas davam um realce incrivel ao brilho febril e desvairado do seu olhar! Emmagrecera em dois dias, e nas faces cavadas aninhára-se a lividez dos cadaveres.

Chegou ao pé de mim e ajoelhou. Eu olhava para elle espantado.

—Antes de morrer, disse-me elle com voz triste, quiz pedir-lhe perdão. A scena escandalosa, que por minha culpa se passou em sua casa, havia de a affligir. Desculpe-me. Porque lhe deu o Senhor tanta formosura e a mim tão pouco valor? Porque submettteu Elle a tão rude experiencia as minhas debeis forças? Succumbi. Não admira. Nem Jacob pôde luctar com um anjo.

Depois levantou-se, e continuou melancolicamente:

—Eu não sei bem se a amei. Não sei se é amor a immensa excitação dos sentidos. A taça d'oiro, que attrahia implacavelmente os meus labios soffregos, e em cujas bordas por meu mal toquei, não sei se continha o abençoado licor, ou simplesmente o veneno da perdição. Fui bem criminoso e bem castigado sou. Ousei rebellar-me contra todas as leis divinas e humanas, oh! mas tenho na minha consciencia o cadafalso. Eu, ministro do Senhor, ousei attentar contra a santidade do

casamento, e contra a santidade do sacerdocio. Ha mais horrendo crime?

E as lagrimas caíam-lhe quatro a quatro pelas faces. Eu nem podia proferir palavra. Imagina, Julieta, os remorsos que se agitavam no meu seio.

—Olhe, eu bem sei que me espera a condemnação eterna, porque o arrependimento não ousa entrar no meu peito, maculado pela constante visão d'aquelle ineffavel sacrilegio. Quero implorar o perdão de Deus, e venho implorar o seu, para que? para a ver, para lhe dizer que a amo, para lhe dizer que soffro, e abençôo o soffrimento, que acceito com delicias as chammas infernaes; porque o fulgor d'essas chammas é a luz dos seus olhos. O meu corpo não póde supportar esta horrenda lucta, a morte vem perto, e a morte será talvez a purificação. Pois bem! tenho pena de morrer, porque a não vejo mais; e porque não posso pagar com uma eternidade de tormentos uma hora de venturas.

E, completamente desvairado, aquelle pobre doido cobria-me de beijos as mãos.

Eu estava aterrada. Não tinha previsto estas consequencias.

—Socegue, sr. padre Henrique, disse-lhe eu timidamente, uma vida exemplar como a sua ha-de pesar mais na balança divina do que um instante de delirio. Bem sabe que Deus perdôa muito a quem muito ama.

—Como eu amei? balbuciou elle em voz baixa.

N'este instante appareceu meu marido. Ao vel-o, o padre Henrique encarou-o com um olhar attonito, e, sem dizer mais palavra, desappareceu.

Meu marido, costumado a estas excentricidades do padre Henrique, encolheu os hombros e riu-se. Eu confesso-te que estou n'um estado de agitação incrivel. O que saírá d'aqui?

Não fecho esta carta para poder participar-te o que fôr succedendo.

— Como hei-de eu expiar este capricho, Julieta?

18 de novembro ás 11 horas da manhã.

Succedeu o que eu tinha previsto. Os sym-

ptomas d'uma congestão cerebral, que já se revelavam hontem na linguagem febril do padre Henrique, aggravaram-se esta noite, e a minha victima está moribunda. A minha victima sim, porque fui eu quem o matou, Julieta, e hei-de ver nas minhas noites de insomnia aquelle pallido phantasma, chamando-me «assassina, assassina.»

4 horas da tarde.

Acabaram-se-lhe os soffrimentos. Foi meu marido quem me deu a noticia, e tive animo para me conter. Oh! mas agora desabafo comtigo, e, no meio das minhas lagrimas, confesso-te, filha, que o amei.

19 de novembro.

Enterrou-se hoje pelas cinco horas da tarde. Fui-o esperar ao cemiterio. O sol sumia-se no occaso, derramando nos campos a serena melancholia da tarde. O psalmear dos padres, que acompanhavam o caixão, mistu-

rava-se com os suaves murmurios do expirar do dia. Tinha uma lugubre grandiosidade aquella scena. Quando o caixão desappareceu na cova, e que as enxadas o cobriram de terra, senti o coração despedaçar-se-me. Quanto soffri, meu Deus!

Apesar de ser aqui ainda costume sepultarem-se os mortos nas egrejas, o padre Henrique prohibiu expressamente que assim o fizessem. Só eu comprehendo o escrupulo do pobre moço. Receiou profanar a casa do Senhor.

Todos se retiraram, e eu fiquei sósinha no cemiterio. O sol sumira-se de todo, e a brisa fria de um crepusculo invernal começava a entoar nas ramas das arvores o seu hymno lugubre, como se quizesse continuar os psalmos funebres dos padres. Caí de joelhos junto da cova e chorei.

Talvez o orvalho das lagrimas consolasse um pouco aquella flôr extincta, talvez aquelle santo que eu fiz martyr, estremecesse de prazer debaixo da terra, ao sentir a doce impressão dos meus prantos, talvez a sua alma

angelica, purificada pelo soffrimento, obtivesse para mim o perdão de Deus, já que eu não posso obter o perdão da minha consciencia.

Tua amiga do coração

Albertina.

EPILOGO

Era alta noite quando Eduardo Hill acabou de ler as cartas que lhe revelavam o segredo do procedimento da viscondessa. A historia do padre Henrique commovêra-o profundamente. Vira, como que á luz de um relampago, o abysmo que o esperava se elle perseverasse no seu estulto sacrificio. Tambem o padre Henrique se julgára forte bastante para fazer á exaltação religiosa o sacrificio das suas paixões, e, quando afinal lhe apparecera um gentil demonio como a viscondessa, succumbira logo, apesar da sua probidade, apesar da nobreza do seu caracter, apesar da austeridade dos seus habitos.

Prendendo-se nos laços conjugaes, como o

padre Henrique se prendêra no celibato sacerdotal, Eduardo ia expôr-se a si e iá expôr sua mulher ás mais pungentes amarguras, que podem entrar n'uma familia, e ao mesmo tempo Amelia, que do seu lado fazia iguaes sacrificios, estava exposta a identica sorte. Essa abnegação, que elle julgava indispensavel e com o seu quê de sublime, não fazia senão condemnar tres existencias a uma vida de tristeza, e de lucta.

Foi então que Eduardo comprehendeu bem a suave intervenção da viscondessa. A pobre senhora julgava-se culpada de *coquetterie*, e queria resgatar o seu crime que tivera tão tristes consequencias, fazendo-se, por assim dizermos, a irmã de caridade do amor, a enfermeira dos doentes da alma, como Eduardo e Amelia. E comtudo a verdade, que a viscondessa mal presentia, era que ella amára Henrique, da mesma fórma que fôra amada. Julgava-se simplesmente fascinadora, quando se deixára fascinar tambem, e, onde ella via apenas um crime de *coquetterie*, não estava senão o perigo de haver corações livres e

imaginações vagabundas, quando o propri
tario do coração e da phantasia está preso no
laços do matrimonio.

Pouco tempo depois Eduardo Hill pedi
em fórma ao conselheiro Castro a mão de su
filha Amelia. Devemos dizer que o conse
lheiro, que se affeiçoára a Eduardo apesa
das suas discrepancias litterarias, ou talve
antes por causa d'isso, pela primeira vez d
sua vida não encontrou uma citação latina
e apenas disse: «Ó Deuses immortaes!» em
portuguez.

A mãe de Amelia estava satisfeitissima,
o conselheiro Barata não pôde tambem de
xar de applaudir, lamentando apenas que nã
estivesse vivo o padre Theodoro d'Almeid
para abençoar este matrimonio.

Sophia e Ernesto não casaram ainda. E
nesto não ousa dizer á sua noiva que desej
principalmente que ella morra, para que
sua sombra lhe seja inspiradora, como a d
Graziella ou de Elvira a Lamartine, e que
persistindo em ter boa saúde, lhe inutilis
umas poucas de paginas ensopadas nas lagr

mas de *Raphael*, que elle já tem mettidas ao canto da gaveta.

Ainda ha quem supponha que afinal de contas é muito problematico o seu casamento.

Encontrei no Bussaco Eduardo e sua gentil esposa, e, uma vez que fallavamos em romances, disse-me elle sorrindo:

—Tomáras tu apanhar a historia do meu casamento. Imprimias-me vivo.

—E imprimo, acudi eu vivamente. Venha a historia, mudam-se os nomes, altera-se um ou outro caracter secundario, e estão as susceptibilidades salvas.

—Eu entregava-me nas tuas mãos, mas preciso da authorisação de outra pessoa, porque afinal o meu romance consta de dois.

—Melhor! Diz Theophilo Gautier que só conheçe uma coisa peior que um album, e vem a ser dois albuns. Pois de romances dados digo eu o inverso.

Separámo-nos. No inverno immediato o creado de Eduardo bateu um dia á minha porta. Trazia-me um embrulho e um bilhete. O embrulho encerrava dois massos de cartas,

um atado com uma fita preta, outro com uma fita côr de rosa. O bilhete dizia o seguinte:

«*Imprimatur*. Os dois romances ahi estão; se queres o laço que os liga, vem tomar chá comigo depois de ámanhã. Dou-te tempo para lêres as cartas que são autographas, excepto a do padre Henrique ao seu amigo Paulo de Lima, copia que a viscondessa de B... obteve, não sei como.

Post-scriptum. — Usa largamente dos pseudonymos e das iniciaes com estrellinhas.»

Seguia-se a assignatura.

No dia aprazado estava eu em casa de Eduardo Hill, que me contava os incidentes exarados na parte não epistolar d'esta veridica historia.

— Que titulo havemos de dar a isto, para que envolva a um tempo o teu romance e o romance da tua salvadora? perguntei eu quando elle acabou.

— Oh! um bem simples, tornou elle, o SEGREDO DA VISCONDESSA.

FIM

INDICE

Pag.

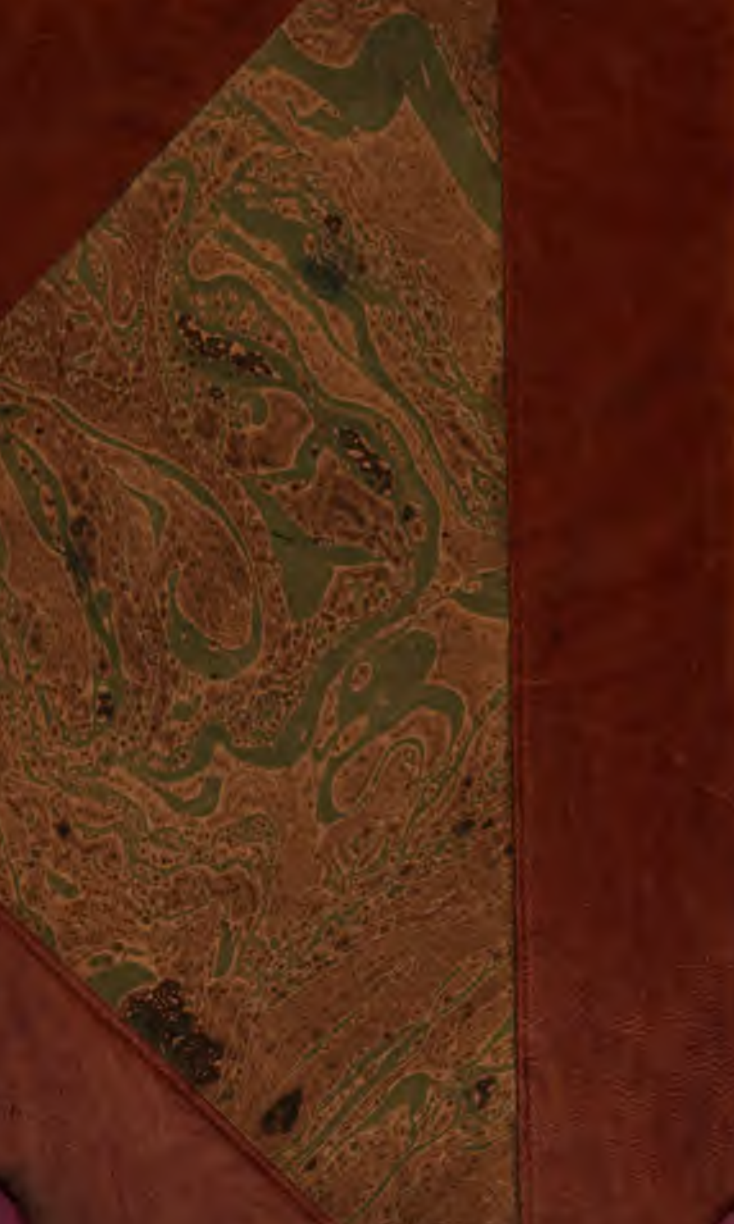
I — O masso côr de rosa 5

II — Novos personagens 125

III — A confissão..... 143

IV — Duas almas á Lamartine..... 155

V — A scena do jardim..... 173

VI — O masso negro..... 191

Epilogo..... 241